

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SISI BLIND

ECOS DE UMA HISTÓRIA SILENCIOSA:
GRUPOS DE OASE DA IECLB

São Leopoldo

2009

SISI BLIND

ECOS DE UMA HISTÓRIA SILENCIOSA:

GRUPOS DE OASE DA IECLB

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Teologia Prática

Orientador: Oneide Bobsin

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B648e Blind, Sisi

Ecoss de uma história silenciosa : grupos de OASE da
IECLB / Sisi Blind ; orientador Oneide Bobsin. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2009.

161 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.
São Leopoldo, 2009.

1. Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas.
 2. Mulheres luteranas – Brasil. 3. Mulheres – Vida religiosa.
 4. Papel sexual. 5. Mulheres na Igreja Luterana – Brasil.
- I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: _____
Prof. Dr. Oneide Bobsin (Presidente)

2º Examinador: _____
Prof.^a Dr.^a Clarissa Eckert Baeta Neves (UFRGS)

3º Examinador: _____
Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto (EST)

AGRADECIMENTOS

Rubem Alves, em suas sábias inspirações, escreveu: “simplicidade é isso: quando o coração busca uma coisa só”. Os retalhos para a confecção desta colcha foram sendo reunidos a partir da sabedoria e da simplicidade das tessituras do cotidiano. Neste percurso, muitos elementos foram sendo agregados ao processo de construir os sinais visíveis desta trajetória de buscar, nos movimentos silenciosos do espaço cotidiano, as cores e os fios dessa costura de histórias invisivelmente arraigadas nas memórias comunitárias.

A produção de uma dissertação de mestrado é a junção de distintos retalhos, mas só chegamos a eles com as interações, os incentivos, os contatos e, especialmente, com os instrumentais para que os fios possam ser tecidos ajuntando esses fragmentados retalhos. Assim, gostaria de expressar o meu carinho e reconhecimento às pessoas e instituições que tornaram essa tarefa possível. Agradeço:

- *Ao Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST pelo espaço e a disponibilidade de pessoas que me orientaram nesse processo;*
- *Ao Pro-Educ pelo encaminhamento do projeto de estudos à Federação Luterana Mundial, tornando possível a manutenção na academia;*
- *Ao Professor Dr. Oneide Bobsin, orientador e incentivador dessa tarefa. Ele colocou em minhas mãos o desafio de olhar para as ações do cotidiano das mulheres da OASE e trazê-las para a experiência acadêmica;*
- *A todas as mulheres da OASE, tecedeiras da vida e construtoras do cuidado em torno das mesas da partilha;*
- *Ao Conselho Nacional da OASE que disponibilizou, através de sua então presidente, Gudrun Braun, os documentos para a pesquisa;*
- *À Diretoria da OASE do Sínodo Norte Catarinense, que permitiu que seu arquivo documental permanecesse comigo para usá-lo com liberdade e disponibilidade;*
- *Às mulheres do grupo de OASE Rosa de Curitiba, pela prontidão e colaboração e disponibilização dos documentos;*
- *Ao Jornal A Semana, na pessoa do Hélio, que se dispôs a remexer nos arquivos do jornal permitindo o acesso para a pesquisa;*
- *Aos amigos e amigas que apoiaram, hospedaram, perguntaram, motivaram e incentivaram. Nomina-los não é possível, mas através de Rodolfo, Erli, Ezequiel e Dilceu, quero afagar a todos que abraçaram esta causa comigo;*
- *À minha mãe, que silenciosamente contribuiu nos afazeres domésticos e comunitários por toda a sua trajetória de vida;*
- *Ao meu filho Christiano pelo carinho, compreensão e, especialmente, por recolher os dados da pesquisa de campo e ouvir minhas idéias e ter paciência nas minhas tensões pré-textuais;*
- *Ao Sérgio, companheiro do cotidiano, sempre presente e paciente, pelo incentivo, cuidado e amor.*

Que o coração continue buscando uma coisa só, e que seja o cuidado com a vida, pois o cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade.

RESUMO

O silêncio e o espaço cotidiano das ações das mulheres são referenciais de análise na construção do entendimento da transmissão da memória e da identidade religiosa dos grupos de mulheres da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O silêncio não fala, não é possível traduzi-lo em palavras, mas nas ações ele se torna palavra. As ações cotidianas e o testemunho de fé das mulheres da OASE, em silêncio, são indicações do formato social de nossa realidade sócio-religiosa. A tese do silêncio que sustentamos advém das palavras das próprias protagonistas da ação. Este silêncio não é sinônimo de ausência ou de fraqueza. É presença e também poder. A rede de poder é uma teia que se alastra por toda a sociedade e ninguém pode dela escapar. Também as mulheres da OASE, em seu centenário silêncio, exercem o poder. Analisar as teias do poder que são vivenciados nas relações cotidianas destas protagonistas é olhar para a particularidade da vida. A tentativa de mergulhar no cotidiano, de buscar o significante do invisível é por reconhecê-lo como espaço, tempo e lugar dos conflitos racionais e irracionais de nossa época, onde se estabelecem os problemas de produção da vida concreta. Nas redes do cotidiano, estão os nós, os laços a serem atados ou desatados. É no espaço cotidiano que se cuida das necessidades básicas da vida. A prática do cuidado é um referencial importante da ação das mulheres. Ela acontece em muitos espaços, mas é na cozinha que se concentram a maioria das suas ações, tanto no cotidiano doméstico quanto nas ações comunitárias. A cozinha é o lugar que permite o acesso ao entendimento da cultura, da expressão religiosa que definem o comportamento e a forma de como se entende a vida e a fé cotidianamente. O espaço da cozinha é o lugar da memória, dos cheiros, da continuidade das relações. É em torno da mesa que a comunhão é vivenciada. É através da memória que os valores da fé são transmitidos. Portanto, é a memória guardada pela mãe que as faz pertencer ao universo religioso de comunhão, de testemunho e de serviço. O perfil característico deste grupo tem na memória transmitida a construção do vínculo. Este também é o perfil característico da mobilização religiosa: a perpetuação da memória como construtora da continuidade religiosa. É a memória religiosa que conserva, reproduz e garante a permanência de um pensamento, de uma identidade confessional. Temos no grupo das mulheres da OASE um valorativo e comprovado potencial de guarda da memória da identidade religiosa e da continuidade da mesma.

Palavras-chave: memórias, silêncio, cotidiano, espaço, identidade religiosa

ABSTRACT

The silence and the daily space of the women actions are referentials of analysis in the understanding construction of the memory transmission and the religious identity of the groups of women of the Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Silence doesn't speak, it's not possible to translate it in words, but in actions it becomes word. The daily actions and the Faith Testimony of the OASE women in silence are indications of the social format of our partner-religious reality. The Thesis of silence that we support happens of the words of the proper protagonists of the action. This silence is not synonymous of absence or weakness. It is presence and also to be able. The net of being able is a web that spreads over all the society and nobody can escape of it. Also the OASE women in its centenarian silence exert the power. To analyze the webs of the power that are deeply lived in the daily relations of these protagonists is to look at to the particularity of the life. The attempt to dive in the daily one, to search the significant one of the invisible one is to recognize it as space, time and place of the rational and irrationals conflicts of our time, where are establish the production problems of the concrete life. In the nets of the daily one are the ties, bows to be tied or unfastened. It's in the daily space that we take care of the basic necessities of life. The practical of the care is an important referential of the women action. It happens in many spaces but it's in the kitchen that concentrates most part of the two actions, as in the daily domestic service as in the communitarian actions. The kitchen is the place that allows the access to the culture understanding, of the religious expression that defines the behavior and the form of how is understood the daily life and faith. The kitchen's space is the place of memory, of smells, of relations continuity. It's around the table that the communion is deeply lived. It is through the memory that the values of Faith are transmitted. Therefore, it's the memory kept by the mother that makes them belong to the religious universe of communion, testimony and service. The characteristic profile of this group has in the transmitted memory the link's construction. This also is the characteristic profile of the religious mobilization: the perpetuation of the memory as constructor of the religious continuity. It's the religious memory that conserves, reproduces and guarantees the permanence of a thought, of a confessional identity. We have in the group of the OASE women a valuable and proven potential of guard of the religious identity memory and the continuity of the same.

Key-words: memories, silence, daily space, religious identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ECOS DE UMA HISTÓRIA SILENCIOSA	15
1.1 Os ecos do silêncio centenário.....	15
1.1.1 <i>Os ecos do silêncio</i>	15
1.1.2 <i>Ecos têm linguagem</i>	17
1.2 Aspectos históricos.....	19
1.2.1 <i>Contexto europeu</i>	20
1.2.2 <i>Contexto dos Imigrantes</i>	21
1.2.3 <i>Os grupos e seus contextos</i>	22
1.3 Identidade	25
1.3.1 <i>Uma identidade de mãos</i>	25
1.4 Dos objetivos	27
1.4.1 <i>Perfil das atividades</i>	28
1.5 Da estrutura da OASE	30
1.5.1 <i>Grupo local</i>	32
1.5.2 <i>Na paróquia</i>	32
1.5.3 <i>No Sínodo</i>	32
1.5.4 <i>A coordenação nacional</i>	33
1.6 OASE e as mudanças decorrentes da reestruturação da IECLB.....	33
2 A VISIBILIDADE DAS PROTAGONISTAS DOS ECOS INVISÍVEIS	35
2.1 Perfil da participante	35
2.1.1 <i>Dados nacionais</i>	35
2.1.2 <i>As prioridades</i>	40
2.2 Perfil das mulheres da OASE num Sínodo: um recorte	41
2.2.1 <i>Testemunho da OASE no Sínodo Norte Catarinense</i>	43
2.2.2 <i>Formação um testemunho silencioso</i>	44
2.2.3 <i>Proposta de formação da Associação Wally Heidrich</i>	45

2.2.4 <i>Formação na OASE do Sínodo Norte Catarinense</i>	45
3 OS ECOS NO ESPAÇO COTIDIANO	47
3.1 Do espaço.....	48
3.1.1 <i>O cenário com sua história</i>	49
3.2 As divisões dos espaços e a correlação de forças	52
3.3 A sala da OASE	54
3.3.1 <i>O armário</i>	57
3.3.2 <i>O baú</i>	59
3.4 A cozinha e a sala das cucas	61
3.4.1 <i>A mesa no centro das relações</i>	62
3.5 O espaço social.....	63
3.6 A bodega e a churrasqueira.....	64
3.7 Chegando mais próximo: o perfil das protagonistas da ação no espaço cotidiano	65
3.8 O perfil das prioridades	68
3.9 Espaço ocupado, lugar das relações	72
4 O PROTAGONISMO DO SILÊNCIO	74
4.1 A Genealogia do silêncio, um eco retumbante!.....	74
4.1.1 <i>Gênero, uma mediação hermenêutica</i>	76
4.1.2 <i>O silencioso eco: um baú centenário</i>	79
4.1.3 <i>Um eco que forma e transforma</i>	81
4.2 Os ecos da memória identitária.....	83
4.2.1 <i>Ecos construtores de um testemunho reflexivo</i>	87
4.3 O sentido religioso expresso nessas interações cotidianas	88
4.4 Interações concretas como chave de leitura no contexto da religiosidade na modernidade	89
4.5 A relação entre as protagonistas.....	90
4.5.1 <i>Desde o colo cuidadoso para o conforto do acolhimento</i>	92
4.6 Uma analogia do serviço	95
CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS	108
ANEXO 1: ENTREVISTA COM A SENHORA ELMA MULLER MATZEMBACHER..	113
ANEXO 2: ENTREVISTA COM A SENHORA ROSEMARY DAS GRAÇAS KERN.....	114
ANEXO 3: ENTREVISTA COM A EDELTRAUD FLEISCHMANN NERING	115
ANEXO 4: TESTEMUNHO DE ANELISE W. RÖSEL E OLINDA WEGENER	116
ANEXO 5: TESTEMUNHO DE XÊNIA WITTIG CONTE E RUTH BRAUN	117

ANEXO 6: TESTEMUNHO DE RENITA EGGERT LENZI E RELINDA SIEBEL	118
ANEXO 7: TESTEMUNHO DE MARISA SOUSA	119
ANEXO 8: TESTEMUNHO DE MARY FISCHER PEREZ, SANDRA REGINA JAHN E EDELTRAUD NERING.....	120
ANEXO 9: ORGANOGRAMA DA OASE SÍNODO NORTE CATARINENSE.....	121
ANEXO 10: PROGRAMAÇÃO ASSOCIAÇÃO WALLY HEIDRICH 2003.....	122
ANEXO 11: PROGRAMAÇÃO ASSOCIAÇÃO WALLY HEIDRICH 2004.....	123
ANEXO 12: PROGRAMAÇÃO ASSOCIAÇÃO WALLY HEIDRICH 2005.....	124
ANEXO 13: REPORTAGEM JORNAL O CAMINHO SOBRE ENCONTROS SINODAIS DA OASE.....	125
ANEXO 14: CONVITE ASSOCIAÇÃO WALLI HEIDRICH - OFICINA DE PÁSCOA..	126
ANEXO 15: CONVITE ASSOCIAÇÃO WALLI HEIDRICH - OFICINA DE NATAL....	127
ANEXO 16: CONVITE ASSOCIAÇÃO WALLI HEIDRICH - OFICINA DE BORDADOS	128
ANEXO 17A: TEXTO ANNE LANG – LIDERANÇA OASE	129
ANEXO 17B: TEXTO ANNE LANG – LIDERANÇA OASE	130
ANEXO 18: CONVITE SEMINÁRIO DE LIDERANÇA JULHO 1998.....	131
ANEXO 19: CONVITE SEMINÁRIO DE LIDERANÇA ABRIL 1999	132
ANEXO 20: CONVITE SEMINÁRIO DE LIDERANÇA AGOSTO 1999	133
ANEXO 21: CONVITE SEMINÁRIO DE LIDERANÇA MAIO 2002.....	134
ANEXO 22: CONVITE SEMINÁRIO DE LIDERANÇA MARÇO 2002.....	135
ANEXO 23: AVALIAÇÃO DO IV CONGRESSO SINODAL DA OASE	136
ANEXO 24: FICHA DE AVALIAÇÃO.....	137
ANEXO 25: FICHA DE AVALIAÇÃO.....	138
ANEXO 26: FICHA DE AVALIAÇÃO.....	139
ANEXO 27: ENTREVISTA COM A SENHORA NELLY KO FREITAG	140
ANEXO 28: FOTOS DA IGREJA, CENTRO COMUNITÁRIO E VISÃO PARCIAL DA CIDADE.....	141
ANEXO 29: ENTREVISTA COM A SENHORA IRACI MATZEMBACHER ATHAYDE	142
ANEXO 30: REPORTAGENS JORNAL A SEMANA.....	143
ANEXO 31: ENTREVISTA COM A SENHORA ELISA HOPPEN	144
ANEXO 32: ENTREVISTA COM A SENHORA LORI LOESCH.....	145
ANEXO 33A: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA EM CURITIBANOS.....	146
ANEXO 33B: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA APLICADA EM CURITIBANOS	147
ANEXO 34: ENTREVISTA COM A SENHORA ERNA MATZEMBACHER GERHARDT	148

ANEXO 35: SÍMBOLO DE IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE.....	149
ANEXO 36: APRESENTAÇÃO DA OASE NO SITE DA IECLB.....	150
ANEXO 37: FOTOS DO BAÚ	151
ANEXO 38A: A MESA DO CAFÉ	152
ANEXO 38B: A MESA DA SALA DA OASE.....	153
ANEXO 39: MURAL DAS ANIVERSARIANTES E QUADRO DE HOMENAGEM.....	154
ANEXO 40: IGREJA.....	155
ANEXO 41: ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO ENTRE A IGREJA E O CENTRO COMUNITÁRIO.....	156
ANEXO 42: PORTA DE ACESSO.....	157
ANEXO 43: CENTRO E COMUNITÁRIO E CHURRASQUEIRA.....	158
ANEXO 44: CONVITE	159
ANEXO 45: PROMOÇÕES	160

INTRODUÇÃO

Minha paixão por baús iniciou muito cedo na infância. No quarto da minha avó, havia um, onde ela guardava alguns livros e retalhos de tecido usados para consertar roupas. Muitas vezes, sentei ali para ouvir suas histórias. Eram os clássicos da Bíblia e da literatura infantil, em alemão. Ela tinha tempo de lê-las, afinal estava acamada por 13 longos anos. Muitas mulheres passavam as tardes com minha avó. Uma delas sempre sentava sobre o baú. Assim, eu ficava impedida de mexer nos retalhos ou de ocupar o tempo da minha avó com as leituras. Ela era uma mulher determinada e forte. Lembro que cuidava da minha avó e sempre tinha na lapela de seu vestido um pequeno broche azul e branco

No armário de roupas de minha avó, havia um pequeno broche azul e branco. Ele me intrigava, afinal era uma jóia bonita e eu sempre queria entender o seu significado. Hoje eu sei que tratava-se do distintivo¹ da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE). Também entendi que as amigas da minha avó eram pessoas envolvidas com o trabalho deste grupo que fazia visita aos doentes da comunidade. Não há registros históricos destas ações, mas estes são pequenos retalhos que a minha memória consegue costurar. Pequenos retalhos, quando costurados juntos, formam uma grande peça de múltiplo uso.

Analisar estes retalhos implica em remexer nos velhos baús e procurar compreender o contexto da construção da história das mulheres que em diferentes lugares construíram grupos e trabalharam na construção de comunidades eclesiais. Essa história está guardada silenciosamente na memória de pessoas. Poucos são os registros que foram elaborados de forma sistemática. A história das mulheres dos grupos de OASE no Brasil tem apenas um livro escrito por elas mesmas. A percepção de realizar esta pesquisa encontrou um limite bibliográfico. Portanto, tomamos como referência o livro *Retalhos no Tempo*, organizado por

¹ ANEXO n. 35: Distintivo da OASE e seu significado.

Sibyla Baeske. Tomamos o livro como nosso referencial escrito sobre a história e ação das mulheres da OASE. Além deste livro, utilizamos também como referencial uma pesquisa publicada no caderno de memórias *Retratos das mulheres da OASE*, organizado pela diretoria da OASE do Sínodo Norte-Catarinense. Este caderno resultou de uma pesquisa com dez mulheres do referido Sínodo.

Juntando retalhos, costurando fios, nosso trabalho foi em busca dos ecos desta história silenciosa. No contexto comunitário de um grupo, encontramos os ecos refletidos através de entrevistas e questionários de pesquisa que realizamos. A junção da história publicada no livro *Retalhos no Tempo* com o resultado da pesquisa no âmbito do Sínodo Norte-Catarinense trouxe elementos para a análise comparativa de dados resultantes da entrevista e da pesquisa com as mulheres que participam do grupo de OASE de Curitiba. São os elementos conhecidos e publicados colocados num espaço com os ecos do que se faz na simplicidade do cotidiano que nos conduziram pelo espaço da ação deste importante grupo de mulheres na Igreja.

Ecos de uma história silenciosa traz para a reflexão teórica a ação das mulheres da OASE construída com a sabedoria e a paciência que só pode existir num universo presente e escondido, qual útero que, em sua entranha, possui a sabedoria de cuidar da vida em gestação. Tal qual uma vida gestada, a diversidade multiformes das ações das mulheres da OASE é exclusivas e inclusivas.

Para compreender a riqueza desse conteúdo multiforme, embrenhamo-nos na primeira parte de nosso trabalho pelos fragmentos da história que encontramos em nosso caminho acadêmico. A segunda etapa do trabalho é uma análise dos dados de uma pesquisa realizada em 1997, que é comparada posteriormente com o resultado da pesquisa com o grupo de mulheres de Curitiba, realizada no ano de 2009. Nesta etapa, apresenta a ação destas mulheres e o espaço cotidiano de suas vivências. Tanto a experiência histórica quanto a análise das relações no espaço comunitário, são elementos importantes para compor a teia das relações nas quais elas se movem e se manifestam. A rigor, a esfera da vida humana consiste na teia de relações que existem onde quer que haja pessoas que vivam juntas. Empenhados na história e na ação, construímos a terceira etapa a partir de categorias analíticas, como gênero, memória, identidade e interações religiosas, concluindo com uma analogia do serviço de Jesus.

O conjunto das etapas constrói essa história de ecos silenciosos. A importância do livro *Retalhos no Tempo* constrói o fio vermelho deste trabalho e também o delimita pela

ausência de outras fontes de reflexão e anúncio deste trabalho centenário. Portanto, falar das mulheres da OASE é uma tarefa desafiante e, ao mesmo tempo, petulante. Estamos falando de entes históricos com tremenda experiência de ação comunitária e testemunho enraizado na tradição e na formação eclesiológica de nosso país.² Analisá-las em suas interações reais e concretas contém o deságio de olhar para ações cotidianas e o risco de estarmos dando definições e interpretações que carregam o enfoque do analista e não do agente.

Discorrer sobre a interação destas protagonistas é andar pela via da ação de vínculo cotidiano. As protagonistas da OASE mostram na ação quem são, revelando ativamente suas identidades empiricamente. Elas se apresentam ao universo de suas vidas e interagem segundo suas necessidades e interesses. Se a ação e as palavras conservam a capacidade de revelar as protagonistas no ambiente em que vivem, então os interesses que se revelam anunciam sua identificação e seu entendimento de mundo.

Há que se considerar que as interações acontecem entre pessoas reais, no seio de uma sociedade real. Sociedade que apresenta sua forma, seu contexto e seus desafios. Diante de um mundo globalizado, em que as particularidades vão se misturando e formando novas configurações, também as mulheres da OASE são confrontadas pelo contexto, com suas nuances e prerrogativas. Em meio às mudanças e transformações em nossa sociedade, há que identificar as atividades delas que testemunham a continuidade, o vínculo com a história da mãe, sendo propulsoras de uma memória coletiva e identitária em meio a um caminho fragmentário e individualizante.

Por esse viés, ouvimos os ecos dessa história silenciosa que revela as ações de milhares de mulheres que vão cuidando das pessoas, constituindo grupos, guardando a memória e servindo em comunidades motivadas pela sua religiosidade cristã. Os reflexos destes ecos alimentam nossa interpretação com o auxílio das teorias que se ocupam em fazer o estudo das interações sócio-religiosas das relações comunitárias. Diante do desafio de analisar entes religiosos, num espaço silencioso, vamos fazendo a analogia com os passos da caminhada de Jesus em seus ensinamentos de conduta comunitária.

A perspectiva teórico-metodológica se insere no campo da hermenêutica de gênero e da pesquisa de campo, principalmente no que diz respeito à busca por novos objetos. As reflexões e rupturas que envolvem este trabalho se caracterizam pela busca da percepção da

² ANEXO n. 36. Considerando a densidade de ser o maior grupo organizado de mulheres na América Latina, estamos diante de um grupo de grande influência comunitária no universo da IECLB.

fundamental contribuição das ações das mulheres no processo histórico de constituição e construção das comunidades religiosas. Nesse contexto, o interesse no silêncio das mulheres tem o ensejo de entender esse comportamento ambivalente e simultâneo.

Este silêncio foi reiterado através dos tempos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento. Ele é alimentado pelas protagonistas de uma ação tremendamente presente nos processos de construção comunitária. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e se calar são também movimentos de sobrevivência. Este mesmo silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escrita. No entanto, isso não quer dizer que as mulheres respeitaram passivamente tais injunções. Eis que esse silêncio é muito mais subterrâneo do que se apresenta, e seus ecos estão semeando retalhos em multiformes espaços dos grupos e comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

1 ECOS DE UMA HISTÓRIA SILENCIOSA

A lufada intermitente traz da praia um eco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas.³

1.1 Os ecos do silêncio centenário

A história silenciosa que nos propomos a ouvir tem o contexto social e religioso dos grupos de mulheres da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) como limite e horizonte. Embrenhar-se nesta empreitada é estabelecer os limites e vislumbrar os horizontes desde o contexto que deseja trazer as reflexões das ações do cotidiano destas mulheres para o universo de uma análise teórica. A delimitação do trajeto passa pelos ecos dos testemunhos históricos e pelo espaço de ação da esfera cotidiana, conduzindo-nos por um emaranhado denso de símbolos, palavras e ações, no intento de decifrar essa história centenária⁴ tão pouco teorizada.

Ouvir a história que nos vem em fragmentos, por falta de registros mais contínuos, mostra uma face silenciada da história das mulheres da OASE, na IECLB. Não é possível retratar essa história pelo texto direto, mas pelos ecos que se reproduziram nas ações do cotidiano. Estas ações são permeadas de sinais que retratam os sistemas da organização da vida social e religiosa de nossa sociedade. Quando as mulheres falam de sua ação como uma ação silenciosa, é porque esse silêncio já produziu muito eco. A tese do silêncio é baseada nas palavras da senhora Gudrun Braun,⁵ que assinala: “servimos num silêncio centenário”.⁶

³ ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Martin Claret, 1998. p. 25.

⁴ De 13 a 15 de agosto de 1999, a OASE celebrou 100 anos reunida em Rio Claro-SP, para uma grande festa, sob o tema: “OASE – 100 anos caminhando”. BRAUN, Gudrun. In: BAESKE, Sibyla (Org.). **Retalhos no tempo: 100 anos da OASE**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 8.

⁵ Ex-presidente nacional da OASE, secretária do Conselho Nacional da OASE e redatora do editorial *OASE em foco*.

⁶ BRAUN, Gudrun. **OASE**. Rio de Janeiro, mai. 2003. Entrevista concedida a Sisi Blind.

Portanto, há que se atentar para o cuidadoso desvendamento das redes de sociabilidade “silenciosa” que nestes 100 anos foram produzidos através de muitos fios que estas mulheres, tecedeiras da vida, construíram na sua comunidade e por conseqüência na IECLB. Em síntese, a proposição é discutir a partir de uma perspectiva historiográfica interpretativa, com tensões e aproximações com outras áreas de conhecimento, os silêncios das mulheres, suas ações, sua religiosidade e conseqüente vivência comunitária.

Partindo da tese do silêncio, procuramos entender o perfil e as características que esta sentença de cunho centenário diagnostica. As mulheres da OASE não têm perfil nem de omissão, nem passividade.⁷ No entanto, sua linguagem incorpora a proposição do silêncio. Trata-se de um silêncio que produz ecos da ação em meio às comunidades e a sociedade. É o silêncio que retrata um emaranhado de palavras públicas e de conceitos constitutivos de um sistema social que calou a voz das mulheres, mas que usufrui de seus serviços.

As mulheres não trabalham em silêncio. Sua ação é composta de palavras e da sua concepção de vida. No entanto, alimenta-se o mito do silêncio. A ideologia da mulher-sem-logos se mantém graças à existência de uma necessidade moral óbvia da polarização do poder patriarcal.⁸ Imbuída assim de suas supostas responsabilidades “humanitárias” a própria “vítima” se identificou com seu dominador, aceitando e perpetuando seu papel social.

Servir e trabalhar são ações que fazem ruído e se difundem entre os horizontes das vivências cotidianas. Portanto, quando se expressa que “servimos num silêncio centenário”, anuncia-se a força do serviço e a sabedoria de articulação para dentro dos espaços tão bem conhecidos. Espaços familiares e comunitários que silenciaram as mulheres num processo de exclusão e perda da concepção da igreja como comunidade de iguais em todos os sentidos: econômico, cultural, ético e de gênero.⁹

Na saudação de Érika Strothmann,¹⁰ ouvimos o enunciado que convoca as mulheres dos grupos a “cerrar fileiras e a trabalhar fiel e silenciosamente, na igreja para ajudar os necessitados”.¹¹ Nesta sentença, está embutida uma outra lógica silenciosa. No contexto mundial, vive-se a tensão que produziu a Segunda Grande Guerra. Cerrar fileiras é comando de guerra, mas é interessante que este comando se caracterize pelo apelo ao trabalho

⁷ No decorrer do trabalho, vamos construindo os referencias que comprovam a atividade, a participação e a presença das mulheres da OASE na ação cotidiana das comunidades e da sociedade.

⁸ SEABRA, Zelita; MUSZKAT, Malvina. **Identidade feminina**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 14.

⁹ BAUTISTA, Esperanza. **La mujer en la iglesia primitiva**. Estela: Verbo Divino, 1993. p. 168.

¹⁰ Érika Strothmann presidiu por um longo período a OASE no Antigo Sínodo Riograndense.

¹¹ BAESKE, 1999, p. 32.

silencioso. As duas menções a respeito da ação silenciosa são de contextos diferentes, no entanto trazem a luz uma condição de ação que é característica no movimento e na vida das mulheres na Igreja. Observando a fala de uma das integrantes do grupo de Curitiba, também encontramos a menção da participação silenciosa no âmbito religioso.

Eu fazia orações de agradecimento em silêncio, só para mim. Na Igreja quem fazia as orações era o pastor, quando ele vinha. Também o meu marido realizava celebrações e orações na igreja. Ele era pregador leigo. Até enterro ele fazia. Ele realizava os cultos na igreja, porque o pastor só vinha uma vez por mês.¹²

As mulheres da OASE são protagonistas da ação. Protagonistas com esta característica particular: o silêncio. Elas assumem a tarefa de possibilitar a organização em distintas áreas da Igreja e de sua inserção social, mas sua vocação se faz ação sem presença de palavras. A caracterização das ações silenciosas ampara e denuncia a falta de espaço das mulheres na oficialidade institucional.

1.1.2 Ecos têm linguagem

Os ecos do silêncio que estamos ouvindo têm linguagem. É a repetição do que já foi dito, consolidando a memória que se reproduz e se constrói como testemunho. É a linguagem da diferença. São milhares de mulheres¹³ na IECLB que realizam seu testemunho através do corpo. Elas falam com as mãos. É na arte do tecer, do curar e do cozinhar que a vida é organizada e, não sem sofrimento, o testemunho vai se efetivando no horizonte da sobrevivência.

Nada de extraordinário, apenas o ordinário. É a monotonia do cotidiano de quem tece com agulhas, costura com fios, afaga com as mãos e expõe o seu umbigo ao calor do fogo. Em cada gesto, em cada olhar e em cada palavras está a força da fé que as move. Fé que anuncia e denuncia uma espiritualidade de valores e conceitos construídos pelo condicionamento de uma Igreja patriarcal.

É uma história de continuidade de ação, que se integra com outras ações, formando as redes que produzem resultados globais que vão além de suas intenções ou consciência. Elas se fazem presente na invisibilidade. “Elas sempre existiram e viveram suas vidas em qualquer

¹² ANEXO 01: Entrevista senhora Elma Matzembacher. Grifo da autora.

¹³ Trinta e oito mil e quatrocentos e oitenta e dois membros. BAESKE, 1999, p. 32.

época da história da humanidade”.¹⁴ As histórias da ação das mulheres da OASE é assim. É cotidiano, de poucos registros, sumidas nos largos conceitos de uma manifestação silenciosa e contínua. O que ouvimos são os ecos de uma comunicação interna e caseira que expressa a ação dos fatos da comunidade de discípulas. “Nós sempre, de uma maneira ou outra, estamos nos comunicando. Nós, a grande família da OASE, também devemos saber mais uns dos outros”.¹⁵

Análises de textos e documentos nos comprovam que o silêncio têm ecos. “Além de visitar grupos, organizar retiros e congressos, Erika publicava notícias e reflexões nas páginas de “Der Bote für Evangelische Frauenwelt in Brasilien”.¹⁶ A senhora Gudrun Braun escreveu todos os editoriais da publicação da OASE em Foco¹⁷ desde o seu primeiro exemplar. A palavra da senhora de Curitiba também auxilia a buscar a sinalização deste caminho silencioso, que tem presença intensa nas ações da comunidade. “Sou membro da Igreja Luterana há mais de 62 anos e *já ajudei muito nas festas, na igreja e ajudei muito aos pobres*”.¹⁸

Ainda assim, subsistem muitas zonas mudas e silenciosas na história da ação das mulheres de forma geral. Entretanto, no que se refere à ação das mulheres da OASE no âmbito eclesiástico, temos um oceano de silêncio ligado à partilha desigual dos traços, da memória e da história. Assim sendo, vamos construindo estes importantes passos, neste caminho que busca visualizar a invisibilidade das que visivelmente têm participado da história desta Igreja. O eco dessa história silenciosa não se encontra tanto em suas aparências fenomenológicas quanto em suas estruturas sistêmicas essenciais.

Estas estruturas são acessíveis somente através da análise de suas histórias mais íntimas. A estrutura sistêmica que permite ordenar e hierarquizar de forma concreta o conjunto que pode parecer caótico do ponto de vista superficial de suas manifestações, revela a organicidade e intencionalidade das ações contínuas e descontínuas. De continuidade, porque são as mesmas mulheres que fazem a história e legam às gerações sucessivas os resultados de sua ação; de descontinuidade, porque cada geração, ao atuar sobre a tradição recebida, dá lugar a fenômenos inéditos, irredutíveis ao recebido.

¹⁴ GIERIUS, Renate. Confessionalidade luterana e mulheres. In: HASENACK, Johannes F.; BOCK, Carlos G. (Orgs.) **Unidade: contexto e identidade da IECLB**. Blumenau: Otto Kuhr, 2006. p. 103.

¹⁵ BRAUN, Gudrun. **OASE em foco**. Blumenau: Otto Kuhr, ano 1, n. 1, dez. 1998, p. 2.

¹⁶ BAESKE, 1999. p. 32.

¹⁷ Trata-se de um periódico de divulgação interna da OASE, com sua primeira edição em dezembro de 1998.

¹⁸ ANEXO 01.

1.2 Aspectos históricos

A OASE nasce antes mesmo de ser percebida. Ela nasce dos corpos que se fazem mãos na busca do cuidado do mundo ao qual pertencem. São mulheres que utilizam as mãos e constroem a comunhão de multiformes sujeitos. São distintas as formas, são inúmeros os jeitos, mas o fundamento é essencialmente igual: ele se faz testemunho. O fundamento é Jesus Cristo. Esse é o testemunho que perpassa todos os momentos de comunhão e dá impulso para o que vem a ser a conseqüência desta caminhada conjunta. É a palavra “auxiliadora” que traz em seu interior a concretização do amor de Cristo na ação do auxílio mútuo.¹⁹ Trata-se, pois de mulheres de fé. A fonte de sua ação é a fé cristã. Essa relação de fé é milenar. Ela surge na cristandade primitiva. Mulheres também fazem parte dos seguidores de Jesus e também fazem parte de seu ministério. O ministério de Jesus inclui o testemunho e o serviço, ou seja, a ação.

Na verdade, quando a primeira mulher sentou-se aos pés de Jesus e seguiu seus ensinamentos, ela era discípula. Ou agente de comunhão, testemunho e serviço, que são as três palavras que a OASE utiliza para descrever a grande variedade de atividades que assume hoje.²⁰

A presença do testemunho, do serviço e da comunhão que se expressam nos objetivos orgânicos da OASE é muito anterior ao seu delineamento como objetivos constitutivos, pois antes veio a ação e depois a estrutura. Antes de existir a entidade, veio o serviço, revelando seu objetivo, sua intencionalidade. Movidas pela fé, as mãos das mulheres se misturam à massa que dá consistência às necessidades da vida em cada realidade específica.

Muito antes do voluntariado tornar-se tema da Organização das Nações Unidas e bem antes de que ser voluntária fosse assunto da grande imprensa, a OASE já se constituía em grupos organizados da sociedade civil mais antigos, no Brasil, na prática do serviço voluntário. Aliás, a OASE nasceu para a prática voluntária, a partir do evangelho, há um século.²¹

De forma poética e lúcida, a organizadora do livro do 100 anos da OASE, *Retalhos no tempo*, descreve sua visão sobre o início da ação deste grupo centenário. “Quando um rio banha uma cidade, sabe-se que ele se formou muito antes, reunindo córregos e nascentes.

¹⁹ BAESKE, 1999, p. 7.

²⁰ BAESKE, 1999, p. 11.

²¹ FIEGENBAUM, Ricardo. OASE muito mais que demais. **Revista da OASE - IECLB**, São Leopoldo, mai. 2002, p. 2.

Mesmo as nascentes têm sua origem em águas subterrâneas, e estas vivem de um complexo sistema de chuvas e vegetação”.²²

Segundo testemunho registrado em livro, *Retalhos no Tempo* “As mulheres não decidiram criar o grupo e nem definir seus objetivos, mas aceitaram trabalhar para o que foram chamadas”.²³ Portanto, analisar a ação das mulheres da OASE é uma tarefa que deseja retratar as pessoas em sua ação, onde pulsa a vida, percebendo a história não pelos arquivos de museu, mas pela experiência que se faz passado, presente e possibilidade de futuro na transmissão dos valores da memória de fé e da história da ação que brota das necessidades, dos desejos e da tradição.

No solo brasileiro, a data da fundação da OASE é 15 de agosto de 1899, quando foi criada a Sociedade de Senhoras Evangélicas de Rio Claro, em São Paulo. Muito antes da fundação, as mulheres já exerciam tarefas e funções. A OASE se reunia antes de haver OASE instituída. “O que aconteceu aqui em Rio Claro foi começar a organizar a solidariedade que já existia entre as mulheres luteranas”.²⁴ Na verdade, desde a imigração, a atuação das mulheres nos meios comunitários é de grande relevância.²⁵ A origem do movimento estruturado está na Alemanha: por iniciativa da Imperatriz Auguste Victoria, foi fundada a Sociedade Auxiliadora da Igreja Evangélica (*Evangelischkirchlicher Hilfsverein*).²⁶

1.2.1 Contexto europeu

O século XIX é marcado por muitas modificações na Europa, principalmente no que diz respeito às características econômicas e sociais. As guerras napoleônicas destruíram o meio ambiente e lançaram os agricultores na miséria.²⁷ A rápida industrialização causa mudanças no cenário social. “Um exemplo: em 1767 uma máquina de fiar produzia oito fios ao mesmo tempo, mas em 1800 já fazia 400”.²⁸ Também em outros setores, as máquinas e a técnica foi substituindo o trabalho artesanal, manual e caseiro. A consequência foi o empobrecimento violento de inúmeras famílias que, repentinamente, haviam perdido a sua fonte de renda.

²² BAESKE, 1999, p. 11.

²³ BAESKE, 1999, p. 21.

²⁴ DREHER, Martin N. OASE e sua história na IECLB. In: CONSELHO NACIONAL DA OASE (Ed.). **OASE: festa dos 100 anos: 1899 a 1999**. Blumenau: Otto Kuhr, 1999. p. 27.

²⁵ BAESKE, 1999, p. 11.

²⁶ BAESKE, 1999, p. 14.

²⁷ DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 33.

²⁸ BAESKE, 1999, p. 13.

O contexto do surgimento do trabalho das mulheres, na Alemanha, dá-se diante das grandes mudanças sociais causadas pela revolução industrial. São as máquinas que invadem o espaço humano. Essa “invasão” produz um novo modelo de administração trabalhista. Pessoas perdem seus postos para as máquinas. A economia cresce, mas as pessoas perdem a capacidade de arrecadação. É a fome que bate à porta de muitas famílias. Diante da necessidade e da dificuldade, as mulheres evangélicas se mobilizam. Diante de um sistema desumano e excludente, as mulheres juntam forças para a realização do cuidado e o atendimento às necessidades. As mulheres se engajam para prestar auxílio, amenizar o sofrimento.²⁹

A ênfase auxiliadora, no entanto, não se restringe apenas a uma ação social. As sociedades de mulheres na Alemanha se constituem com objetivo de despertar e capacitar as mulheres para as tarefas de amor cristão nas comunidades. É união da ação ao testemunho. A sua motivação para a ação é potencializada como ação voltada para a espiritualidade.³⁰ Apesar do esforço contínuo das mulheres, a realidade das pessoas afetadas por estas transformações da realidade social é devastadora. Este é o contexto que produz a “expulsão” dos filhos de sua pátria.

Assim, as chagas do corpo social, as crises na economia fazem com que o bóia-fria europeu, o operário, o pequeno agricultor e o servo que adquiriu liberdade migrem ao menor aceno. A Europa do século XIX expulsa seus filhos. Há situações em que algumas comunidades chegam inclusive a pagar a passagem de seus cidadãos mais pobres. Essa também foi uma das possibilidades de se resolver à questão social.³¹

1.2.2 Contexto dos Imigrantes

Provenientes de muitas regiões geográficas da Alemanha e da Europa, por razões diversificadas, vieram muitas pessoas para diferentes regiões de nosso país. Fruto da reforma religiosa do século XVI, os luteranos formaram cerca de 60 % do contingente dos imigrantes alemães que aportaram no Brasil.³² A história da IECLB tem seu nascedouro na imigração alemã. Não há como separá-las. Uma é parte da outra. O imigrante sempre foi homem, mulher

²⁹ OASE. **Por quê? Como? Para quê?** Guia de comunhão, testemunho e serviço. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 8.

³⁰ OASE, 2000, p. 8.

³¹ DREHER, Martin N. A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. In: BRAKEMEIER, Gottfried (Ed.). **Presença Luterana 1990**. São Leopoldo: Sinodal 1989. p. 94.

³² DREHER, Martin N. Apresentação. In: KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro, 1994. p. 13.

(muitas vezes esquecida ou marginalizada),³³ criança, jovem ou idoso. Em suas bagagens vieram poucas coisas, mas na sua memória a sua história e a sua religiosidade se fazem presentes, sendo transmitidas e vivenciadas nos espaços do cotidiano. “*Nos baús dos imigrantes*, encontramos na maioria das vezes, dois, por vezes três livros. O hinário, o livro de cânticos religiosos, o catecismo menor de Lutero e a Bíblia”.³⁴

Os primórdios não foram fáceis aos imigrantes. Minoritários foram os grupos de que se instalaram nos grandes centros urbanos. Estes grupos minoritários vieram acompanhados de pastores que os auxiliaram na criação das primeiras comunidades. A vida no campo, que abrigou a maioria dos imigrantes, não contou com a mesma organização. A maioria dos grupos ficou entregue a si mesmo, ou melhor, tendo que organizar a sua própria vida eclesiástica e social.³⁵ Uma notável característica dos primeiros grupos de mulheres que se organizaram é de um perfil mais urbano. Foram os grupos acompanhados de pastores que se organizaram defendendo as demandas de cada contexto.³⁶

1.2.3 Os grupos e seus contextos

O estreito vínculo entre as comunidades evangélicas brasileiras e a Igreja na Alemanha influenciou e deu características aos grupos de mulheres que foram se formando no Brasil. As notícias dos acontecimentos na Alemanha e da formação de grupos de senhoras naquele contexto influenciaram a formação de grupos no Brasil.³⁷

A motivação do primeiro grupo oficialmente organizado do Brasil esteve mais voltada à questão da identidade religiosa. “O seu objetivo inicial era reunir recursos para construir a torre da igreja local e nela instalar os sinos”.³⁸ A constituição do Império do Brasil que assegurou à Igreja Católica a posição de religião oficial, concedeu liberdade limitada aos

³³ Na palestra em alusão aos 100 da OASE, em Rio Claro, Martin Dreher afirmou que “as mulheres em verdade chegaram em maior número ao Brasil e enfrentaram terríveis dificuldades. Livro de registros de óbitos dizem que mulheres morreram em consequência do parto, sendo sepultadas no mar... Difícil foi também a sorte daquelas que perderam o companheiro na viagem, chegando ao destino viúva e com filhos pequenos. Numa sociedade em que a mulher branca vive sob a tutela do marido, a índia e a negra são violentadas pelo latifúndio, uma mulher sozinha vale, no Brasil de 1824, tantos palmos de terra quanto precisa para ser sepultada”. CONSELHO NACIONAL DA OASE, 1999, p. 29.

³⁴ DREHER, 1994, p. 14.

³⁵ DREHER, 1989, p. 97.

³⁶ Em *Retalhos no tempo*, destacam-se as notícias da criação dos grupos nas áreas urbanas.

³⁷ É notável não só a influência, como também o auxílio financeiro que os grupos de mulheres receberam de organizações da Alemanha. Conforme relato da Fundação de Senhoras Alemãs em Florianópolis, havia uma Associação Alemã para Senhoras no Estrangeiro, com apoio e proteção de Sua Majestade a Imperatriz, tendo como meta o envio de parteiras e enfermeiras, especialmente para as comunidades luteranas no Brasil. KLUG, 1994, p. 195-196.

³⁸ BAESKE, 1999, p. 20.

não católicos. “Todas as outras religiões são permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isto destinadas, sem forma exterior de templo”.³⁹ Portanto, a liberdade concedida aos imigrantes era com ressalvas, o que gerou dificuldades e dissabores para os evangélicos.⁴⁰ Com a proclamação da República,⁴¹ abriu-se a possibilidade para que os prédios de igrejas não católicas recebessem identificação externa de templo, fato até então não permitido no Brasil.

O primeiro grupo de mulheres que se estruturou foi coordenado pela senhora Julie Kölle. Foi a contribuição financeira de um moribundo e seu desejo no leito de morte que fez com que o conselho administrativo da comunidade incumbisse o pastor Theodor Kölle de constituir um fundo financeiro e um grupo de trabalho para a realização do “sonho de visibilizar a comunidade luterana, no contexto da sociedade de Rio Claro”.⁴²

O grupo de trabalho constituído pelo pastor foi formado de mulheres, e a coordenação ficou aos cuidados da sua esposa. A mobilização da Sociedade de Senhoras Evangélicas de Rio Claro é motivado pela sobrevivência e o pelo testemunho da fé trazidos pelos imigrantes. É a sobrevivência da identidade confessional. O que as move é sua fé e sua luta para que seu testemunho seja anunciado na visibilidade do badalar dos sinos. A ação dessas mulheres aponta para o perfil de um modelo de eclesiologia. Trata-se de uma igreja de tradição de fé familiar que se manteve através da transmissão de valores referenciais baseados na continuidade da tradição e da história de fé, a partir do testemunho na ação de seus agentes.

Outros grupos surgiram no Brasil no decorrer dos anos. Cada grupo foi sendo constituído em diferentes contextos e com uma diversidade de ênfases muito rica. Alguns com uma preocupação fortemente diaconal, voltada para as questões da saúde, especialmente ao atendimento às mulheres parturientes e com a formação das mulheres para assumirem a tarefas domésticas, como foi na região de Blumenau.⁴³ A necessidade do cuidado às mulheres parturientes, doentes e carentes originou a Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau – SESB. Este grupo se mobilizou e estabeleceu contatos com a Sociedade de Diaconia de Zehlendorf, na Alemanha, solicitando ajuda profissional para a área da saúde. Em 1909,

³⁹ REILY, Ducan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984. p. 26-27.

⁴⁰ DREHER, 1989, p. 97.

⁴¹ A Proclamação da República do Brasil aconteceu em 15 de novembro de 1888.

⁴² BAESKE, 1999, p. 20.

⁴³ PISKE, Meinrad (Org.) **Centenário Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau: 1907 a 2007**. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. p. 8.

chegaram as primeiras diaconisas para trabalhar em Blumenau.⁴⁴ A grande dificuldade detectada em Blumenau foi a falta de parteiras. Assim, a SESB solicitou à Fraunhilfe für Ausland (Auxílio de Mulheres para o Exterior) que enviasse as referidas profissionais. Em 1913, chegavam a Blumenau as primeiras diaconisas parteiras.⁴⁵ Estava, pois, lançada no Brasil a origem da existência da Casa Matriz de diaconisas.⁴⁶

Na região de Novo Hamburgo, RS a luta foi pela construção de escola. O embrião do que é hoje a Escola Evangélica de Novo Hamburgo, nasce da preocupação pela formação. Assim as mulheres se reúnem com o objetivo de angariar recursos para a construção de igrejas e escolas.⁴⁷ Na organização das comunidades, a igreja e a escola assumiram um papel fundamental.

Estas instituições garantiram a continuidade da tradição cultural, ao mesmo tempo que tinham a função de aproximar os indivíduos e as famílias, integrando-os em torno de valores, representações e aspirações comuns. A unidade de princípios, as práticas comuns e a educação para os valores do cristianismo luterano representaram o fundamento da forte coesão social das comunidades. A escola assumiu, nas comunidades evangélicas, um papel preponderante, uma vez que a leitura e a interpretação da Bíblia eram básicas para a sobrevivência religiosa, que tem como pressuposto a escolarização.⁴⁸

Em Florianópolis, a Associação de Senhoras mantinha como principal preocupação o apoio para as necessidades de saúde, com enfermeiras atuantes e o cuidado com o hospital e a assistência social.⁴⁹

Esse serviço, ou diaconia, visava ajudar doentes, parturientes, pobres e idosos, e educar crianças e jovens. Na educação havia a intenção de preservar a confessionalidade evangélica e os costumes alemães. Para organizar os espaços necessários à execução desses objetivos as mulheres trabalharam muito organizando festas e executando trabalhos manuais. Bem cedo alguns pastores viram os riscos que isso significava. As senhoras faziam um trabalho que competia à toda a comunidade e se extenuavam nisso. O tempo e a energia para a reflexão às vezes ficava em segundo plano.⁵⁰

⁴⁴ PISKE, 2007, p. 9.

⁴⁵ PISKE, 2007, p. 13.

⁴⁶ MÜLLER, Telmo L. **Amor ao próximo**: história da Casa Matriz de Diaconisas na IECLB. São Leopoldo: Rotermond, 1990. p. 7.

⁴⁷ BAESKE, 1999, p. 22.

⁴⁸ BAESKE, 1999, p. 26.

⁴⁹ KLUG, 1994, p. 198.

⁵⁰ BAESKE, 1999, p. 26.

1.3 Identidade

A imagem de uma colcha⁵¹ de retalhos mostra a fragmentariedade e a diversidade da história da OASE. Em meio a esses fragmentos, surge uma organização que traça o fio condutor da ação. É importante ressaltar que não são fragmentos no sentido de dispersão, mas a imagem do tecido revela que estes fragmentos contêm a particularidade de cada contexto, que constrói uma unidade plural. No universo da confecção, só há retalho onde foram moldadas peças. É o corte de um tecido que produz retalhos. A finalidade do corte é constituir uma peça que tem sua utilidade pré-estabelecida. Quando as mulheres da OASE fazem um livro e o chamam de *Retalhos no Tempo*, subjetivamente, elas nos falam de um modelo de Igreja. Modelo que se institucionalizou e construiu seu poder na hierarquia profissional e masculina, produzindo a invisibilidade das mulheres. Elas, com genialidade e intuitividade, usam sobras e fazem delas uma colcha, ou seja, uma comunidade com identidade clara, mas que se define pela diversidade e criatividade. Esta grande “colcha” se faz a expressão de uma ação forte e firme no interior da Igreja Luterana. Ação embasada em sua essência brota da fé cristã que se faz comunhão, anunciando o testemunho e se dispõe ao serviço.

1.3.1 Uma identidade de mãos

As mãos não falam, elas agem e expressam na ação o conteúdo do silêncio. A ‘leitura’ das ações das mãos se faz no processo. No cotidiano da OASE, os sentimentos de acolhida e de gratidão expressa pelo trabalho das mãos se traduzem em testemunho e comunhão. Podemos encontrar esta expressão na fala de uma das integrantes do grupo de Curitibaanos.

O trabalhar com as mãos é uma coisa boa. Porque sempre que você usa as mãos você põe amor no que você faz. Um crochê bem feito, um bordado, até mesmo o fuxico [trabalho manual] ele precisa ser bem feito. Tanto é que esses dias me disseram que já existe uma máquina para fazer fuxico, mas eu disse: a máquina vai fazer perder exatamente a dedicação de fazer, de arrumar. Tudo que é feito à mão tem contido a dedicação de quem o produz. Isso é uma coisa importante que tem dentro da OASE. O usar as mãos para demonstrar amor de se fazer às coisas. Tudo o que é feito ali, por exemplo: uma pessoa com 82 anos fazendo um crochê é um testemunho de amor, de paciência e de dedicação. Ou então aquela que não sabe fazer o crochê, mas faz o tricô, mas que usa as mãos para fazer um bolo ou no dia em que vai fazer um café. Eu acho que é uma união do físico com o espiritual nessa

⁵¹ O livro *Retalhos no Tempo* traz essa imagem da colcha de retalhos. BAESKE, 1999, p. 11.

atitude de realizar as coisas manuais. As mãos são utilizadas para oferecer um benefício ou até alegria para as pessoas.⁵²

É uma questão de pele, de sentir e de sentido. Contra a corrente do desemprego e do desapego, as mulheres tecem em rede de solidariedade os retalhos que asseguram a realização de colchas. Elas testemunham a possibilidade da construção de redes que auxiliam no combate das desvirtudes de uma sociedade capitalista, patriarcal, excludente e individualizante. O testemunho nos assegura que é possível tecer com elementos simples, mas que em rede podem aplacar as necessidades urgentes na luta pela preservação da vida.

As mãos que se juntam para a execução do serviço, percebem a fraqueza e as necessidades das comunidades. É o amor de Cristo que motiva as mulheres a se colocarem à disposição na prestação de auxílios aos necessitados. As comunidades são compostas por pessoas capacitadas para a qualificação dos serviços, mas são as manifestações espontâneas, aquelas que nascem do amor que alimenta tantos corpos necessitados. A OASE se preocupa com a qualificação deste serviço, oferecendo aos seus membros orientação e qualificação para o desenvolvimento das atividades.⁵³

A condição histórica das mulheres, os trejeitos culturais e a relegação da mulher colocaram na cozinha um aparente lugar não valorativo, secundário. Porém, as mulheres com, e a partir da sabedoria e da simplicidade, reaparelham a cozinha e fazem do serviço espaço de dons e de afirmação, espaço de centralidade e de decisões. A cozinha é o lugar que permite o acesso ao entendimento da cultura, da expressão religiosa, que define o comportamento e a forma de como se entende a vida e a fé cotidianamente.

É preciso compreender o que essa organização demanda. Sua forma institucional e o sistema de idéias que a anima revelam mais do que mostram. A OASE encontra sentido nos acontecimentos que ela vive. Nas ações do cotidiano, está revelada a expressão e a experiência de fé. Anúncio e denúncia de que a ação silenciosa é pontencializada e instrumentalizada pode ser verificada nos objetivos propostos pela organização. Faz parte da nossa pesquisa analisar se existe clareza e consciência destes objetivos nas ações do cotidiano. Cabe-nos também o desafio de investigar se estes objetivos foram elaborados pelas mulheres, agentes do cotidiano, pois no decorrer da investigação vamos percebendo que os textos

⁵² ANEXO 02: Entrevista senhora Rose Mari das Graças Kern.

⁵³ OASE, 2000, p. 6.

escritos e muitas das falas das quais se tem registro são informações sobre as mulheres, elaboradas e anunciadas por homens.⁵⁴

1.4 Dos objetivos

Os três objetivos gerais da OASE revelam ação. É uma ação voltada para a edificação da Igreja. O engajamento das mulheres testemunha a seriedade e o comprometimento que a fé proporciona a suas vidas. Com metas e com objetivos traçados, o exercício da cidadania cristã se desenvolve:

A OASE é um setor de trabalho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB. É uma oferta de auxílio mútuo para a participação ativa de mulheres na vida da comunidade. Essa participação se expressa nos três aspectos da vida cristã: COMUNHÃO – comunhão; TESTEMUNHO – martíria; SERVIÇO – diaconia.⁵⁵

É assim, na experiência que se estabelece a prática que se diz silenciosa e se faz concreta. A OASE, como setor de trabalho no seio da IECLB, desenvolve suas atividades práticas nas comunidades. Esta prática diaconal e pastoral necessita da análise e da reflexão teológica a fim de resistir às críticas, visto sua performance de ação, que muitas vezes não contempla uma reflexão teórica capaz de interpretar a práxis existente. Significa dizer: a simplicidade e a sabedoria estão mais no plano da vida do sentir, do experienciado do que no plano da teoria. É o sabor da sabedoria apreendida na paciência do cotidiano.

A expressão da participação é resumida em três palavras que revelam ação. É uma ação voltada para a edificação da igreja. O engajamento das mulheres testemunha a seriedade e o comprometimento que a fé proporciona em suas vidas. Esta construção é revelada na publicação de seus dez objetivos específicos, aprovados no Congresso Geral Constituinte da entidade nacional, em 1984:⁵⁶

- 1- Proporcionar um crescimento e fortalecimento da fé em Jesus Cristo;
- 2- Enfatizar o estudo da doutrina da nossa igreja;
- 3- Proporcionar um ambiente de acolhimento mútuo;
- 4- Levar a mulher a valorizar-se a si mesma, aceitando-se com um ser feito a imagem e semelhança de Deus;
- 5- Apoiar a mulher, ajudando-a a encontrar soluções para os seus problemas.

⁵⁴ Na Celebração dos 100 anos, somente pastores homens palestraram. As mulheres da OASE fizeram silêncio. No Roteiro da OASE, os artigos teológicos são falas dos profissionais da fé. Nos encontros celebrativos ou não, a palavra histórica e/ou religiosa sempre é pronunciada pelas pessoas institucionalmente incumbidas.

⁵⁵ OASE, 2000, p. 5.

⁵⁶ BAESKE, 1999, p. 160.

- 6- Incentivar o desenvolvimento dos dons pessoais;
- 7- Integrar a mulher na igreja, acentuando a sua participação e capacidade de decisão;
- 8- Encorajar a mulher a testemunhar a sua fé;
- 9- Oferecer à mulher condições para perceber a realidade que a cerca e incentiva-la para uma ação responsável no presente, visando também as novas gerações;
- 10- Preparar a mulher para um trabalho diaconal.⁵⁷

1.4.1 Perfil das atividades

Entre as mulheres o cuidado é assumido como tarefa vital. Não se questiona quem produz a exclusão, mas se cuida dos excluídos, pois se entende que sem os cuidados não há chances de vida. As mulheres assumem a tarefa de cuidadoras. Talvez por sua sensibilidade e experiência, elas têm uma maior percepção para a realidade do sofrimento e para a ação relativa ao cuidado da vida. O ser humano nasce desprovido de mecanismos de sobrevivência e são as mulheres que mais se fazem presentes nestes períodos, quando o cuidado é fundamental para a sobrevivência.

A OASE é um grande e importante espaço terapêutico dentro das comunidades e paróquias da IECLB. São mulheres cuidadoras e criativas construindo pontes de comunhão entre si e com o próximo. Tecendo, colorindo e ajudando a transformar este mundo que ainda é de Deus. A OASE é a extensão da minha família. O espaço em que sinto bem de perto a mão bondosa de Deus, expressa pelo calor do aconchego e do abraço dessas mulheres, que não medem esforços para fazer acontecer.⁵⁸

A história da ação das mulheres da OASE, portanto, não é só uma costura de retalhos, mas é a composição de mãos que tecem fios. Fios que formam as redes e também as tramas. Redes que se interligam e as tramas que revelam as limitações e as construções históricas no cotidiano vivencial.

O cotidiano das mulheres é retratado no espaço da OASE. O cotidiano é a rotina, os hábitos diários que fazem parte da trama mais imediata da nossa vida. O cotidiano das mulheres, e também o dos homens, entra na ciência para mostrar que as grandes estruturas econômicas e políticas têm a ver com o que vivemos em nossos lares. O doméstico não está separado das grandes questões socioeconômicas, nem dos grandes desafios da cultura. “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a

⁵⁷ OASE. **Regimento Interno da OASE**: Ordem Auxiliadora de Senhoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Lajeado: Cometa, 1999. Artigo 4º, p. 01.

⁵⁸ NERING, Edeltraud F. **Jornal O Líder**, Rio Negrinho, 11 jun. 2006, p. 3. ANEXO 03.

verdadeira essência da substância social”.⁵⁹ É justamente no cotidiano que os reflexos das ações globais são sentidas.

A ousadia das mulheres se realiza no cotidiano, expresso no microcosmo de ação e viabilizado por atitudes e ações singelas. A ação de ordem silenciosa se traduz em serviço. Verificar-se-á este desafio que tem o “silêncio” (ou burbúrio silencioso) de uma cozinha em dia de festa. A cozinha em dia de festa não é o palco principal, mas tece os principais sabores. A ação das mulheres na cozinha reverte para a comunidade um montante financeiro de grande expressão. No cotidiano, o caixa financeiro da OASE é pequeno e suas entradas são pequenas “migalhas”. Silenciosamente, entram as pequenas partículas monetárias continuamente, que formam uma economia sólida e expressiva, influenciando o cotidiano estrutural da comunidade.

A essência da OASE está na ‘comunhão’, no ‘testemunho’ e no ‘serviço’. A ênfase cotidiana que se sobressai é o ‘servir’, a prestação do serviço, ou seja, o agir direto, prático e manual - através dos afazeres e ritos cotidianos conhecidos e dominados pelas mulheres - anuncia sua presença e importância. Estas palavras-chave perfazem o objeto de concentração da ação da OASE. Nestas três palavras de ordem da OASE, está estabelecida uma linha de ação, de ordem teórico-propositiva.

Todavia, no ‘servir’, ou seja, na ordem prática, estão presentes significativos elementos de contribuição, de construção e de determinação da vida comunitária. Decorrente de suas ‘metas de ação’, a OASE contribui substantivamente na vida eclesial e religiosa, especialmente na economia, com sua estrutura de grupo, com a sua economia, com suas teias de poder, ou seja, com a sua capacidade de ordenar e agir na vida comunitária.

Esta forma de ordenação da vida comunitária é expressa no cotidiano das ações. O poder reside no fato de que a experiência da OASE incorpora e cultiva a interdisciplinaridade⁶⁰ em seu cotidiano. Esta multiface das experiências é força e riqueza. A ocupação do espaço é, para as mulheres, um elemento decisivo na sua força e participação. Pode-se depreender ainda que a ocupação nem sempre é de transformação, todavia, espécie ancorada na ordem da sobrevivência.

⁵⁹ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p. 20.

⁶⁰ As mulheres trazem para o espaço religioso o saber de outras áreas e os incorporam para obter o resultado necessário para a melhoria do que representa para suas vidas o essencial.

A história da OASE parece sedimentada na necessidade da sobrevivência, seja social, seja religiosa. A metodologia da resistência (de ocupação de espaço) se evidencia pela ação laboral, pacienciosa e contínua. A história se faz pelo agir (de mãos e corpos). Antes, na história, vem a ação e, depois, a estruturação. Na estruturação, vem o enraizamento, a aplicação, a sedimentação econômica e a complexificação do poder. É nesta teia de interligações que percebemos a cotidianidade voltada para o cuidado, onde cada qual se apropria a seu modo da realidade e lhe impõe a marca da sua personalidade.⁶¹

1.5 Da estrutura da OASE

“A OASE tem uma estrutura e uma essência. A estrutura é a forma de organizar-se; a essência é formada pela sua motivação e seus objetivos. A estrutura deve estar a serviço da essência”.⁶² A essência se encontra nos objetivos. A estrutura pode e vai mudar, na medida em que mudam as estruturas da sociedade, da Igreja, das nações e mundo, mas a essência deve permanecer.

Como a OASE é um setor de trabalho da IECLB, sua estrutura acompanhou o perfil da estrutura da Igreja desde a sua fundação. São poucos os elementos orgânicos que não condizem com a forma da estrutura orgânica da IECLB.⁶³ Com a Reestruturação da Igreja em 1998, a OASE também procurou se adaptar, sendo o primeiro setor a se organizar de acordo com o novo modelo. “Constatamos que a OASE é muito flexível e já está trabalhando bem dentro da nova estrutura. Estruturas mudam, mas o trabalho nas bases fica”.⁶⁴

Em carta dirigida para as dirigentes sinodais da OASE, a então presidente Nacional, Grudrun Braun, agradece às lideranças das OASEs dos ex-distritos e regiões pelo empenho na consolidação da nova estrutura da IECLB, assim como pede que continuem empenhadas no trabalho dentro dos atuais Sínodos.⁶⁵ Essa mesma característica, no passado, estava presente na formação dos antigos sínodos já em 1928. Conforme testemunha a primeira publicação

⁶¹ HELLER, 1972, p. 41.

⁶² BRAKEMEIER, Ruthild. Há que se mudar. Mas sem perder a essência. **Revista da OASE – IECLB**. São Leopoldo, mai. 2002, p. 26.

⁶³ A estrutura orgânica da IECLB se compõe de: **Comunidade** (Paróquia), **Sínodo** (Pastor Sinodal e Conselho Sinodal), **Concílio** (Presidência, Conselho da Igreja, Secretaria Geral). IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Boletim Informativo do Conselho Diretor**, n. 155, 31 mar. 1997, p. 2-10.

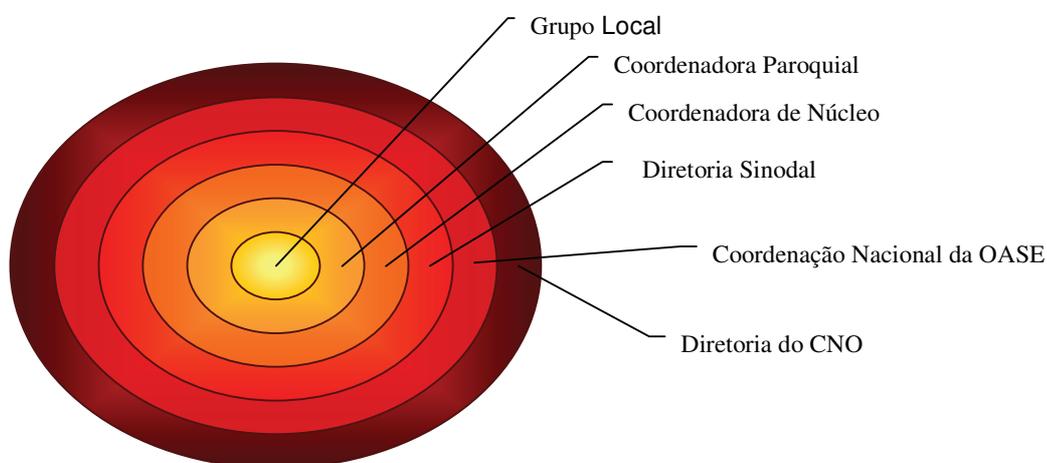
⁶⁴ Participantes da primeira reunião do Conselho Nacional da OASE (CNO). **OASE em foco**, ano 1, n. 01.

⁶⁵ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 03**. Ata de Reunião Extraordinária, 1998, Joinville, p. 7.

dedicada às associações de senhoras e diaconisas no suplemento das Folhas Evangélicas Alemãs:

[...] o pastor Fritz Bliendner, orientador das diaconisas, definia a função profissional ou voluntária das mulheres na Igreja: na qualidade de discípulas de Jesus Cristo, colaborar na formação e organização da comunidade. O pastor Rudolf Becker ia além, na mesma época: a vocação da mulher como mãe, educadora dos filhos, tinha como extensão a responsabilidade pela formação religiosa da juventude, pelo trabalho como missionária, pela ação no setor feminino de hospitais e prisões, mas também deveria-se estender à administração de comunidades e sociedades.⁶⁶

Há uma forte característica presente na ação das mulheres da OASE. Elas são pioneiras em organizar a “casa”. Ordem é uma das palavras que compõem o próprio nome da entidade. Esta é a alavanca que as move no intuito de se adaptar às necessidades jurídicas da instituição da qual fazem parte. O organograma da estrutura da OASE tem nos grupos comunitários seu núcleo de ação, e na estrutura sinodal e nacional a sua direção organizativa. Sua estruturação⁶⁷ foi sendo tecida durante a caminhada, e continua em processo. Desde os estatutos das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras Evangélicas até a atual formatação, houve muitos encontros e desencontros.



A metodologia de trabalho da OASE mostra os passos de mulheres que se dispuseram a viver os desafios do Evangelho em suas chances e limitações contextuais. Os primeiros passos de um caminho só se fazem ao caminhar. Os passos e caminhos devem

⁶⁶ BAESKE, 1999, p. 33.

⁶⁷ A estrutura apresentada é um resumo do Regimento Interno da OASE aprovado em 11 de dezembro de 1998 e homologado pelo Conselho da Igreja em 01 de maio de 1999.

avançar por trilhas que, uma vez construídos, apoiarão e acompanharão as práticas das comunidades religiosas e de suas concepções de vida e de sociedade.

Os três objetivos gerais da OASE revelam ação. É uma ação voltada para a edificação da Igreja e cuidado pessoal. Grupo que é solicitado para inúmeras ações comunitárias, pois sua constância é entendida como garantia que o empreendimento demandado se cumprirá.⁶⁸ O engajamento das mulheres testemunha a seriedade e o comprometimento que a fé proporciona em suas vidas. Com metas claras e com objetivos traçados, o exercício da cidadania cristã se desenvolve nas diferentes instâncias organizacionais desta entidade.

1.5.1 Grupo local

Os grupos de OASE, nas bases comunitárias, têm uma diretoria composta de:

- ❖ Presidente e Vice;
- ❖ Secretária e Vice;
- ❖ Tesoureira e Vice;
- ❖ Obreiro ministerial;
- ❖ Ou uma diretoria constituída de, no mínimo, três responsáveis e o obreiro ministerial.

1.5.2 Na paróquia

A paróquia tem uma coordenação que representa os grupos locais composta de:

- ❖ Coordenadora;
- ❖ Vice-coordenadora.

1.5.3 No Sínodo

Nos Sínodos, aconteceu na prática, uma subdivisão que inclui uma etapa intermediária entre a Coordenação Sinodal e a Coordenação Paroquial: a divisão em núcleo ou setores. A coordenação ficou assim estabelecida:

- ❖ Congresso Sinodal:
 - Uma representante de cada grupo;
 - Coordenadora Paroquial;
 - A Diretoria Sinodal.
- ❖ Diretoria Sinodal:

⁶⁸ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 02.** Ata de Reunião Extraordinária, Joinville, 1998, p. 2.

- Presidente, 1ª e 2ª vice;
- Secretária e 2ª secretária;
- Tesoureira e 2ª tesoureira
- Pastor Orientador Sinodal e vice
- Pastor Sinodal.

❖ Coordenadora de Setor ou Núcleo

O Núcleo ou Setor é formado por grupos de paróquias que obedecem a uma subdivisão geográfica dos Sínodos da IECLB, de acordo com a realidade de cada local.

1.5.4 A coordenação nacional

A Coordenação Nacional é composta pelo Conselho Nacional da OASE. Fazem parte do CNO:

- ❖ As Presidentes Sinodais da OASE;
- ❖ Diretoria do CNO:

- Presidente;
- Secretária;
- Tesoureira.

❖ Congresso Geral

- CNO;
- Uma representante por Sínodo;
- Um terço dos pastores orientadores sinodais da OASE.⁶⁹

1.6 OASE e as mudanças decorrentes da reestruturação da IECLB

Em termos de estrutura e forma de atuação, não houve alterações na maneira como são articuladas e coordenadas as atividades da organização. Porém, devido às exigências do novo Código Civil Brasileiro⁷⁰ também a OASE sofreu alterações em sua forma de existir. Formalmente, ela passa a existir como uma associação. Nos 17 Sínodos da IECLB⁷¹ em que a OASE está organizada, ainda estão tramitando os documentos para a constituição dos novos estatutos, para a constituição de entidade jurídico. Cada realidade sinodal está sendo

⁶⁹ Definidos através do sistema de rodízio estabelecido pela diretoria do CNO. OASE, 1999, Art. 33, III.

⁷⁰ Lei n. 10.406, do **Novo Código Civil** que entrou em vigor em janeiro de 2003. BRASIL. Presidência da República Federativa do Brasil. **Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002**. Brasília: Diário Oficial da União, 11 jan. 2002. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/11/2002/10406.htm>>. Último acesso em: 24 fev. 2009.

⁷¹ A estrutura organizacional da Igreja Evangélica de Confissão Luterana é composta de 18 Sínodos.

considerada para a constituição das Associações Sinodais dos Grupos de Mulheres da OASE. O Regimento Interno continua orientando a organização em sua forma estrutural, mas os estatutos vão construindo a identidade jurídica necessária.⁷²

É interessante perceber como essas alterações de ordem técnica têm produzido diferentes posicionamentos das lideranças no âmbito eclesial. A realidade cotidiana, marcada por um conjunto de conceitos morais, sociais e cristãos, causa insegurança às mulheres quando desafiadas por novas ordens e modelos de protagonismos.⁷³ A apropriação do espaço jurídico e a condução administrativa oficial das finanças até aqui estavam ao encargo das estruturas da instituição. Esta demanda muda e as mulheres precisam gerenciar também estas áreas de trabalho. Quando a gerência das suas atividades vai além das fronteiras domésticas, a princípio, as mulheres se sentem acuadas. Esta forma de reação decorre da educação estereotipada e da expectativa social em relação ao “lugar” da mulher na sociedade e na Igreja.⁷⁴

⁷² Fontes de informação são as atas do Conselho Nacional da OASE e os relatórios sinodais do ano de 2005 a 2007.

⁷³ ROTH, Vera. Por que existe pouca liderança feminina na IECLB? **Jornal Evangélico Luterano – IECLB**, ano 36, n. 697, jul. 2007, p. 10.

⁷⁴ Há uma visível resistência, a princípio, das mulheres quando se trata de assumir funções técnica. Trata-se do medo do desconhecido, do novo. Não se trata de incapacidades, mas de um cuidado excessivo de assumir tarefas que são estranhas ao projeto conhecido.

2 A VISIBILIDADE DAS PROTAGONISTAS DOS ECOS INVISÍVEIS

La montaña es algo más que una inmensa estepa verde.⁷⁵

2.1 Perfil da participante

Quando falamos das mulheres da OASE, estamos falando de mulheres inseridas na sociedade real. A sociedade que, com seus usos, costumes e valores, definem o ser homem e o ser mulher. Essa organização abrange toda a nossa existência. Nesse sentido, é preciso reconhecer como o sistema familiar, a organização econômica, os sistemas jurídicos e religiosos concebem o lugar que a mulher deve ocupar na sociedade.

Não se constitui uma tarefa simples representar as mulheres da OASE. Esta organização é composta de muitas mulheres. Não há como averiguar quem são todas essas mulheres. Podemos sim, trazer recortes, retalhos, apenas pequenos fragmentos, que podem nos dar alguns referenciais analíticos.

2.1.1 Dados nacionais

Para o conhecimento do sujeito-objeto da presente investigação, foram tomados elementos e informações que pudessem contribuir para a compreensão do modo de ser individual e coletivo das mulheres em foco. Dados colhidos numa pesquisa realizada pelo CNO, publicados no livro *Retalhos no Tempo*, auxiliam-nos a perceber o perfil das integrantes da OASE. Esta pesquisa foi realizada através de um questionário enviado aos grupos no ano de 1997,⁷⁶ que voluntariamente responderam. Num universo de trinta e oito mil, quatrocentos

⁷⁵ CABEZAS, Omar. *La montaña es algo más que una inmensa estepa verde*. 4 ed. Nicarágua: Nueva Nicarágua, 1987.

⁷⁶ BAESKE, 1999, p. 72-78.

e oitenta e duas mulheres (38.482),⁷⁷ 463 questionários foram respondidos.⁷⁸ O que representa apenas 1,203 % do total das integrantes da OASE, no âmbito da organização nacional. Esse universo estatístico representa uma pequena amostragem do perfil das integrantes. O próprio resultado da pesquisa do CNO aponta para um cotidiano que revela uma faceta de silêncio. Estas mulheres não escrevem sua história, nem com a motivação da Direção Nacional. Isto só reforça a tese de que é substancial a falta de material escrito sobre a vida das mulheres da OASE.

Os resultados foram compilados e constroem as tabelas que apresentamos. Questões relativas ao estado civil, à média de idade, ao nível de escolaridade e à profissão compõem um conjunto de informações importantes para um alcance aproximado do perfil das mulheres da OASE.

Tabela 1: Estado civil das integrantes da OASE

Estado Civil	Percentual
Casadas	71,3%
Viúvas	22,3%
Solteiras	3,3%
Desquitadas	1,8%
Separadas	1,3%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

No trato das integrantes, sujeitos/objetos da pesquisa, a questão relativa ao estado civil nos evidencia que a situação corresponde, a rigor, com os padrões culturais estabelecidos pela sociedade.

As mulheres casadas perfazem o maior número das integrantes dos grupos de OASE. É o perfil da mulher do século XX, que é resultado de um longo processo de segregação social da mulher que a define como hierarquicamente inferior e dependente do homem. É concedido o status de “rainha do lar” e sua função é a manutenção do lar e a maternidade seria sua vocação natural de rainha.⁷⁹

Este perfil reúne uma comunidade de mulheres, casadas ou viúvas, que cuidam da casa, da família e participam do grupo da Igreja. Cabe à mulher a tarefa do cuidado,

⁷⁷ BAESKE, 1999, p. 199.

⁷⁸ BAESKE, 1999, p. 72.

⁷⁹ MURARO, Rose M. Mulher Cultura e Igreja. In: SUES, Paulo (Org.). **Culturas e evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991. p. 122.

especialmente a mulher casada tem essa missão. Esta característica auxilia a entendermos o perfil das participantes da OASE e sua história de inserção familiar e comunitária.⁸⁰ O número de mulheres separadas e desquitadas é insignificante, de acordo com o quadro acima. O que justifica boa parte do entendimento que essas agentes publicizam em seus discursos sobre a forma social/familiar que lhes é cotidiana.

Tabela 2: Média de idade das integrantes da OASE

Faixa Etária	Percentual
Mais de 54 anos	50,0%
Menos de 43 anos	25,0%
Média de 53 anos	25,0%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

Há mulheres de todas as idades que integram a OASE, mas o número de mulheres acima de 54 anos perfaz a metade das integrantes dos grupos comunitários. A média de idade das participantes alcança o patamar de 53 anos. É um grupo de pessoas que, em sua maioria, estão fora do mercado de trabalho formal. Aparecem aqui as interfaces da condição de vida de mulheres da terceira idade. No cenário de uma sociedade ancorada no ideal da juventude, a pessoa idosa é um elemento dissonante, um indivíduo trafegando na contra-mão. Os elementos fundantes e estruturais da idade da pessoa na velhice são, comumente, a memória e o passado. “O tempo da memória segue um caminho inverso ao tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vem à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram”.⁸¹

A velhice não é uma cisão em relação à vida precedente, mas é uma continuação de todos os processos vividos anteriormente. E é justamente neste enfoque que as mulheres da OASE podem ser consideradas o elemento de suma importância na manutenção da memória identitária das comunidades em seu cotidiano.

⁸⁰ GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982. p. 27.

⁸¹ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 30-31.

Tabela 3: Escolaridade das integrantes da OASE

Escolaridade	Percentual
Primário completo	32,2%
Primário incompleto	26,4%
Secundário completo	18,9%
Secundário incompleto	11,7%
Superior completo	7,2%
Superior incompleto	2,7%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

Pelos dados da pesquisa, o nível de escolaridade é de pouca significação. No universo cotidiano das mulheres da OASE, considerando a idade das componentes, em grande maioria pessoas idosas, a mentalidade ainda normativa atribui a tarefa doméstica para as mulheres, uma vez que sua capacitação profissional a colocou neste patamar, especialmente considerando que a formação e capacitação eram privilegio exclusivamente masculino no Brasil até 1827.⁸² A liberação do acesso à universidade para as mulheres tardou ainda mais.

O acesso à universidade foi liberado em 1879, mas poucas tinham a coragem de enfrentar os preconceitos então existentes com relação às mulheres com curso superior. 'Lugar de mulher é em casa, cuidando da família'. Estudar, só se for para aperfeiçoar-se nos papéis de esposa e mãe.⁸³

Este aperfeiçoamento para os papéis doméstico foi uma das lutas dos primeiros grupos de senhoras. A economia doméstica era o curso oferecido por estas casas de formação em diferentes regiões do Brasil. A Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau manteve uma dessas escolas com o objetivo de reunir moças de família para se aperfeiçoarem no curso de prendas domésticas, a fim de se prepararem para o futuro, resumido a ser dona de casa, esposa e mãe.⁸⁴

⁸² MORAES, Maria L.Q. Cidadania no feminismo. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 498.

⁸³ MORAES, 2003, p. 495.

⁸⁴ BAESKE, 1999, p. 22.

Tabela 4: Profissão das integrantes da OASE

Profissão	Percentual
Do lar	27,1%
Não responderam	22,3%
Agricultoras	17,4%
Professoras	11,8%
Comerciantes	5,9%
Secretárias	5,0%
Costureiras	5,0%
Domésticas	5,0%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

Decorrente desta história e ênfase formativa, não seria outro o perfil profissional do que o que percebemos no resultado da pesquisa. Somando-se às que não responderam à pergunta, as que responderam do lar e as que responderam como domésticas, temos um total de 54,4 %. Mais da metade das participantes são donas-de-casa sem remuneração. Não responder traz embutido um sentido subjetivo que denuncia a desvalorização deste trabalho cotidiano das mulheres.

El trabajo de las mujeres en el hogar y el papel de la maternidad están devaluados porque quedan fuera de la esfera de intercambio monetario y no se les puede medir en estos términos y debido además a que el amor, aunque es supuestamente valorado, en realidad solo lo es dentro de un ámbito devaluado y exento de todo poder, ámbito separado de los beneficios y logros y que no se equipara a ellos.⁸⁵

Tabela 5: Motivo de filiação das integrantes da OASE

Motivo	Percentual
Incentivo de outra participante	40,0%
Presidente ou pastor	15,3%
Iniciativa pessoal	15,7%
Situação pessoal de dor ou sofrimento	9,6%
Outros	19,4%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

O vínculo das relações de amizade é o maior elemento de agregação ao grupo. Os outros motivos de adesão mencionados são as situações de fé, o convite da mãe e a ação diaconal. Neste pequeno universo de 1,203 % das mulheres que integram a OASE, mais da metade dos testemunhos revelam o vínculo com outra participante como fator determinante

⁸⁵ EISENSTEIN, Zillah. **Patriarcado capitalista y feminismo socialista**. Madrid: Siglo XXI, 1978. p. 109.

para a adesão. É a tradição familiar e comunitária a construtora da pertença ao grupo de mulheres da OASE. É a continuidade da história e da memória que se faz e se refaz no cotidiano da fé e da pertença que constrói o vínculo.

2.1.2 As prioridades

São mulheres que se preocupam com a vida, com a religiosidade, com as necessidades da sua comunidade. As prioridades da ação das mulheres da OASE são publicizadas nos seus objetivos, que são a essência da organização. A Comunhão, o serviço e o testemunho são organicamente elaborados. Na experiência cotidiana, revelam-se os elementos que se fazem prioritários na ação. A pesquisa do CNO elaborou 14 opções sobre o que as mulheres da OASE consideram mais importante em seu grupo. Destas, cada integrante poderia escolher até cinco opções. Das 463 mulheres que preencheram as opções, o percentual das respostas constrói os seguintes eixos preferenciais em conexão com os três objetivos gerais da OASE.⁸⁶

Tabela 6: Atividade considerada mais importante

Atividade	Percentual
Cuidado/comunhão	39,70%
Reflexão/capacitação	30,28%
Serviço	20,44%
Total	100,00%

Fonte: BAESKE, 1999.

Na análise da tabela a seguir, chama a atenção o percentual das mulheres que responderam à questão caiu cerca de 50%. Tal qual a avestruz que esconde seu ovo, as mulheres não falam do que fazem. Eis aí uma prerrogativa que, subjetivamente remete-nos à tese do silêncio. É da ordem da ação que toma decisões, mas não aciona o registro. Das respostas que foram encaminhadas ao CNO, o perfil da ação das mulheres da OASE aponta prioritariamente para a ação do cuidado, do acolhimento. Ainda que o serviço seja a opção liderou as respostas, com pequena diferença em relação ao acolhimento, o cuidado conquistou a fatia maior desse bolo da ação das mulheres.

⁸⁶ BAESKE, 1999, p. 75.

Tabela 7: Atividade que mais colabora

Atividade	Percentual
Cuidado/comunhão	16,7%
Reflexão/capacitação	15,3%
Serviço	15,0%
Não respondeu	53,0%
Total	100,0%

Fonte: BAESKE, 1999.

Ousando na interpretação, entramos no campo da subjetividade. No entendimento das mulheres, a atividade que desponta como mais importante é a comunhão, que traz embutida a religiosidade, a manifestação da fé. No entanto, a atividade que consome maior energia e tempo são as atividades práticas na cozinha. Como ela não faz parte do perfil ideal, os questionários não foram respondidos. Esta “ousadia” pode ser confirmada comparando a pesquisa realizada junto às coordenadoras distritais que estavam em atividade até fins de 1997:

[...] em primeiro lugar, aparece o trabalho em almoço, jantares e chás comunitários e a venda de rifas com a finalidade de arrecadar recursos. Isto reforça a opinião que acompanha a OASE desde a sua criação: as mulheres estão preferencialmente na cozinha, dando duro para sustentar boa parte dos compromissos comunitários.⁸⁷

2.2 Perfil das mulheres da OASE num Sínodo: um recorte

A diretoria da OASE do Sínodo Norte Catarinense – SNC publicou num *Caderno de Memórias* uma pesquisa realizada na sua abrangência geográfica. São dez⁸⁸ testemunhos de mulheres de diferentes idades que foram compilados, utilizando-se a seguinte metodologia:

Enviou-se para cada coordenadora de núcleo uma carta, onde estavam colocadas as questões para serem respondidas em forma de testemunho pelas mulheres. Cada núcleo escolheu três mulheres de diferentes gerações para fazerem sua narrativa, considerando o tempo de participação, a idade. As perguntas que as mulheres responderam em forma de testemunho foram as seguintes: Por que entrei no grupo da OASE ? Por que permaneço no grupo ? O que poderia ser diferente ? O que é importante no grupo da OASE para a minha vida ?⁸⁹

⁸⁷ BAESKE, 1999, p. 78.

⁸⁸ ANEXOS 04, 05, 06, 07 e 08. Parte do Caderno de Memórias, páginas 17 a 21.

⁸⁹ NERING, Edeltraud F.; ULRICH, Claudete B.; FANZLAU, Sandra H (Orgs.). **Retratos das mulheres da OASE: quem foram e quem são.** Caderno de memórias. Blumenau: Otto Kuhr, 2006. p. 16.

O Sínodo Norte Catarinense tem, segundo dados do livro *Retalhos no Tempo*, 6.627 mulheres que integram os grupos de OASE.⁹⁰ Dez mulheres representam, portanto, 0,15% do total, o que pode traduzir-se numa amostra muito pequena. No entanto, a análise deste pequeno percentual pode oferecer dados significativos do entendimento destas protagonistas no microcosmo de suas ações, que compõem o macrocosmo da OASE. Se entendemos que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”.⁹¹

Assim também o é com as protagonistas da OASE. Neste pequeno universo de dez testemunhos, elas revelam o vínculo da tradição familiar como construtor da pertença ao grupo. Elas foram convidadas e incentivadas pela mãe ou avó a ingressarem na OASE. Três foram convidadas e motivadas por amigas. As outras duas tiveram diferentes motivações. Uma busca no grupo alento para sua situação pessoal e outra busca um vínculo étnico. A metade das mulheres é motivada pelos laços de família. Confirma-se a tese de que é a memória guardada pela mãe que as faz pertencer ao universo religioso de comunhão, testemunho e serviço. Portanto, também nesta pesquisa, temos desenhado o perfil característico da mobilização das mulheres: a perpetuação da memória da religiosidade familiar como âncora da continuidade e da preservação da identidade.

Tabela 8: Motivo de filiação na esfera de um Sínodo

Motivo	Percentual
Incentivo familiar, mãe ou avó	50,0%
Outras integrantes	30,0%
Questões pessoais	10,0%
Vínculo étnico	10,0%
Total	100,0%

Fonte: NERING et al., 2006.

⁹⁰ BAESKE, 1999, p. 186-187. Anexo de estatísticas.

⁹¹ SANTOS, Milton apud SAUER, Sérgio. **Terra e modernidade:** a dimensão do espaço na aventura pela luta pela terra. 2002. 305f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Brasília, 2002. p. 78.

2.2.1 Testemunho da OASE no Sínodo Norte Catarinense

Quando falamos da OASE, pensamos na Igreja, pois a OASE é um setor de trabalho da IECLB. Em Mateus 16.18 Jesus diz a Pedro: 'Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja'. Como a Igreja de Jesus Cristo é uma casa construída com pedras vivas, a OASE quer ser uma casa viva, na qual as moradoras, com as mais diferentes mentalidades se sintam bem!⁹²

O testemunho que constrói o referencial da OASE é ancorado na missão de proporcionar um crescimento e fortalecimento da fé em Jesus Cristo. Isto se estabelece no processo da OASE ser o lugar e criar as condições para sua efetivação, respeitando a diversidade e auxiliando nas decisões de ordem estrutural. Como parte integrante da IECLB, o esforço da OASE se faz atitude em levar a concretude às decisões da Igreja.

O Sínodo Norte Catarinense é uma unidade deste corpo organizativo da IECLB. Na estruturação do Sínodo o primeiro grupo que se organizou foi a OASE.⁹³ Portanto, na reestruturação da IECLB, a OASE, com certeza teve um papel importante e significativo, sendo ela o fermento dessa massa, por vezes pesada, para fazer crescer as comunidades o menor núcleo orgânico desta estrutura e o eixo de sustentação da mesma. Portanto, se ali as mulheres são consideradas o fermento, então, na essência da comunidade elas são as peças fundamentais para a manutenção da estrutura.⁹⁴

Esse grupo que deve assumir tarefas práticas, no entender desses pastores também foi avaliado como um grupo constante, dentre os diferentes grupos organizados na IECLB.⁹⁵ A OASE foi, na constituição do Sínodo Norte Catarinense, o primeiro grupo a ser convidado para refletir e planejar as ações deste grêmio. Neste encontro entre a direção do Sínodo Norte Catarinense e as lideranças da OASE, estabeleceu-se uma subdivisão geográfica do Sínodo. Portanto, foi OASE a parceira de reflexão para esta tomada de decisão. Assim, o Sínodo foi subdividido em três setores geográficos e, já nesta reunião, foram escolhidas coordenadoras para os trabalhos da OASE.⁹⁶

A ordem prática deste grupo é percebida na sua forma de se estruturar e construir suas metas de ação. Após as definições práticas, segundo o registro no livro de atas, a

⁹² BRAUN, 1999, p. 7.

⁹³ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 01.** Ata da constituição da nova diretoria, Joinville, 1998, p. 1. Em 27 e 28 de março de 1998, reuniram-se em Indaial as representantes dos grupos de OASE, agora Sínodo Norte Catarinense, a fim de eleger a Diretoria da OASE Sinodal.

⁹⁴ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 02.** Ata reunião ordinária, Joinville, 1998, p. 2.

⁹⁵ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 02.** Ata reunião ordinária, Joinville, 1998, p. 3.

⁹⁶ ANEXO 09. Organograma de grupos que constituem o Sínodo Norte Catarinense com o número de participantes.

preocupação das mulheres da OASE foi com a definição de metas para o trabalho em nível sinodal. O planejamento de metas de trabalho elaborou as seguintes prioridades: seminários para a formação de lideranças, encontros sobre a temática da saúde da mulher e oficinas para desenvolvimento de técnicas para elaboração de trabalhos manuais e artesanatos.⁹⁷

2.2.2 Formação um testemunho silencioso

Para compreender a realidade do testemunho da OASE no Sínodo Norte Catarinense e a lógica estabelecida nas propostas de formação, é necessário investigá-la. Por conta dessa demanda, a análise dos documentos do arquivo da OASE Sinodal⁹⁸ passa a ser o instrumento da nossa investigação da realidade vivenciada nos espaços do testemunho eclesial deste segmento da Igreja.

As ofertas de seminários e oficinas são proposições que têm como objetivo suprir as necessidades sentidas pelas mulheres, especialmente nas tarefas para qual elas são chamadas e desafiadas pelo seu contexto vivencial. A proposta de formação vai sendo construída numa simultaneidade significativa entre os desafios da prática e a busca de novos elementos. A fim de tornar essa prática cotidiana ainda mais qualificada. Assim como uma rede é tecida enquanto o fio é preparado, assim também o testemunho da OASE vai acontecendo no processo em que as necessidades se fazem prementes.

A organização Sinodal da OASE no Sínodo Norte Catarinense propõe anualmente sua agenda de trabalho. Nesta agenda, estão as ênfases propostas para o período. Notamos que existe uma linearidade nas propostas. Nos três anos que analisamos, as propostas são:

Pela Associação Wally Heidrich⁹⁹

1. Retiro para mulheres em Língua Alemã e Língua Portuguesa;
2. Oficinas de Páscoa, bordados e Natal;

Pela Diretoria da OASE do Sínodo Norte Catarinense

- ❖ Seminários para formação de lideranças para cargos eletivos nos grupo;
- ❖ Seminários para equipes de acompanhamento a enlutados.

⁹⁷ OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 02.** Ata reunião ordinária, Joinville, 1998, p. 3-4.

⁹⁸ Período considerado para o levantamento de dados: de 2003 até 2005.

⁹⁹ Organização da OASE que abrange os grupos da antiga II Região Eclesiástica. A associação foi criada para administrar, gerenciar e cuidar dos bens da OASE que, com a reestruturação da IECLB, ficou dividida em quatro Sínodos.

❖ Encontros celebrativos¹⁰⁰ dos grupos do Sínodo e Setores.

As informações acima foram extraídas dos documentos do arquivo da OASE Sinodal, do qual anexamos somente uma amostra representativa.¹⁰¹ Analisando as ofertas, percebemos um perfil que perpassa a agenda para a formação que pode ser desdobrada em três eixos principais: formação de lideranças, qualificação profissional em trabalhos manuais e formação para o cuidado da vida, especialmente nas situações que demandam maior preocupação.¹⁰²

2.2.3 Proposta de formação da Associação Wally Heidrich

A associação tem como objetivo promover formação de lideranças, administrar e gerenciar os bens da OASE da antiga II Região Eclesiástica, criada em logo após a extinção da Região. A criação da Associação antecipa a política de independência jurídica da IECLB que a nova estrutura propõe e realiza alguns anos mais tarde. É a OASE com a visão administrativa de futuro, que continua o vínculo regional e trabalha de forma parceira junto aos Sínodos da antiga RE. Cumprindo com seus objetivos, a Associação oferece retiros para a formação e o cuidado e oficinas profissionalizantes em artesanatos: bordados e confecção de símbolos das duas datas cristãs que se destacam na sociedade: Natal e Páscoa.¹⁰³

2.2.4 Formação na OASE do Sínodo Norte Catarinense

Se analisarmos a proposta de ação da OASE como uma ação silenciosa, também na leitura das propostas de seminário queremos ouvir a voz do silêncio, o que dizem as proposições temáticas no Sínodo Norte Catarinense que não é dito só em palavras. O testemunho se faz perspicaz e efetivo em palavras e em ação. Seu embasamento contém a religiosidade expressa nas palavras de Anna Lange:

Como mulheres cristãs temos, sim, líderes que nos inspiram: os apóstolos, os personagens bíblicos e especialmente o nosso grande mestre e salvador: Jesus. Ele conseguiu reunir e orientar multidões e dirigir-se pessoalmente a aflitos,

¹⁰⁰ ANEXO 10, 11 e 12. Um fato curioso: todos os anos a OASE Sinodal realiza um encontro de confraternização para o encerramento de atividades. Desde o ano de 2005, este encontro passou a ser chamado de “Encontro Diretoria Sinodal OASE com Pastores Orientadores, Coordenadoras dos Setores e Paróquias e respectivos vices”, deixando de ser chamado de encontro de confraternização por ter sido criticado como encontro dispendioso. Mulheres não têm o direito de confraternizar?

¹⁰¹ ANEXO 10, 11 e 12: Agenda de programações.

¹⁰² ANEXO 13. Reportagem do jornal *O Caminho* testemunha: Sínodo Norte Catarinense fala da água e Sínodo Vale do Itajaí pergunta pela identidade confessional.

¹⁰³ ANEXO 14, 15 e 16.

desorientados, humildes e poderosos, e até mesmo a inimigos. Ele soube incentivar pessoas a dar continuidade ao seu trabalho. Ele continua convocando pessoas para serem seus discípulos e suas testemunhas. E é com sua ajuda que podemos contar quando sentimos que as nossas capacidades, nosso amor pelo próximo e nossa esperança falham.¹⁰⁴

A OASE está preocupada com a formação e qualificação de suas lideranças para o melhor desempenho de suas tarefas. A formação técnica não é um fim em si, mas é uma ferramenta para chegar ao alvo esperado. É a oferta para qualificação necessária com o ensino de caminhar de forma mais produtiva e alcançar os objetivos nos quais a OASE se fundamenta.¹⁰⁵ Diante dos desafios da ordem da própria OASE, a preocupação com a qualificação torna-se ação nos eventos que são oferecidos. Para estes, busca-se o apoio de assessorias qualificadas.¹⁰⁶

Após cada evento organizado pela OASE Sinodal, são feitas avaliações. Nestas, encontramos interessantes observações que revelam as necessidades cotidianas que as mulheres sentem e também o perfil da formação sócio-religiosa.¹⁰⁷ É indiscutível, não estamos desvinculadas da realidade, pois o ser humano vive dentro de sistemas organizados que abrangem toda a sua existência: política, religião, conceito de beleza, economia, costumes, corpo, saúde, dor (...) e até a morte.

Este sistema existe, é real, assim como são reais as ações e o testemunho das mulheres da OASE em nossa realidade eclesial. Ao olharmos para este testemunho, nunca o fazemos isentos de nossos referenciais. Também neste trabalho estamos olhando por janelas e portas coloridas de sentidos e interligadas pelas redes de conhecimento e de referenciais que nos movem. Nesta direção, a proposta de testemunho eclesial em debate, por ser produto da uma ação de mulheres religiosas comprometidas com o testemunho de fé que lhes foi transmitido, oferece-nos referencial prático de análise.

¹⁰⁴ ANEXO 17. Trata-se de material usado num seminário de formação coordenado pela senhora Anne Lange, líder de muitos anos de caminha na OASE.

¹⁰⁵ ANEXO 17.

¹⁰⁶ ANEXO 18, 19, 20, 21 e 22. Percebemos pela amostra de convites que muitas assessorias dos seminários oferecidos pela OASE são realizadas por mulheres. Outro detalhe importante: busca-se a qualidade de assessoria independentemente de sua opção teológica na IECLB. É a diversidade que ocupa espaços e tem lugar na formação deste grupo.

¹⁰⁷ ANEXO 23, 24, 25 e 26.

3 OS ECOS NO ESPAÇO COTIDIANO

O serviço das mãos não é um serviço de Deus.¹⁰⁸

O cotidiano, como foco da investigação, demanda sensibilidade da observação. Em termos epistemológicos, significa insistirmos na busca do que “não é dito”. Explorar o cotidiano dessa maneira é o caminho que pode nos levar a uma formulação própria do modo concreto de sociabilidade que tem sua coerência e experiência. “Ao atentar para um cotidiano que se aprende em filigrana de minúsculos detalhes, tessitura de significados a compor a renda fina do sentido da experiência de vida”¹⁰⁹ é possível resgatar as histórias não escritas, não contadas ou mal ditas. Essa sensibilidade para a concretude da existência pode ser interpretada como uma expressão da vitalidade manifesta em suas fórmulas, contradições e influências.

Esse vitalismo engendra um modo orgânico de pensar, com todas as características desse tipo de pensamento, ou seja, uma insistência na percepção intuitiva como meio de captar as coisas a partir de dentro, na compreensão como noção totalmente abrangente, holística, dos diferentes elementos e situações, e na experiência como algo que, vivenciado em comum com os outros, é considerado como constituindo o conhecimento empírico.¹¹⁰

Captar através da percepção intuitiva as relações no espaço é tarefa importante que permite a leitura das construções objetivas ou subjetivas das relações cotidianas no âmbito do espaço de convivência. O espaço foco da análise é o espaço da experiência religiosa. Nesse espaço, vemos refletida a organização de nossa sociedade, cujos padrões de relacionamento e convivência se fazem distintos nas diferentes esferas de encontros.

¹⁰⁸ ANEXO 27. Entrevista com Nelly Ko Freitag.

¹⁰⁹ MONTES, Maria L. In: SOUZA, Marcos A.P. **As cores de Acaraí**: uma favela Carioca. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. XIX.

¹¹⁰ ZAHAR, Jorge (Ed.). **Dicionário do pensamento Social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 144.

3.1 Do espaço

É na esfera do espaço que acontecem as interações e as experiências do cotidiano. A partir das pistas dos ambientes e suas ordenações, é possível formular considerações sobre a forma de vivenciar seus valores e sua forma de ação. O espaço não se constitui somente na base geográfica para as ações programáticas, mas é constituído por uma identidade, ou seja, um sentimento de pertencer àquilo que nos pertence.¹¹¹ “Sinto-me feliz por ter realizado tudo o que temos. Foi um trabalho em conjuntos com muitos amigos e amigas”.¹¹² “O espaço é o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não dos efeitos de uma variável isolada. Sozinha, uma variável é inteiramente carente de significado, como o é fora do sistema ao qual pertence”.¹¹³

O retrato do espaço e do cotidiano, o espelhamento do ambiente e o modo como as mulheres da OASE se movem na Comunidade Evangélica de Curitiba são elementos importantes para a análise da história dos ecos silenciosos da ação das mulheres da OASE na IECLB. A significação das ações e movimentos destas protagonistas na análise do espaço nos ajuda a aferir os níveis de interferência dos elementos culturais, sociais e religiosos nas expressões deste cotidiano. A fim de gerar dados mais completos, a pesquisadora valeu-se de uma metodologia de coleta de dados que contemplou a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e a aplicação de um questionário fechado a oito mulheres do grupo de mulheres da OASE de Curitiba, escolhidas na modalidade de sorteio.¹¹⁴

As representações do mundo social, embora aspirem à universalidade, estão sempre relacionadas a um determinado contexto que as produziu, pois acreditando como Max Weber que a cultura é uma teia, Clifford Geertz afirma

Que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.¹¹⁵

Assim sendo, a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações nos auxiliam a identificar o modo como uma realidade social é construída, pensada e vivida pelos

¹¹¹ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001. p. 96.

¹¹² ANEXO 27.

¹¹³ SANTOS, Milton. **Espaço & método**. São Paulo: Nobel, 1985. p. 22.

¹¹⁴ As entrevistas encontram-se em anexo.

¹¹⁵ GEERTZ, Clifford. **Interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 15.

seus protagonistas. Sendo a significação a preocupação analítica, o comportamento, as ações e as representações são fontes simbólicas que traduzem a riqueza das expressões do cotidiano para o entendimento da organização em âmbito geral.

Não se trata, como lucidamente Geertz observa, de tomar o grupo de Curitibanos como um caso “típico”, mas de tentar identificar nele um conjunto de “planos organizacionais” que talvez possa ser encontrado, com outras ênfases, outros arranjos, em diferentes grupos de OASE no universo da IECLB.¹¹⁶ Este conjunto organizacional poderia ser identificado na ordem dos objetivos elaborados, cuja importância e inter-relação variam de acordo com a realidade de cada grupo.

O empreendimento de gravar este comportamento e anotá-lo decorre de uma elaboração que foi se construindo durante os 17 anos de ministério pastoral desenvolvido neste campo de ação. Assim, no nível empírico, esta análise consiste na reconstrução da memória histórica, da vivência do espaço comunitário e da prática habitual. Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção podem estar, por vezes, comprometidos ou transgredidos pelo o vínculo imanente que se estabeleceu. Ainda assim, entendemos que a geografia de quem olha e a Geografia de quem vive difere, mas também se confunde. Não há como não fazer parte dos processos por onde circulamos, ainda que nosso papel seja diferencial, nossa função seja oficial.

Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de um si-mesmo, que se revela como o outro ao que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras individualidades. Cada carreira etnográfica tem seu fundamento nas “confissões”, escritas ou inconfessadas.¹¹⁷

3.1.1 O cenário com sua história

A quase mil metros de altitude, o entardecer produz cenas de extraordinária fascinação no planalto frio e amplo da região serrana de Santa Catarina. Aqui, de frente para o sol poente, está localizada a instalação física da comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Curitibanos. A composição da infra-estrutura comunitária é central na cidade, de relevo elevado. Aqui está a Igreja dos “alemães”,¹¹⁸ juntamente com seu centro

¹¹⁶ SOUZA, 2001, p. 51.

¹¹⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude apud SOUZA, 2001, p. 3.

¹¹⁸ ANEXO 44: Convite.

comunitário.¹¹⁹ Esta comunidade foi fundada oficialmente em 31 de março de 1957.¹²⁰ Seus fundadores, na sua maioria, eram membros da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Piratuba. Trata-se, pois do fenômeno migratório que ocorreu não só em Curitibaanos.

Desde os primórdios da história da humanidade, encontramos registros de pessoas que deixaram sua terra e seus parentes, partindo para novas terras para lá fundarem nova pátria para si e para seus filhos e as futuras gerações. “A história da humanidade é a história das migrações e de suas conseqüências”.¹²¹ Sempre houve pessoas que se sentiam chamadas e enviadas para novas fronteiras. Tais pessoas não partiam sozinhas, mas atraíam para sua companhia outras que confiavam nelas e também eram movidas pelo anseio de melhorar sua condição de vida. Estes movimentos não levam apenas as pessoas, mas a sua cultura, os seus costumes e sua crença manifestada em sua experiência comunitária no interior das Igrejas.

Assim, para entender a vida dos descendentes de alemães que vieram a Curitibaanos e aqui fundaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, precisamos voltar o nosso olhar para o processo imigratório do período imperial brasileiro, quando famílias européias, e entre elas os alemães, pisaram em solo brasileiro a fim de recomeçar a sua vida. A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil principia com a imigração de colonos evangélicos, provenientes da Alemanha e da suíça nos anos de 1823/24.¹²² Assim sendo, aqui vamos experimentar as conseqüências da Reforma do século XVI a partir da vida de pessoas que herdaram os princípios da Reforma promovida por Lutero há três séculos.¹²³

A chegada de alemães e outros imigrantes¹²⁴ em Curitibaanos também é resultante dos movimentos migratórios que ocorreu no Brasil da segunda metade da década de 1940. Estes deslocamentos de contingentes humanos produziram uma reordenação e produção de espaços existenciais, religiosos e culturais a partir do aporte cultural historicamente construído e das práticas decorrentes das relações derivadas do cotidiano.

¹¹⁹ ANEXO 28: Fotos do cenário da cidade e da comunidade.

¹²⁰ Data da fundação oficial da comunidade de Curitibaanos, segundo registro de atas e documentos históricos, como o Diário Oficial.

¹²¹ FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974. p. 11.

¹²² DREHER, 1984, p. 21.

¹²³ ANEXO 29: Entrevista com Iraci Matzembacher Athayde.

¹²⁴ A partir da segunda metade da década de 1940, Curitibaanos recebeu um grande contingente de imigrantes japoneses, um considerável grupo de migrantes italianos providos do Rio Grande do Sul e um pequeno grupo de alemães que vieram da região do encontro das águas de Rio do Peixe e Pelotas. Fonte: Museu Histórico Municipal de Curitibaanos Antonio Granemann.

Foram poucas as famílias de confissão luterana que chegaram nessas terras no início da década de 1950.¹²⁵ Eles conservaram aqui a característica dos migrantes no cenário nacional. Os migrantes, fundamentalmente de origem alemã e italiana, conservaram uma tradição cultural marcada por fortes vínculos gregários, pela identidade étnica, lingüística e religiosa. A unidade de princípios, as práticas comuns e a educação para os valores do cristianismo confessional representam o fundamento da coesão social nas comunidades que se formaram no processo migratório.¹²⁶

Foi através das festas, com gastronomia típica da culinária alemã, que a comunidade luterana se construiu e ainda se mantém. A comunidade não é divulgada externamente pela sua forma de vivência religiosa, mas através da cultura e tradição germânica.¹²⁷ Não é de se estranhar, portanto, que até hoje, a Igreja Luterana de Curitiba é conhecida na cidade como Igreja dos Alemães,¹²⁸ com suas comidas típicas, especialmente as cucas de “alemão”.¹²⁹

A manutenção financeira da comunidade sempre foi uma das maiores preocupações das famílias que desejavam tornar visível o seu espaço de fé. A forma de arrecadação de fundos foi a realização de festas comunitárias.¹³⁰ As primeiras festividades foram realizadas sob barracos de lonas ao ar livre com o objetivo de arrecadar fundos para a manutenção dos trabalhos pastorais e a construção do espaço para a realização dos eventos religiosos e culturais. Esta característica é fortemente marcada na forma e na conduta das famílias que aqui se instalaram. Sua luta pela instalação do espaço comunitário e a preocupação com a religião e a construção da identidade confessional¹³¹ são representações a serem analisadas.

No caso das mulheres da OASE, onde a vivência da fé constitui importante fator de identidade, a apreensão das representações religiosas assume grande pertinência. Além de ouvir suas falas, é fundamental focar a forma de organização do espaço comunitário, onde circulam e definem as formas. Sacar uma radiografia do movimento das mulheres da OASE neste espaço é entender a representação desta organização social e religiosa sob um foco

¹²⁵ ANEXO 29.

¹²⁶ SCHALLENBERGER, Erneldo; COLLOGNESE, Sílvio Antônio. **Migrações e comunidades cristãs: o modo de ser evangélico luterano no oeste do Paraná**. Toledo: EdT, 1994. p. 9.

¹²⁷ ANEXO 45: Promoções.

¹²⁸ ANEXO 30. Chegando à cidade de Curitiba e perguntando pela Igreja Luterana, poucas pessoas da população vão saber onde se localiza. Se a pergunta for: “Onde fica a Igreja dos Alemães?”, certamente qualquer habitante da cidade vai dar a informação necessária. Os documentos do anexo são provas desta tese.

¹²⁹ Trata-se de uma espécie de pão doce com recheio de frutas, integrante da gastronomia das famílias descendentes de alemães.

¹³⁰ ANEXO 31: Entrevista com Elisa Hoppen.

¹³¹ ANEXO 29.

iluminador. Se “cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir”,¹³² então o espaço que se constrói com as mãos tem seus significados e significantes. Portanto, desejamos analisar a relação que se estabelece entre o espaço organizado e sua apropriação no cotidiano por suas protagonistas, no intuito de compreender e interpretar criticamente a dinâmica interna dessa relação. “Fico feliz de ver a igreja bonita que nós conseguimos construir com o trabalho das nossas mãos. Eu e a [...] somos as únicas fundadoras que ainda vivem. Não tem mais nenhum homem vivo. Nós ainda estamos trabalhando. Até quando não sei”.¹³³

Para entender essa felicidade e essa beleza que nascem das mãos, é preciso fazer um “passeio” pelo espaço da comunidade de Curitiba. Num pátio de visão bonita para a cidade, encontra-se a igreja,¹³⁴ com sua torre imponente. Este pátio tem também um centro comunitário que está construído entre a Igreja, a sua esquerda e a churrasqueira,¹³⁵ a sua direita. Centro Comunitário¹³⁶ que é “palco” da ação dessas mãos construtoras da identidade e da continuidade de suas referências de fé. Fé cotidiana que separa a ação das mãos e o serviço religioso institucionalizado. “O serviço das mãos não é um serviço de Deus, mas para construir um lugar melhor para a gente se reunir”.¹³⁷

3.2 As divisões dos espaços e a correlação de forças

Olhamos para o espaço em sua totalidade. Entretanto, há que dividi-lo para a análise em partes e reconstituí-lo depois. Esta operação é realizada segundo o critério de elementos arquitetônicos e funcionais dos espaços. Os elementos arquitetônicos foram produzidos pelos elementos humanos. Estes últimos são os protagonistas da elaboração das formas de organização e funcionamento do espaço. Assim, este local tem a representação dos significados e significantes de seus elementos constitutivos.

O Centro Comunitário começou a ser construído no ato da fundação da comunidade. Como um quebra-cabeças, em que vai se acrescentando as peças para formar a imagem, assim foi o processo de construção deste espaço. Ele foi sendo construído em etapas, de acordo com as possibilidades financeiras da comunidades. Essa construção foi iniciada pelos fundadores e,

¹³² DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 36.

¹³³ ANEXO 27.

¹³⁴ ANEXO 40.

¹³⁵ ANEXO 43.

¹³⁶ ANEXO 43.

¹³⁷ ANEXO 27.

apesar de não figurarem na nominata dos fundadores, as mulheres estavam presentes e empenhadas para que se concretizasse o sonho da “casa própria” da comunidade.

Não tinha nada, nossas festas eram feitas debaixo das lonas, foi assim que começou o nosso salão que temos hoje. Fomos construindo de pedaço em pedaço. As mulheres faziam as comidas (cuca, bolo, galinha assada tudo em casa). Foi assim que nossas mãos fizeram **o fundamento do cimento** que ta aí hoje.¹³⁸

O espaço do Centro Comunitário foi sendo construído de acordo com as possibilidades e necessidades que a comunidade foi tendo. Na verdade, esse “quebra-cabeças” continua sendo construído e desconstruído no decorrer dos anos. Portanto, esse espaço - agora amplo, com seus mais de 400 m² de área - tem história e significados em cada grão de areia, tijolo, telha ou madeira ali colocado. “Não há espaço vazio, nem de matéria nem de significado; nem há espaço imutável. Nada é mais dinâmico do que o espaço por que ele vai sendo construído e destruído, permanentemente, seja pelo homem, seja pelas forças da natureza”.¹³⁹

É um espaço amplo. Sua forma retangular foi subdividida em duas partes. Uma grande parede faz a divisão interna, dividindo o “salão” linearmente, separando a área de trabalho (cozinha, sala das cucas, bodega¹⁴⁰) da área de festividades. Outra parede transversal dá espaço para a sala das mulheres da OASE, na parte próxima da Igreja. Os banheiros foram construídos posteriormente, sendo que a sala das mulheres da OASE perdeu um de seus ângulos, para dar abertura à entrada dos banheiros.¹⁴¹

Existe apenas um pequeno espaço de circulação entre a Igreja do Centro Comunitário,¹⁴² mas não existe acesso lateral do salão para a Igreja. A visível separação nos remete subjetivamente à construção de uma divisão objetiva dos espaços. **A igreja é o lugar da oração** e da oficialidade religiosa. **O Centro Comunitário é o lugar das festas**. É ali que acontece a maior concentração do trabalho laico, das mãos que se misturam às massas, da bodega e do amplo salão que se compõe de mesas, de espaço livre e de palco para a dar espaço às pessoas que fazem a festa. A festa é o suporte financeiro para a manutenção da

¹³⁸ ANEXO 31.

¹³⁹ LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989. p. 13.

¹⁴⁰ Segundo o dicionário Aurélio, bodega é uma taberna, um lugar sujo. Usamos no trabalho, pois se trata de uma designação popular da região e usual na comunidade para indicar lugar onde se vende bebida alcoólica.

¹⁴¹ ANEXO 42. Trata-se de fotos do interior do Centro Comunitário, dado que não existe planta da construção, pois a forma de construção foi de emendar os espaços, sem um planejamento técnico que deu suporte para a obra que foi sendo realizada.

¹⁴² ANEXO 41.

Igreja.¹⁴³ Esta separação nos remete a uma dicotomia com raízes profundas. Religiosidade oficial e vida estão separadas: o exercício público da religiosidade cabe aos profissionais da instituição; a experiência de vida é do cotidiano e pertence às pessoas comuns.¹⁴⁴

A demarcação da área das vivências tem limites definidos. A mobilidade da experiência cotidiana da fé tem fronteira na parede. Não há portas de acesso para o espaço de mobilidade da fé institucionalizada. Esse espaço que retrata a separação resulta como produção socialmente construída da relação entre as interações simbólicas dos agentes religiosos. Estas interações são frutos dos interesses que aí se encontram em jogo. Ou seja, a especificidade das funções constrói as relações e os interesses das diferentes categorias de agentes religiosos (sejam leigos, sejam agentes religiosos especializados).¹⁴⁵ Frutos dessa visão de espaço, a fala sobre a oração da entrevistada retoma a temática de ordem silenciosa, interiorizada. Este enunciado incorpora a idéia de que há espaços diferenciados de mobilidade na vivência da religiosidade comunitária, com definições de papéis claramente pré-definidos.

Tudo isso só foi possível fazer com Deus. É ele quem a gente podia servir. Tudo que eu fazia colocava nas mãos de Deus e no final agradecia por poder ter realizado. Eu fazia orações de agradecimento em silêncio, só para mim. Na Igreja quem fazia as orações era o pastor, quando ele vinha.¹⁴⁶

3.3 A sala da OASE

A rigor, o espaço do Centro Comunitário foi construído para ser ocupado pela comunidade toda. Entendemos aqui que o comunitário tem como princípio a agremiação em torno de um objetivo e uso comum. É no interior desse espaço que as mulheres da OASE constroem um espaço privado.¹⁴⁷ Portanto, dentro do que é público, encontra-se um espaço com delimitação territorial bem definida, de cunho privado. Se o espaço das mulheres da OASE é delimitado e organizado mediante uma interpretação de poder, também é,

¹⁴³ Igreja aqui é usada para definir o que oficialmente as pessoas definem como lugar da representação da religiosidade. É o local de fazer oração sob a condução de um profissional da fé.

¹⁴⁴ Há uma versão nas histórias orais da comunidade que entendo ser muito interessante de ser usada como suporte para o entendimento da experiência comunitária de desagregação. Contam os anciãos da comunidade que houve um pastor, na década de 1960 que não quis receber o montante referente a contribuição da comunidade para com a paróquia por se tratar de dinheiro arrecadado numa festa. O tesoureiro não teve dúvidas, enfiou a mão no bolso e entregou ao pastor o dinheiro da venda de suas pêras. O pastor saiu satisfeito, pois não estava carregando dinheiro “sujo”.

¹⁴⁵ BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 82.

¹⁴⁶ ANEXO 01.

¹⁴⁷ ANEXO 42.

dialeticamente, nesse espaço que os desejos, as expectativas e as necessidades protagonistas que o compartilham estão postos.

Sinto-me feliz por ter realizado tudo o que temos. Foi um trabalho em conjuntos com muitos amigos e amigas. Depois de conseguir construir o salão da comunidade, conseguimos **fazer uma sala para nós**. É muito bom a gente ter esse lugar para se encontrar e guardar nossos trabalhos que fazemos com nossas mãos, para continuar melhorando as coisas da nossa Igreja.¹⁴⁸

Neste ponto, cabe colocar no contexto a questão do espaço que elas constroem em âmbito da comunidade, especialmente, em face de sua histórica condição de relegadas e invisibilizadas. Elas assumem um processo que contém, internamente, a valia de uma ação, portanto, de um papel conquistado mediante muito esforço, muita paciência histórica e muita sabedoria. As mulheres incorporam a ordem social de relegadas com uma transgressão. Elas invadem o espaço que lhes é privado e privatizam nele o seu lugar. A sala da OASE tem chave. O armário interno tem cadeado. “Faremos um armário particular para as coisas que não queremos alugar. Terá um cadeado à parte”.¹⁴⁹ Essa infra-estrutura pode ser vista como expressão reativa das mulheres na busca de brechas no espaço de uma comunidade carregada de androcentrismo.¹⁵⁰

Estas mulheres advêm de uma condição de ‘não poder’ e se constituem em poder, na privatização de um espaço no âmbito da coletividade comunitária. De alguma forma, o rebaixamento sócio-econômico-cultural-religioso não é aceito e, portanto, é combatido com ação silenciosa e com articulação pacienciosa. Neste sentido, poder-se-ia afirmar que a ousadia expressa nesta ação é o fato de que as mulheres da OASE se dirijam metodologicamente ao meio que as relega com uma contraposição ousada, expressa na sedimentação de seu lugar para dentro dos espaços que lhes delega apenas um papel funcional e social de menor valia.

Na medida em que a função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através da análise das interações no espaço, temos o espelho da totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social. É neste

¹⁴⁸ ANEXO 27.

¹⁴⁹ OASE Rosa de Curitiba. **Ata n. 01**. Ata de reunião Diretoria da OASE, Curitiba, 1987, p. 01, verso.

¹⁵⁰ GIERUS, 2006, p. 102.

ponto que cabe a reflexão sobre a centralidade da palavra práxis, que aqui se estabelece como um estamento do cotidiano das mulheres da OASE.

A ação das mulheres da OASE é ação portadora de potencialidades valorosas e determinantes da ação social, na paralisia da mesma e também no controle de poder que existe. A experiência revelada na ação designa o que se percebe, sente, pensa nas relações com o mundo que a cerca e consigo mesma. Este sentido, que é freqüentemente precisado como experiência vivida revelando reação e adaptação ao meio em que se age ou reage. Elas se adaptam ao mundo que privatizou a sua participação e privatizando o seu espaço e as “coisas” que elas conquistam com o trabalho de suas mãos.

Esta forma de ordenação na vida comunitária expressa no cotidiano das ações revela poder. O poder reside no fato de que a experiência da dessas mulheres incorpora e cultiva a interdisciplinaridade em seu cotidiano. Segundo a genealogia do poder de Foucault, não existe de um lado os que têm o poder e de outro os que se encontram dele alijados. A rede de poder é uma teia que se alastra por toda a sociedade e ninguém pode dela escapar.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce uma rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação.¹⁵¹

Esse “exercício de poder” não ocorre em uma cartografia prévia, é decorrente da “negociação”, aqui subjetiva, dos seus limites de ação. Apesar de restritas à esfera privada, as mulheres se articulam a partir do que lhes foi reservado. Estes espaços, quando tencionados, constituem fator engendrante para o domínio público. A ocupação do espaço é para as mulheres elemento decisivo na sua força e participação. São estratégias utilizadas para ocupar as “franjas do poder”. Pode-se depreender ainda que a ocupação nem sempre é de transformação, todavia, espécie ancorada na ordem da sobrevivência.

Vizinha de janela com a Igreja, a sala das mulheres da OASE é o espaço mais próximo dela. É uma sala de 16 m², de formato retangular, com um corte de redução de espaço a esquerda de quem entra, decorrente do espaço cedido para a entrada dos banheiros

¹⁵¹ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 183.

que foram construídos em anexo ao Centro comunitário. Dispõe de três janelas com grandes grades, que duas delas de frente à lateral da Igreja.¹⁵²

Sempre digo que a OASE é elo entre a comunidade e a igreja, Porque a gente poderia fazer um trabalho maior ainda se todas se comprometessem. Dentro da nossa igreja tem tantos problemas e conflitos, que acho que a OASE poderia se dispor mais ainda para resolver esses problemas.¹⁵³

A porta de acesso a esta retangular sala se dá pelo espaço público do salão e está localizada ao lado do palco. O interior da sala é composto de um armário que fica cadeado, uma grande prateleira, uma grande mesa e muitas cadeiras, um sofá. Na parede há um crucifixo, um calendário, um quadro de homenagem à comunidade e um mural de aniversariantes. No armário cadeado, ficam guardados a cafeteira, o aparelho de CD, os tecidos, os panos de prato, as peças de trabalho manual prontos, os fios, as agulhas, as tesouras, os hinários e os roteiros da OASE. Na grande prateleira, são guardados caixas de som da comunidade, prendas¹⁵⁴ e um antigo baú.

3.3.1 O armário

O armário **cadeado** é a sede dos objetos de uso do grupo e do material usado para a elaboração dos trabalhos manuais, assim como os trabalhos elaborados. É a “bolsa de valores” do grupo. Ali, bem cadeado, estão parte das economias que potencializam o poder aquisitivo do grupo que trabalha com fios, que tece e enfeita os panos de prato. Nos trabalhos manuais, as mulheres desenrolam e enrolam os fios da vida numa dinamicidade encantadora.

O trabalhar com as mãos é uma coisa boa. Porque sempre que você usa as mãos, você põe amor no que você faz. Um crochê bem feito, um bordado, até mesmo o fuxico [trabalho manual] ele precisa ser bem feito. Tanto é que esses dias me disseram que já existe uma máquina para fazer fuxico, mas eu disse: a máquina vai fazer perder exatamente a dedicação de fazer, de arrumar.¹⁵⁵

Este encanto só será possível ser visto se houver a disposição de olhar e a capacidade de valorizar aquilo que faz de forma pequena, tecida de ponto em ponto. O fio, a agulha e o tecido são da ordem da atividade manual, artesanal. É da ordem do trabalho informal, fora da esfera do emprego. “Gosto do resultado do trabalho que realizo com as mãos. Gosto do

¹⁵² ANEXO 41.

¹⁵³ ANEXO 29.

¹⁵⁴ Prenda é o nome dado para as arrecadações que os integrantes da comunidade, especialmente as mulheres, fazem na cidade (comércio e casas) na ocasião da realização da festa anual da comunidade.

¹⁵⁵ ANEXO 02.

capricho. Gosto que fica bonito. A gente faz com amor essas coisas, os trabalhos manuais”.¹⁵⁶ Ao enfeitar o pano de prato, utilitário da cozinha, as mulheres trabalham para valorizar a mercadoria que circula no espaço doméstico, na esfera que lhes foi delegada como ordem natural dos fatores da humanidade.

Chegamos aos livros que o armário guarda. São os hinários que pertencem ao grupo. Eles são a expressão da religiosidade que faz parte do cotidiano destas mulheres. “Quando a gente canta, sei que Deus fica contente. Na OASE a gente canta junta, nisso nós mostramos que somos unidas na mesma fé em Deus”.¹⁵⁷ É o momento da fé, produzido coletivamente, ainda que seja repetindo as palavras dos autores dos hinos. Cantar é a arte que não falta nas reuniões semanais deste grupo. Não importa se é musicalmente afinado ou não. O que importa é que o momento se faz da reunião das vozes, que aqui falam, expressando através dos hinos o seu louvor.

Os roteiros da OASE fazem parte do arquivo no armário e são uma das fontes dos materiais usados para fazer mensagens. Roteiro lembra preceito, regra, metodologia, direção de caminhos. Rota é a indicação que pode facilitar nosso percurso, nossa trajetória para alcançar o destino almejado. Assim, ano após ano, a OASE edita seu roteiro cujo destino é:

O roteiro se destina a formar lideranças, oferecendo material útil e acessível. Pretende apoiar a reflexão sobre o trabalho da OASE e o desenvolvimento pessoal. Visa fortalecer o espírito de união, com textos comuns a todos os grupos e despertar o interesse por aspectos da vida material e espiritual. Deve servir ainda de estímulo para a vida e o trabalho com mulheres cristãs.¹⁵⁸

Os textos são escritos, na sua grande maioria, por pastores e pastoras, teólogos da IECLB. As temáticas propostas são vinculadas aos temas teológicos que a Igreja define. Cada tema é repassado para um autor/a como desafio teológico da Igreja. O Roteiro traz ainda outros temas, escritos por mulheres da OASE e poesias, pequenos textos de auto-ajuda e receitas. São receitas culinárias e propostas de atividades prática para o período de Advento e Natal.

O armário tem cadeado para privatizar alguns utensílios que o grupo adquiriu para uso exclusivo. Ali estão o aparelho de CD, a cafeteira, as agulhas, as linhas e os tecidos. São

¹⁵⁶ ANEXO 32: Entrevista com Lori Loesch.

¹⁵⁷ ANEXO 31.

¹⁵⁸ BUTZKE, Ires. **Símbolos e ações conjuntas**. In: BAESKE, 1999, p. 157. Ires Butzke coordena a edição do Roteiro da OASE desde 1993.

utensílios e elementos que fazem parte do patrimônio particular do grupo. Assim como elas trabalham para a arrecadação de fundos para compras de materiais de uso da comunidade, assim elas também têm seu material privativo, bem cadeado. O cadeado é o empecilho para o acesso comunitário daquilo que é de caráter **pessoal deste coletivo**. Estamos diante de uma ambivalência interessante. O material que elas guardam como patrimônio particular, após manufaturado, passa a ter caráter coletivo. As mulheres privatizam o trabalho e distribuem o lucro.

3.3.2 O baú

O que traz esse baú,¹⁵⁹ em seu esconderijo de encantos? O baú é uma caixa antiga que lembra uma mala, de cor marrom. Neste baú, estão guardados os álbuns de foto, os livros de ata e de presença, assim como os livros dos movimentos financeiros do grupo. É por assim dizer o esconderijo dos tempos. Ali, fechado, está guardada a história e a memória deste grupo de mulheres. As fotos registram momentos de atividades internas e externas. Ali estão espelhadas as imagens das amigas que se encontram e atuam em prol das atividades que elas definem como essenciais para a sua felicidade e para o suprimento das necessidades de pessoas carentes da comunidade.

Meu sentimento é de felicidade. Gosto de fazer trabalhos. Estou contente por estar na OASE há mais de 50 anos, já participava em Piratuba. A OASE representa muita coisa boa, especialmente é o lugar onde a gente pode ajudar as pessoas. Através das visitas da OASE, da ajuda aos carentes, como sempre realizei com minhas próprias mãos.¹⁶⁰

Pertencer, fazer parte de um grupo é alimentar o elo da familiaridade. Faz parte dos objetivos da OASE o fortalecimento dos laços da comunhão. Faz parte do ciclo existencial das pessoas que se sentem comprometidas com as outras. O ser humano é um ente de estrutura relacional. Na apropriação desta realidade relacional, está a manifestação de que para a pessoa fazer parte e conhecer as coisas em si, deve transformá-las para si.¹⁶¹ Ao fazer parte, sentir-se parte, a experiência da apropriação produz alegria e desejo de continuidade. Este fazer parte do baú é construir para si os elementos de se reunir no espaço que faz bem para si.

¹⁵⁹ ANEXO 37.

¹⁶⁰ ANEXO 01.

¹⁶¹ KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 22.

É uma alegria poder participar da OASE. Sinto falta da OASE quando entramos em férias. Em todos os lugares que morei, sempre participei da OASE. Quero ver se consigo ter nenhuma falta até o final do ano. Até agora não faltei nenhuma vez. Para isso a gente tem que ter vontade de participar. Eu acho muito bom participar da OASE. Faz bem para mim. Também é o único lugar que a gente vai. No culto e na OASE.¹⁶²

Quantas coisas perdidas e esquecidas tem o baú. Ali está o livro de atas. Ele registra muitas presenças, mas tem pouca memória. Num universo de 200 páginas, menos de 32 contêm atas escritas. As demais páginas são ocupadas pelo registro das presenças nos encontros ordinários e extraordinários. A história do cotidiano não é escrita. Não se fazem registros na ordem do espaço de ação do encontro ordinário. O baú é como útero do tempo. São as preciosidades que ali ficam, por vezes, dá a sensação que são as preciosidades intocáveis.¹⁶³

O que acontece a cada encontro não tem eco no registro oficial. Ao historiador do cotidiano, resta a memória invisível deste mundo vivido e experienciado. A tentativa de mergulhar nessa história é justamente buscar nas entrelinhas o significativo do invisível por reconhecê-lo como tempo e lugar dos acontecimentos e dos conflitos racionais e irracionais, onde se estabelecem os problemas da produção da vida concreta: a vida em cena, o cenário de todo dia, um mundo que amamos profundamente e que se manifesta na memória olfativa, na memória de lugares, na memória de sabores, a memória do corpo, na memória do desejo.

Os escritos são mais da ordem do planejamento das ações sonhadas e desejadas. As atividades que são definidas como metas também são anualmente avaliadas. Encontra-se nestas avaliações uma característica importante a ser analisada. Os trabalhos de ordem manual e da ação prática da cozinha cumprem o proposto. Segundo as avaliações registradas, o desafio da visitação a pessoas que não freqüentam o grupo não foi cumprido. Defrontamos-nos aqui com a questão do que se constrói como objetivos. Está nas entrelinhas da avaliação das metas o propósito da ação do objetivo ideal para o qual a OASE se propõe e do que se consegue construir na realidade objetiva. Nas intenções, está o desafio de ser um grupo aberto que trata das questões da comunidade para fora de âmbito e, nas realizações, os limites que o próprio viver cotidiano pode estar expressando. Na vivência, porém, as proposições idealísticas são relegadas para o segundo plano. Ocorre que o serviço urge, as necessidades

¹⁶² ANEXO 32.

¹⁶³ Nos diálogos das quartas-feiras, dia de encontro, uma senhora da OASE contou que no seu baú estava guardado o jogo de lençóis que bordou para o enxoval do casamento. Bordado bonito, disse ela. Nada de anormal, se não fosse o caso da senhora já estar viúva e nunca ter usado o jogo bordado.

são prementes e usufruem o tempo das integrantes. Assim sendo, aquelas atividades eleitas como prioritárias sempre ficam para o futuro. É a cozinha que chama, ordena, convoca para a ação de sobrevivência da identidade eclesial.

3.4 A cozinha e a sala das cucas

Equipada com fogão, geladeira, freezer, pia, estante e fornos industriais, a cozinha e a sala das cucas têm a mesa como peça central. A cozinha é o espaço onde as mulheres da OASE mais investiram suas economias. “Tudo o que existe na cozinha da comunidade foi a OASE que fez. Não vi a comunidade fazer nada para manter a Igreja. Acho que é porque a comunidade sempre tinha outros compromissos para pagar”.¹⁶⁴ É este o espaço de poder e de circulação das mulheres. Nele, é construído o sabor do saber culinário, produzindo a qualidade dos produtos tecidos pelas mãos das mulheres. No espaço comunitário, a cozinha se torna poderosa e valorizada, pois ela traz para o centro das relações o cotidiano que, na individualidade, não recebe nem recompensa e nem salário. “Em casa eu sempre tive empregada, mas na igreja eu sempre trabalhei na cozinha. Eu gosto muito de cozinhar. Tenho 83 anos e continuo a fazer a minha comida. Tenho ajudante, mas gosto de cozinhar. Fui cozinheira a vida toda”.¹⁶⁵

O serviço doméstico e manual, de forma geral, é desqualificado pelos padrões e valores de nossa sociedade. Fazer uma sopa em casa vai servir para saciar a fome do momento. Fazer uma sopa no âmbito comunitário sacia a fome, mostra a qualidade do serviço e reverte em benefício (dinheiro) para a realização das necessidades da comunidade. Poder-se-ia afirmar mais: o espaço público constitui a valoração do agir coletivo necessário à autoestima destas protagonistas que têm sua vida construída em torno da ação doméstica. O espaço do coletivo é uma forma de terapia que sustenta e anima as mulheres a agirem no sentido de buscar a afirmação (e sustentação) de espaços necessários a sua sobrevivência no espaço sócio-religioso-comunitário. É a missão das mulheres confrontada com a missão do Evangelho que estabelece no cotidiano a luta por testemunhar evangelicamente e resistir grupalmente aos desafios do meio. É o agir silencioso exigido pela tese diaconal contraposto ao ‘agir requerido’ para a sobrevivência e dignidade pública.

Quando o anonimato se torna público, ele manifesta poder e força. Nesta perspectiva,

¹⁶⁴ ANEXO 27.

¹⁶⁵ ANEXO 27.

a ação das mulheres da OASE seria um modelo (mecanismo) de articulação de forças que partem da negação de espaço das mulheres na sociedade e na Igreja para a conquista do espaço mediante a articulação firmada na sabedoria do silêncio, na constituição de espaços estabelecidos a partir da simplicidade. A OASE constitui poder silencioso (arraigado) e o articula publicamente.

Dito de outro modo: as pessoas (mulheres) utilizam-se do espaço que as oprimem e reconstituem-no em seu favor. Aqui ampara-se a tese na antiga premissa de que o conjunto social é capaz de re-constituir seus espaços de vida mediante a luta e articulação. Significa dizer que as redes tecidas por um determinado grupo evoluem – ou não – para uma determinada condição onde desempenham papéis centrais na constituição do meio. Neste sentido, as mulheres da OASE são protagonistas que se apropriam de espaços, produzem linguagens e anunciam formas e modelos que coabitam no seio da comunidade.

3.4.1 A mesa no centro das relações

A mesa ocupa lugar central na cozinha, na sala das cucas e também na sala da OASE.¹⁶⁶ É em torno dela que as mulheres da OASE preparam todos os alimentos das festas, das promoções e das festividades. É em torno destas mesas que também acontece a comunhão semanal do grupo com o lanche que cada uma elabora.¹⁶⁷

Ainda que não esteja dito nos testemunhos, pela ação empírica é possível afirmar que esta comunhão de mulheres se dá em torno da mesa. Na OASE, falar da mesa é falar do espaço sobre o qual se come, escreve e trabalha. A mesa é um dos objetos mais utilizados no universo das relações. Assim também o é nos grupos da OASE. Dificilmente vamos encontrar um grupo que não faça sua reunião em torno de uma mesa. Estas são usadas para estudo, para aprendizado e construção de trabalhos e também para receber o café do encontro do grupo.

No cotidiano das pessoas, a mesa ainda está presente. Na vida das mulheres, ela é central e motivo de preocupação constante. Nos encontros do cotidiano das mulheres da OASE, elas trabalham, em grande medida, com materiais que estão relacionados com a mesa. Vejamos: quando não estão a bordar ou a costurar objetos para enfeitar a mesa (toalhas, guardanapos...) elas estão fazendo enfeites para as toalhas que chamamos de panos de prato. Estes panos são utilizados para secar a louça. Estas louças são utilizadas na preparação da

¹⁶⁶ ANEXO 38b.

¹⁶⁷ ANEXO 38a.

mesa.

Em torno da mesa, as mulheres estudam, fazem planos e buscam se fortalecer para o serviço e para o testemunho, frutos da comunhão que experimentam. A comunhão que se estabelece em torno da mesa, nos grupos das mulheres da OASE, é regada com café, chá e abastecido com alimentos que fazem parte da cultura culinária de cada grupo.¹⁶⁸ É mesa farta e é construída por elas mesmas, sempre contendo o elemento surpresa para quem desta mesa participa. Nos encontros, do grupo de Curitibanos, sempre é preparada e oferecida por uma integrante do grupo. É sua oferta de amor e alegria.

Esta prática faz parte da cotidianidade do jeito destas mulheres. Sempre há alguém para pôr a mesa. Outras tarefas podem falhar, mas a mesa sempre está pronta. Em torno desta mesa posta, acontece a reunião de pessoas abalizadas que deliberam sobre a vida, em pé de igualdade. Esta mesa é servida para todas que fazem parte do grupo e é servida por todas.¹⁶⁹

3.5 O espaço social

O espaço social é o lado do Centro Comunitário onde ficam as mesas e o palco.¹⁷⁰ Este é o lugar de circulação das pessoas “estranhas”, dos convidados, dos visitantes, dos clientes. Poderia ser comparado com a sala da casa ou então com a rua da cidade. É o espaço público. É a fronteira do espaço da identidade religiosa, com o espaço do público em geral. Nos dias de venda de cuca, são muitas pessoas que ali circulam. As mulheres ficam neste espaço, mas elas estão atrás das mesas que viram uma espécie de balcão de venda. Nos dias de promoções de almoço ou janta, as mesas ocupam o espaço e ele é tomado pelos clientes e por algumas mulheres e homens que se transformam em atendentes. Nos dias de festa, o salão se transforma em local de dança e alegria.

De forma espreitadeira, quase como espiãs, as mulheres da OASE continuam na cozinha. Dali, elas observam tudo que se passa no âmbito do social. Ali, atrás do balcão, silenciosamente elas analisam, tecem e tencionam as observações da “rua” que seus olhos captam. É uma amostra da estratificação social que vivemos, onde a questão da cidadania e do

¹⁶⁸ NERING, Edeltraud F. et al (Org.). **Retrato das mulheres da OASE: Quem foram e quem são.** Blumenau: Otto Kuhr, 2006. p. 19. Renita Eggert Lenzi, em sua entrevista, recorda do cheiro gostoso de café que sentia todas as quartas-feiras, mencionando-o como foco de aproximação do grupo da OASE de Jaraguá.

¹⁶⁹ A prática mostra que é significativo o número de grupos de mulheres da OASE que tem como hábito a preparação de um café para regar os seus encontros com momentos de comunhão de mesa.

¹⁷⁰ ANEXO 42.

espaço da nossa sociedade é formado de representações que têm fronteiras. Fronteiras que definem as diferentes categorias de cidadania. Trata-se da cidadania em casa e de casa, a cidadania do centro religioso e de suas relações e a outra – e essa tremendamente negativa – da rua.¹⁷¹

3.6 A bodega e a churrasqueira

Agora chegamos a uma outra fronteira: a bodega e a churrasqueira. Estes dois lugares são espaços exclusivamente masculinos. A bodega ainda faz parte da construção física do centro comunitário, mas a churrasqueira é um anexo. “Churrasqueira é fogo fora da cozinha, longe do domínio das mulheres”.¹⁷² É do lado de fora, mas tem porta de acesso para a bodega. “Aqui o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido”.¹⁷³

No âmbito da sociedade humana, o gênero como princípio evolutivo e criador de vida acontece em termos de construção dos conceitos e das concepções das coisas que orientam e determinam as formas de relações na própria sociedade.¹⁷⁴ Na análise do espaço da bodega e da churrasqueira, está clara a diferenciação das experiências. Trata-se da diferença de gênero bastante significativa. No caso das mulheres, a rede de reciprocidade que se estabelece é mais restrita. O local das relações femininas é o espaço doméstico ou sua fronteira (a porta). O espaço onde se estabelecem as relações de companheirismo e amizade do homem é a rua.¹⁷⁵ O espaço comunitário de Curitiba reflete uma imagem muito nítida dessa diferença estabelecida nas relações dos grupos.

Tanto o espaço, quanto o lugar não são apenas produtos das relações sociais. Eles são a referência do lugar relacional no qual as pessoas estão e se constituem como sujeitos e não apenas ocupam, percebem ou transformam. Neste sentido, o espaço não constitui um coro de harmonia, mas uma arena de luta. Uma arena de luta em miniatura, onde se entrecruzam e confrontam-se valores sociais. Logo, compreender o que pensam as pessoas demanda a compreensão das relações sociais nas quais estão ativamente inseridas. É aí, de seu lugar

¹⁷¹ DAMATTA, 1997, p. 21.

¹⁷² ALVES, Rubem. **Concerto para corpo e alma**. 3. ed. Campinas: Papirus/Speculum, 1999. p. 67.

¹⁷³ DAMATTA, 1997, p. 30.

¹⁷⁴ SOETHE, José R. **Conexões para uma nova civilização**. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 116.

¹⁷⁵ SOUZA, 2001, p. 64.

social, que emana a sua representação da realidade maior, dos valores, dos modos de comportamento contraditoriamente construídos. Portanto, no silencioso empreendimento da constituição da estrutura construída, está a “fala” do entendimento da lógica social desta comunidade.

Na comunidade, convivem os diferentes protagonistas desta história. Como a análise recai sobre a ação das mulheres é delas que intentamos extrair maiores informações. A rigor, ao analisar o discurso e ação de mulheres em sua intimidade das relações, voltamos nosso olhar para as teias de relações que existem em todos os lugares em que as pessoas vivem sob o mesmo espaço. A revelação da identidade singular e coletiva é apreendida através do discurso, da ação objetiva e subjetiva. É em virtude desta teia preexistente de relações humanas,¹⁷⁶ com suas inúmeras vontades e intenções que a ação produz história e formas de experiências.

3.7 Chegando mais próximo: o perfil das protagonistas da ação no espaço cotidiano

Além das entrevistas, usamos aqui uma pesquisa¹⁷⁷ dirigida às mulheres do grupo de OASE Rosa de Curitiba.¹⁷⁸ Os dados que apresentamos a seguir são importantes elementos para a construção do perfil das mulheres integrantes do grupo.¹⁷⁹ Estes extratos apontam para um perfil estatístico local dessa organização centenária. Estamos diante de um percentual estatístico consideravelmente representativo para o grupo local. A nível nacional, esse percentual é ínfimo, considerando que representa apenas 0,02 % das integrantes. Porém, no pequeno universo local, a representatividade alcança 40 %. Com base nos resultados obtidos nesta amostragem, podemos elaborar um perfil bastante preciso das participantes deste grupo local.

¹⁷⁶ ARENDT, 2005, p. 196.

¹⁷⁷ ANEXO 33: Questionários da pesquisa aplicados em Curitiba.

¹⁷⁸ Os dados resultam de uma amostragem estratificada proporcional, Ou seja, tomamos por base as questões da pesquisa do CNO e aplicamos em campo, dirigida a 8 mulheres do grupo escolhidas por sorteio.

¹⁷⁹ O grupo da OASE Curitiba é composto de 20 integrantes. Registro do livro de Ata e do livro de presença do grupo.

Tabela 9: Estado civil das integrantes da OASE Rosa

Estado Civil	Percentual
Casadas	50,0%
Viúvas	50,0%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

Não há menor dúvida em relação ao perfil do estado civil das integrantes do grupo de Curitibanos. São mulheres que são casadas ou que já foram casadas. É uma configuração que revela uma tendência de um sistema organizacional que promove o espaço para as senhoras que têm garantido seu status civil através do casamento ou do obituário.¹⁸⁰ “Depois que fiquei sozinha (viúva), então onde me realizo é na Igreja. Primeiro tinha o marido, então eu era a mão direita dele”.¹⁸¹

Tabela 10: Média de idade das integrantes da OASE Rosa

Faixa Etária	Percentual
Mais de 59 anos	100,0%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

A média de idade das entrevistadas ultrapassa a casa dos 63 anos. É um grupo de senhoras que têm uma longa história de pertença ao grupo. “Estou contente por estar na OASE há mais de 50 anos, já participava em Piratuba. A OASE representa muita coisa boa, especialmente é o lugar onde a gente pode ajudar as pessoas”.¹⁸² Os pensamentos de uma pessoa idosa tendem ao enrijecimento. Inclusive, existe a tradição – consagração de tudo o que é velho, divinização do passado, respeito às leis e costumes de séculos ou milênios.

Depois de certa idade, é difícil mudar de opinião. Os inovadores são vistos com desconfiança. O excessivo apego às próprias idéias a torna mais facciosa. Tornando-se uma veleidade tentar fazer mudanças na forma ou na metodologia da organização. “O tipo de governo mais comum na terra é a gerontocracia – os velhos influenciando sobre tudo e os velhos combatendo por todos os meios, muitos deles odiosos, as novas gerações, impedindo-as de

¹⁸⁰ O estado de viuvez é um estado de “glamour” social. Representa a condição de mulher digna e ao mesmo tempo sofredora, digna de ser também acolhida e cuidada pelo seu grupo social.

¹⁸¹ ANEXO 31.

¹⁸² ANEXO 01.

assumir o poder e de determinar as regras do próprio convívio”.¹⁸³

Tabela 11: Escolaridade das integrantes da OASE Rosa

Escolaridade	Percentual
Primário completo	25,0%
Primário incompleto	50,0%
Secundário completo	12,5%
Superior incompleto	12,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

A baixa escolaridade das participantes infere também nos seus conceitos e concepção de vida e sociedade. De forma geral, os integrantes da comunidade com idade acima de 40 anos têm esse perfil. No universo das mulheres, ele é ainda determinante. Esta característica entra em conexão com a realidade das comunidades teuto-brasileiras,¹⁸⁴ que, de modo geral, eram e são mais afeitas ao trabalho prático braçal. De nível escolar bastante reduzido, o grupo tende a vivenciar com mais austeridade a formação empírica, transmitindo-a adiante sem muitos questionamentos. Em nível de experiência teológica, estamos diante de uma realidade que representa a experiência religiosa da primeira infância e a influência do contexto sócio religioso que permeia nosso cotidiano.

Tabela 12: Profissão das integrantes da OASE Rosa

Profissão	Percentual
Do lar	25,0%
Confeiteira	25,0%
Serviços Gerais	12,5%
Contabilista	12,5%
Não há	12,5%
Domésticas	12,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

Da ordem da contabilidade prática, sem formação acadêmica, está a única mulher deste grupo que exerceu uma atividade que não fosse a da esfera doméstica. É um grupo tradicionalmente voltado para as funções domésticas. Responsabilizadas pela casa, filhos e alimentação, essas mulheres trazem para a comunidade o mesmo perfil de ação que exercem

¹⁸³ GAIARSA, José A. **Como enfrentar a velhice**. 3 ed. São Paulo: Ícone, 1993. p. 16.

¹⁸⁴ SCHALLENBERGER; COLLOGNESE, 1994, p. 31.

em suas casas.

Elas cuidam das necessidades básicas da comunidade. Elas “adotam” a comunidade e também seus obreiros. Muitas vezes fui apresentada como “filha”, durante o exercício do ministério pastoral em Curitiba. Elas assumiram o papel de família quando vim solteira para esta cidade. Meus passos eram cuidados e também vigiados. Muitas vezes elas deixaram suas tarefas familiares para me acompanhar em minhas viagens de assessoria pelo Sínodo Norte Catarinense. Os deliciosos doces da mesa da OASE, eram enviados por elas para minha casa. Afinal, eu era uma mulher sem tempo de fazer “boas” coisas para a minha alimentação.

Tabela 13: Motivo de filiação das integrantes da OASE Rosa

Motivo	Percentual
Incentivo de outra participante	37,5%
Presidente ou pastor	25,0%
Iniciativa pessoal	12,5%
Mãe participava	12,5%
Outros	12,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

O convite feito por outra participante liderou o ranking da inserção no grupo: 62.50 % das mulheres ingressaram no grupo pelo vínculo pessoal ou familiar. Portanto, são os vínculos familiares e os laços afetivos os responsáveis pela construção dos elos responsáveis pela filiação ao grupo. Esta relação com o grupo produziu o elo de ação destas protagonistas na comunidade religiosa. Desta forma, as próprias mulheres se constituíram no núcleo de pessoas comprometidas com os valores da identidade eclesial importantes para a existência do grupo e da comunidade religiosa.

3.8 O perfil das prioridades

As integrantes do grupo de OASE de Curitiba, perguntadas acerca dos aspectos que consideram mais importante nas atividades do grupo, revelaram que a atividade mais importante do grupo está relacionada ao cuidado.

Tabela 14: Atividade considerada mais importante na OASE Rosa

Atividade	Percentual
Cuidado/comunhão	42,5%
Reflexão/capacitação	30,0%
Serviço	27,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

“A interação cotidiana depende de uma sutil relação entre o que expressamos com palavras e o que transmitimos por meio de numerosas formas de **comunicação não-verbal**”.¹⁸⁵ Na comunicação verbal, as mulheres mencionam que as atividades que consideram mais importante são os do âmbito das relações. No desdobramento prático, a atividade que recebe maior atenção e energia é o serviço.

As palavras nem sempre dizem o que estão dizendo, assim como os gestos, as ações falam muito mais em suas expressões silenciosas. Vejamos o que se passa na relação entre Jesus, Marta e Maria (Lc 10.38-42). Maria senta aos pés de Jesus para ouvir atentamente a fala de seu mestre. Sua atitude é de aprendiz. Marta, aflita demais com os afazeres e quiçá, desejosa de poder fazer a mesma coisa, reivindica auxílio para a ação laboral. As duas mulheres são protagonistas importantes, mas a surpresa nos é revelada através da ação da Marta. É ela que, a partir de seu espaço do serviço, entabula um profundo diálogo com Jesus.¹⁸⁶ Ela revela sua profunda sabedoria extraída do seu agir cotidiano. Ela é quem questiona, e reivindica uma nova postura para com a sua realidade. Não são palavras apenas, mas é uma comunicação mobilizadora. É aceno para que aconteça uma nova postura. Sua ação continua sendo uma ação da ordem do serviço, mas ela sonha com uma nova comunidade. As mulheres da OASE também continuam servindo mais do que experimentando a comunhão que é da sua ordem preferencial. Em sua sabedoria, elas comunicam os seus desejos, em meio às labutas cotidianas.

A sabedoria se desvela ao encontrarmos aos paradouros no caminho com muito maior expressão e valor do que aparentemente se podem perceber ou até mesmo se mostrar. E sabedoria está ligada a sabor. “Sabedoria é arte de degustar. Sobre sabedoria Nietzsche diz o seguinte: ‘A palavra grega que designa o sábio, se prende, etimologicamente, a sapio, eu saboreio, sapiens, o degustador, sisyphus, o homem de gosto apurado’. A sabedoria é, assim, a

¹⁸⁵ GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 84.

¹⁸⁶ TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus Cristo**. São Leopoldo: CLAI/Sinodal, 2004. p. 29.

arte de degustar, distinguir, discernir”.¹⁸⁷

Se sabedoria está ligada a sabor, o lugar onde mais nos deparamos com os sabores é a cozinha. É na cozinha o lugar da parada dos sabores do cotidiano. Na cozinha tempera-se o cotidiano e se constroem as relações de poder e serviço. Este é um dos lugares em que encontramos Marta, e também as mulheres da OASE no cotidiano das comunidades da IECLB. Trata-se de ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados e não legitimados contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos e da ciência detida por alguns.¹⁸⁸

Servir é desafio que, nas palavras do apóstolo Pedro, significa ser “bom despenseiro da multiforme graça de Deus”.¹⁸⁹ Despensa é o repartimento da casa onde se guardam os mantimentos. O despenseiro é o encarregado da despensa, o ecônomo. A graça de Deus é abundante e requer que alguém administre. Ao trazer para a despensa, a graça deixa de ser palavra abstrata e passa a ter forma e sabor. A administração da despensa é fundamental para que se sirva a diversidade de Deus aos seres humanos. Numa casa, os produtos da despensa passam para a cozinha. Ali é que eles são transformados pelo conhecimento em sabores. Mais uma vez a cozinha ganha destaque. É na cozinha que se concentra a sabedoria dos sabores. Está nas mãos das mulheres, quase que exclusivamente, a administração desses sabores e saberes.

Tabela 15: Atividade que mais colabora na OASE Rosa

Atividade	Percentual
Cuidado/comunhão	52,5%
Reflexão/capacitação	25,5%
Serviço	17,5%
Não respondeu	4,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

Companheirismo é convívio afetuoso. Afetividade é a conexão que demanda comprometimento com a situação, com a realidade da outra pessoa. Esse é o tópico que elas mais gostam. Trata-se da hospitalidade que se constrói na partilha. Cada qual participa com suas histórias e experiências. Neste compartilhar, constroem-se os laços que possibilitam o

¹⁸⁷ ALVES, 1999, p. 11.

¹⁸⁸ FOUCAULT, 1998, p. 171.

¹⁸⁹ 1 Pe 4.10.

amparo, o aconchego, a acolhida. “Mas acho que em termos que dar as mãos no grupo isso já está acontecendo. Que as pessoas procuram se ajudar. Nem que seja só de uma forma mais amistosa, de dar um apoio moral mesmo que não financeiro, de compartilhar os problemas e alegrias. De compartilhar mais os problemas na OASE isso já acontece”.¹⁹⁰ “O modo-de-ser cuidado só convence verdadeiramente quando se transforma em saga na biografia de pessoas e modela situações existenciais”.¹⁹¹

Trata-se do cuidado tão necessário a cada um. Elas se encontram e anseiam pelo cuidado mútuo, e ele se faz realidade. Saber cuidar não é algo corriqueiro, e sim essencial, pois tudo o que vive precisa ser alimentado. Eis aí um dos focos centenários desse trabalho das mulheres da OASE. Elas têm agido em suas comunidades e entre si. Elas têm construído em suas relações o espaço do cuidar de si e dos outros. Saber cuidar é aprender a conviver cuidadosamente com o outro.

Tabela 16: O que mais gosta na OASE Rosa

Aspecto que mais gosto	Percentual
Companheirismo	50,0%
Mensagem	12,5%
Trabalho	12,5%
Canto	12,5%
Congressos	12,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

Ao mesmo tempo em que o tópico do companheirismo é o mais requerido, a falta dele também é o mais criticado. É a experiência ambivalente que no cotidiano é realidade. Nem tudo está de acordo com o desejo: falta união, parceria, companheirismo. Isso precisa ser combatido, mas muitas vezes as relações não companheiras ficam na experiência da subjetividade. “**Então venho na igreja, às vezes tem coisa que me aborreço. Mas no dia seguinte é outro dia**”.¹⁹²

Tabela 17: O que não gosta

¹⁹⁰ ANEXO 02.

¹⁹¹ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano - compaixão pela terra. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 167.

¹⁹² ANEXO 31.

Aspecto que não gosto	Percentual
Desunião	62,5%
Não tem nada que não goste	25,0%
Faltas das integrantes	12,5%
Total	100,0%

Fonte: BLIND, 2009.

Tabela 18: O que falta

Aspecto que falta	Percentual
União	44,60%
Trabalhos	33,00%
Participantes mais jovens	11,16%
Participação das integrantes	11,16%
Total	100,00%

Fonte: BLIND, 2009.

3.9 Espaço ocupado, lugar das relações

Homens e mulheres reagem de várias formas nos espaços do cotidiano. Mesmo assim, o espaço reúne todos, com suas diferenças marcadas pelas diferentes possibilidades de seu uso. Desse modo, não posso compreender o espaço sem a presença das pessoas. É sua presença que possibilita significar a utilização do espaço e sua utilização. Pensar o cotidiano de uma comunidade é perceber que existem diferentes possibilidades de uso do espaço. Assim, o espaço não é algo imutável, que está ali inerte aguardando pacientemente a ação do tempo. Espaço ultrapassa a questão de ser apenas um local. Ele incorpora outros aspectos, como sensibilidades, afetividades, carências e resistências e revela sinalizações subjetivas de relações de poder.

A forma de organização do espaço é caracterizada também pela instantaneidade da informação, que através das diferentes linguagens, aproximam os lugares, possibilitando uma tomada de conhecimento imediato, de acontecimentos simultâneos, criando entre os lugares uma relação, que tende a apresentar a forma de organização e entendimento do lugar e das pessoas. A realidade cotidiana, que nasce no lugar e o constitui, deve ser validada como um campo de possibilidades de conhecimentos que criam territorialidades. Sendo assim, o estudo do lugar abre perspectivas para compreender as diversas formas espaciais criadas por grupos que produzem culturas, identidades e estabelecem relações em nossa sociedade.

Cabe-nos procurar desvendar a origem dos fluxos que interferem no cotidiano, compreendendo o sentido que possuem e quais são as conseqüências que se concretizam, constituindo as formas de organizações sociais. Ressalta-se que não é apenas a descrição de

uma condição de vida, o lugar onde se vive, por exemplo, e inferir que isso represente uma totalidade existencial. É necessário compreender as atitudes face às diversas condições em que se encontram. Os espaços construídos são verdadeiras “máquinas de sentidos” e de sensações, através da vida cotidiana e de suas experiências espacialmente vividas. Interpretá-los é encontrar os significados, ou seja, um rico universo de referências onde se originam, de forma complexa, as diversas representações do real.

4 O PROTAGONISMO DO SILÊNCIO

Até o presente ponto, o modelo teórico-metodológico proposto analisou a história da OASE e alguns de seus propósitos constitutivos de ação. Na segunda e terceira fase, estes elementos foram acrescidos da análise do perfil das protagonistas e da sua ação no espaço comunitário. Significou, portanto, analisar a ação das mulheres da OASE à luz do referencial histórico, do perfil das protagonistas desta história e de seus movimentos. Este referencial constitui a fonte de análise até este ponto. Neste espaço, buscamos entender o papel deste protagonismo silencioso no habitus sócio-religioso, considerando a interpretação e representações dessa realidade.

4.1 A Genealogia do silêncio, um eco retumbante!

Ao longo dos séculos, e ainda hoje, consciente ou inconsciente, vale a premissa da autoridade apostólica de Paulo: “conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina”.¹⁹³ Esta interpolação constrói uma redução do exercício da profecia feminina. No Novo Testamento, essa incorporação da ideologia de exclusão das mulheres de cargos de lideranças comunitária, pode ser observada nos chamados códigos domésticos.¹⁹⁴

Nem sempre foi assim. As mulheres estavam presentes no movimento de Jesus e no cristianismo primitivo com amplo espaço conquistado. Ainda que haja divergências entre os estudiosos, “muitos reconhecem que o cristianismo era extraordinariamente atraente porque no interior da subcultura cristã as mulheres tinham um status mais elevado do que no mundo

¹⁹³ 1 Co 14.34.

¹⁹⁴ Cl 3.18-19; Ef 5.22-24; 1 Pe 3.1.

greco-romano em geral”.¹⁹⁵ Infelizmente, esse status e essa participação foi sendo eliminada aos poucos. Documentos bíblicos e extrabíblicos de fins do primeiro século, e com mais força, posteriormente mostram como as mulheres foram silenciadas. A hierarquização e a acomodação das estruturas da sociedade imperial romana foram aparecendo enquanto diminuía o radicalismo crítico e profético de Jesus e também de Paulo contra qualquer tipo de opressão.¹⁹⁶

As proibições para as mulheres foram aumentando com o decorrer do tempo da vida das igrejas e comunidades. Felizmente, as mulheres não se curvaram às proibições. Elas continuaram, movidas pela fé, agindo na construção das comunidades. Seu trabalho nem sempre foi reconhecido, mas certamente sua participação, organizada ou não, fez muita diferença nas comunidades e no atendimento das necessidades de seu tempo. As palavras do Pastor Friedrich Pechmann, em seu relatório de 1912, são partes destes testemunhos fragmentários que a história foi nos presenteando, revelando a presença qualificada e ativa de mulheres nas comunidades luteranas:

Ocorreu-me se não seria uma bênção para nossas comunidades abrir certos cargos na diretoria para as mulheres. **Não arrisco** uma proposta nesse sentido, mas recomendo aos membros das diretorias refletir a respeito, se não estamos perdendo algo quando constantemente mantemos as mulheres afastadas da direção das nossas comunidades.¹⁹⁷

O medo de sequer arriscar uma proposta nos conduz à suspeita de que havia, entre os agentes religiosos institucionalizados, uma forte característica de concentração de poder e de comando nas mãos dos homens. É a denúncia de uma cultura baseada na força física e mental masculina que aniquilou os vestígios dos valores, sentimentos, reflexões e expressões das mulheres. Mas elas, as mulheres, fizeram dos retalhos, dos fiapos que lhes sobraram uma colcha.

Uma colcha de retalhos é composta de muitos fragmentos e cores. Assim também a ação histórica das mulheres da OASE tem muitas cores, formas e texturas. Quando escolhemos enfatizar a história do silêncio, atentamo-nos para um dos retalhos dessa ação. Focar, olhar com uma proximidade investigadora e analisar a escolha feita tem a ver com o desejo de entender e prever esse comportamento. Esse silêncio traz em suas entranhas uma

¹⁹⁵ STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 111.

¹⁹⁶ BAUTISTA, 1993, p. 168

¹⁹⁷ BAESKE, 1999, p. 27.

experiência multifacetada. Nele, encontramos a resistência, através dele nos são reveladas as réstias dos medos e atrás dessa aparente fragilidade se manifesta uma ação de poder.

A analogia da ação das mulheres da OASE com uma colcha de retalhos reflete uma construção admirável que foi sendo costurada com as sobras dos tecidos usados nos espaços oficiais. É o mesmo fio, a mesma textura, mas em pequenos fragmentos, que garante a junção da criatividade e da diversidade. As razões do receio do Pastor Friedrich não são reveladas, mas certamente fazem parte da auto-preservação de sua própria imagem. Seu silêncio institucional revela sua compreensão de possibilidades e seu compromisso com a ordem pré-definida. Esta forma de se mover institucionalmente é decorrente dos engendramentos e conceitos constitutivos de nossa formação.

4.1.1 Gênero, uma mediação hermenêutica

Desde muito cedo em minha infância, aprendi regras para a arte de viver em sociedade, especialmente na comunidade religiosa, como uma “boa menina”. Uma “boa menina” devia sentar no lado direito nos bancos da Igreja, em dias de celebração. Ela só poderia participar da ceia se usasse roupas femininas (vestido ou saia). Essa mesma menina até podia participar das assembléias comunitárias, mas deveria ficar calada e não podia votar. Ela seria ainda melhor se ajudasse a preparar o café e as guloseimas do lanche servido após a reunião. A fala oficial da comunidade era proclamada pelo pastor – agente religioso instituído – e os assuntos administrativos eram resolvidos pelos homens. As “boas meninas” podiam participar ativamente dos afazeres práticos.

Assim, nós, as “boas meninas”, carregamos muitos baldes d’água para lavar a Igreja; ajoelhamos no chão para passar a cera e “abrir” o brilho no assoalho; carregamos muita lenha para acender o fogo e molhamos o umbigo lavando e secando louças. Afinal, tudo isso era transmitido como função natural das “boas meninas”. As experiências da vida têm papel extraordinário na formação dos seres humanos. Porém, elas podem ser assimiladas e assumidas ou confrontadas e transformadas. Hoje eu sei que ser uma “boa menina” não depende desses papéis estereotipados que foram ‘leccionados’ na minha comunidade de origem. Nas tantas outras lições de vida, tive a oportunidade de entender que o aprender tem a ver com a origem, com a religião e a questão de gênero.

Quando uso el término “género” pienso en el grito de la diversidad que ha hecho irrupción, no solo en el misterioso y secreto juego del hombre y de la mujer, sino además en nuestra vida, en nuestras instituciones y en nuestros pueblos, aun cuando no lo queramos reconocer. Pienso en el lenguaje alternativo que, no obstante,

emerge de la historia globalizada y globalizante, el lenguaje de la religión y del pueblo: cultura, gestos y sabiduría. Pienso en el derecho ético a la dignidad y al reconocimiento de varias categorías de personas que la sociedad burguesa deja al margen de la historia: homosexuales, presos/as, prostitutas, indígenas, negros/as. En fin, pienso en el misterioso lenguaje de la creación.¹⁹⁸

Gênero é visto aqui como instrumental de análise, cujo valor se manifesta na riqueza de perceber uma multiplicidade de diferenças. Sem absolutizar a mediação de gênero, entretanto, percebo nela a constituição de um instrumento importante para compreender a complexidade das relações humanas.¹⁹⁹

Hoy, hablar y reflexionar sobre género es dejar germinar el infinito lenguaje de la diferencia, es hablar del lento camino ecuménico del pueblo e de la religión, de la nostalgia de una nueva ecología y del deseo de recomenzar un delicado encuentro con la sabedoría de pueblos narradores pero no escritores”.²⁰⁰

Não é nosso objetivo focar a construção histórica da hermenêutica de gênero, tampouco traremos os diferentes enfoques que têm sido abordado em relação à teoria.²⁰¹ Como instrumental, valemo-nos das análises de gênero devido a sua intencionalidade. “As análises de gênero aparecem no feminismo dos anos 1980, como meio de avaliar a diferença entre os sexos e denunciar o uso de certos poderes a partir da afirmação da diferença”.²⁰²

O Gênero é considerado importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica. Concretamente, trata-se de mostrar que poderes atuam na divisão social do trabalho e na organização dos diferentes aspectos da vida em sociedade, ligados à relação entre homens e mulheres”.²⁰³

A disparidade entre as experiências dos homens e das mulheres geralmente é denotada como um problema de desenvolvimento moral destas. Contrapondo isto, a análise sob a ótica de gênero nos auxilia a perceber que o fato de as mulheres não se ajustarem aos modelos existentes pode apontar para problemas de representação, de limites de concepção da condição humana ou de omissão de certos aspectos e verdades sobre a vida. “Concepções do

¹⁹⁸ POTENTE, Antonieta. **Un tejido de mil colores**: diferencia de género, de cultura, de religión. Uruguay: Doble Clic, 2001. p. 12.

¹⁹⁹ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 105.

²⁰⁰ POTENTE, 2001, p. 12.

²⁰¹ GROSSI, Miriam Pillar. **Gênero, violência e sofrimento**: antropologia em primeira mão. 2. ed. Ilha de Santa Catarina: UFSC-Coletânea, 1998. p. 1. A autora em seu texto sobre gênero, violência e sofrimento faz referência ao diálogo entre antropólogos e outros pesquisadores sobre a problemática do gênero na antropologia, trazendo quatro referenciais teóricos abordados, quais são: neo-evolucionismo, culturalismo, estruturalismo e pós-modernismo.

²⁰² GEBARA, 2000, p. 104.

²⁰³ GEBARA, 2000, p. 104.

período da vida humana representam esforços de tornar coerentes as experiências e as percepções em curso, os cambiantes desejos e realidades da vida cotidiana. Mas a natureza dessas percepções dependem em parte da posição do observador”.²⁰⁴

O pressuposto do olhar e entender é construído com base na construção sócio-cultural transmitida e assumida pela humanidade a partir da ótica que a constitui. O que se “mascarou” como neutralidade científica na verdade traz em seu bojo a visão e a intencionalidade dos pressupostos que foram inculcados na humanidade como verdades únicas.

A descoberta ocorre quando teorias antigamente consideradas sexualmente neutras em sua objetividade científica vêm, pelo contrário, refletir um consistente preconceito observacional e valorativo. Daí que a pretensa neutralidade da ciência, como da própria linguagem, enseja o reconhecimento de que as categorias do conhecimento são construções humanas. A fascinação com o ponto de vista que explicou a ficção do século XX e o correspondente reconhecimento da relatividade do julgamento infunde também o nosso entendimento científico quando começamos a notar o quanto nos tornamos acostumados a ver a vida através dos olhos dos homens.²⁰⁵

Olhos masculinos que retratam a sua verdade, o seu pressuposto e a sua construção de contexto social, cultural ou religioso. O homem é o caminho, a mulher é o desvio. Conclusão não difícil de se chegar se entendermos a formação da mulher com a costela tirada do homem.²⁰⁶ Interessante perceber que toda a leitura de humanidade passa pelo constructo do gênero masculino. O *Fálico* é que fala mais alto e coloca a falha no espaço gerador que constitui o elemento do gênero *Feminino*.

A questão de gênero projeta sobre a sociedade uma luz que ajuda a desvelar, a falar, a fazer memória dos caminhos trilhados a partir da diferença. Perceber o diferencial nas ações do cotidiano, o inédito que pode fazer brotar com mais força uma visão integral e justa das relações humanas. Trata-se de uma visão ampla que auxilia a perceber que os discursos presentes em nosso meio não são neutros, mas influenciados pelas realidades históricas, pelas padronizações culturais, pelos jogos de poder nos quais nasceram e foram interpretados. A partir da identidade de gênero, é possível pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura.²⁰⁷

O anúncio do silêncio é linguagem que permite visualizar uma estrutura histórica e

²⁰⁴ GILLIGAN, 1982, p. 15.

²⁰⁵ GILLIGAN, 1982, p. 16.

²⁰⁶ Gn 2.21-22.

²⁰⁷ GROSSI, 1998, p. 6.

também um enunciado sobre o entendimento da forma de organização da comunidade que justifica as desigualdades e, ao mesmo tempo, as nega. “[...] O objetivo primordial de uma reflexão sobre gênero é colocar às claras, através desta categoria tão pouco utilizada em teologia, todo um sistema de relações de poderes baseado no papel social, político e religioso da nossa realidade de seres sexuados”.²⁰⁸ O centenário silêncio se faz ouvir com uma nitidez translúcida através da mediação de gênero. “A reflexão sobre gênero nos faz descobrir uma questão política que nem se suspeitava antes”.²⁰⁹

4.1.2 O silencioso eco: um baú centenário

Na análise da centenária história das mulheres da OASE, dos documentos, das entrevistas e da pesquisa, apontamos para um silêncio que contém substância, que contém ação – anúncio e denúncia. A ação silenciosa da OASE aqui se estabelece preciosa: falamos de um ente religioso feminino. Falamos de milhares de mulheres articuladas no campo religioso agindo silenciosamente, testemunhando sua fé em seus relatos de vivências, tecendo suas relações que resultam em redes de solidariedade e revelando uma linguagem que dá morada a experiência do sagrado na comunidade.

É como o sorrateiro passo da mulher hemorrágica²¹⁰ que se move em meio à multidão e denuncia a falta de reconhecimento da dignidade feminina pelas estruturas, que as querem, mas só para o serviço. Ela, a mulher hemorrágica, sorrateiramente (silenciosamente) rouba a sua cura. Sua ação clandestina decorre de uma ação contra a cultura judaica imposta ao povo, especialmente às mulheres. Sua ação é atrevida. Ela ousa tocar as vestes de um homem²¹¹ sendo ela impura, o ato representa a transgressão à lei da impureza. Numa sociedade em que a cultura as marginaliza, as mulheres usam da ousadia para contrariar os costumes e modificar a ordem.²¹² O ato de tocar lhe dá poder. O poder que se constrói com as mãos é o poder de construir e se constituir nos espaços pelas orlas das vestes. É a experiência de contornar o poder e se apropriar dele para se reconstituir.

O poder circula e, se as mulheres sofrem as conseqüências do poder instituído, elas também são possuidoras de poder nesta mesma estrutura. Usando as brechas que encontram

²⁰⁸ GEBARA, 2000, p. 105.

²⁰⁹ GEBARA, 2000, p. 106.

²¹⁰ Mt 9.19-22

²¹¹ O homem tocado, no caso Jesus, representa o último fio de esperança de cura. Portanto, não é só ousadia, é também sofrimento e desespero que faz a mulher tomar a coragem e agir silenciosamente.

²¹² TAMEZ, 2004, p. 59.

ou a sutileza na forma da agir, as mulheres em seus silêncios não são apenas vítimas, mas também responsáveis pela forma das produções comunitárias. Para as mulheres, **o lugar onde se pratica o poder é o lugar onde a cultura as colocou**, isto é, de modo particular, o âmbito doméstico. Na experiência da vida comunitária, o âmbito da cozinha é o lugar da livre circulação das mulheres.

Este espaço acaba sendo construído com suas restrições. Restrições do seu poder: elas privatizaram a cozinha, chavearam sua sala e cadearam seus utensílios. É este lugar “privado” que se conjuga com o lugar público que dá formas ao cotidiano das relações comunitárias. Nesta teia, elas se movem e é deste lugar que aparecem as intrigas, as cumplicidades, as traições e as articulações da rede invisível e poderosa. Mais de 60 % das mulheres indicam que a falta de união é uma preocupação presente. Daí decorre a comprovação de que nas teias das suas relações as demandas de poder produzem desvínculos e geram conflitos.

Na esfera doméstica reproduzem-se as estruturas sociais fundamentais. No imperioso silêncio, é visível ver as estruturas de mando e de comando. “Cerrar fileiras” é reprodução das normas de estrutura que tem comandante. É a reprodução na esfera doméstica e comunitária dos mesmos veios de estrutura hierárquica da sociedade de classes. As palavras da curitibanense dão sustentação a essa tese:

Sempre **fui a cabeça** de fazer os bolos na igreja. **Eu era a cabeça desse trabalho. Minha função era comandar.** Eu mesma cuidava dos fornos a lenha, porque ninguém sabia lidar com esses fornos direito. Sempre tive ajudante, mas ninguém sabia fazer em grandes quantidades. Essa sempre foi a minha tarefa: **comandar para dar certo.**²¹³

Em relação à construção, estruturação e reestruturação da IECLB, as mulheres da OASE exerceram e ainda exercem um papel fundamental. São elas os instrumentos para a ‘batalha’ no campo. Elas lembram Débora que sobe ao monte Tabor como escudo de Baraque.²¹⁴ No entanto, o diferencial de Débora está na palavra. Ela anuncia que vai, mas que sua participação não será silenciosa, mas de quebra de paradigma: “Pois às mãos de uma mulher o Senhor entregará Sísera”.²¹⁵

As mulheres da OASE também sobem ao monte, anunciam seu testemunho e

²¹³ ANEXO 01.

²¹⁴ “Então lhe disse Baraque: ‘**Se fores comigo, irei; porém se não fores, não irei**’”. Jz 4.7. Grifo da autora.

²¹⁵ Jz 4.8b.

denunciam uma ordem que exclui pessoas do espaço da cidadania integral. Por sua vez, essas condições reais de existência implicam em um conjunto de situações e relações sociais e eclesiais que envolvem a vida e a ação dos seres humanos. Nesta trama complexa, neste tecer de fios e redes, encontram-se elementos centrais para entender a ação delas no contexto comunitário e eclesial em que estão inseridas. “A atividade prática, orientada para a satisfação das necessidades, possibilita a formação dessas faculdades com base nas predisposições hereditárias, criadas historicamente”.²¹⁶

Essas predisposições hereditárias não são naturais, tampouco neutras. Antes, elas são “contaminadas” por componentes ideológicos, culturalmente construídos. Assim, o silêncio anunciado pelas mulheres da OASE está carregado de elementos que denunciam construções sociais cuja moldura também envolve o ser Igreja. Portanto, compreender esse imperativo silencioso é também entender que as pessoas, os sujeitos forjam-se nas relações cotidianas e formativas e que suas ações são reflexo do lugar social que ocupam ou são colocadas.

4.1.3 Um eco que forma e transforma

Fora da especificidade doméstica legada às mulheres como tarefa clássica, elas testemunham sua presença formativa no seio da Igreja em suas propostas de seminários e oficinas e em sua fidelidade e constância no auxílio e esforço depreendido para manutenção e defesa da estrutura eclesial a que pertencem. Essa voz ‘silenciosa’ se faz voz diferente. Voz que clama no deserto da vida das mulheres que são brindadas com a formação que lhes foi tolhida e silenciada pelos conceitos incutidos como verdades de especificidade. ‘Verdades’ estas que são defendidas por homens e também mulheres.²¹⁷

As propostas de formação presentes no Sínodo desencadeiam um perfil que precisamos considerar como elementos de informação importante. Os seminários para acompanhamento a enlutados revela a sensibilidade com o cuidado. Esse cuidado tem valor. No entanto, no julgamento social, o diferencial das mulheres as coloca à margem numa sociedade pensada e construída por e para homens. A sensibilidade às necessidades dos outros e a presunção de responsabilidade por cuidar levam as mulheres a atender outras vozes que

²¹⁶ PALANGANA, Isilda. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**: a relevância do social. São Paulo: Plexus, 1994. p. 108.

²¹⁷ Lembramos de texto bíblico de Lc 10.38-42 - Marta cobra de Maria o papel que lhe cabe como doméstica - e do Anexo 23 - testemunho de quão difícil é para as próprias mulheres mudar concepções que lhes foram transmitidas. É difícil chamar Deus de mãe. Mãe é restrição, é espaço doméstico e Deus, nessa concepção, precisa ser entendido como expansão, força e poder, ideal presente na construção do referencial masculino.

não as suas e a incluir no seu julgamento outros pontos de vista. Portanto, aquilo que é considerado a fraqueza moral das mulheres é especificamente a sua força.

O lugar das mulheres na vida dos homens tem sido de alimentadora, cuidadora e companheira, a tecelã daquelas redes de relacionamentos nas quais ela por sua vez confia. Mas enquanto as mulheres têm assim cuidado dos homens, os homens têm, em suas teorias do desenvolvimento psicológico, assim como nos seus arranjos econômicos, tendido a presumir ou desvalorizar aquele cuidado”.²¹⁸

As mulheres tecem as redes de solidariedade. Constroem os fios para a trama com o intuito de cuidar e preservar a vida. Elas se colocam no serviço para a construção mais forte e firme destes tecidos que são necessários para cuidar que a vida seja acolhida. É a força de ser pessoa que as move e as capacita a “acolher a vida assim como ela é, em suas virtualidades e em seu entusiasmo intrínseco, mas também em sua finitude e em sua mortalidade”.²¹⁹

No universo ideológico, porém, essas tramas se constituem em tramas em seu sentido figurado. São os conluios que, em sua concepção, menosprezam essas atividades, desvalorizam esse cuidado. Na contramão de uma ideologia racionalista, vêm as mulheres da OASE com a proposta que visa a formação de lideranças, que busca aprimorar a autoconfiança das mulheres, seres capazes que a história sócio-cultural privou do espaço do conhecimento e da formação por milênios. Oferecer a este grupo alternativas de formação e a busca de novos referenciais para seu entendimento cotidiano é, sem dúvida, estabelecer caminhos transformadores. Como se trata de transformação de ordem prática, certamente pode ser considerada transformação das relações sociais em nível doméstico, eclesial ou público.

A proposição das oficinas de formação técnica traz em seu âmago uma outra denúncia: a mudança do sistema econômico ampliou o conjunto de papéis desempenhados pelas mulheres. Elas precisam encontrar formas de garantir o sustento dos filhos. O artesanato é arte presente no cotidiano das mulheres. Oferecer a este campo qualificação significa garantir a possibilidade de ingressos adicionais para sustento da casa. É lugar para desenvolver conhecimentos cotidianos com criatividade. É espaço de construção de cidadania. Esta proposta é a viabilização de um caminho alternativo, numa sociedade globalizada.

A globalização da produção aumentou a presença de mulheres em setores da produção como processamento de alimentos, confecção têxtil e linhas de montagem.

²¹⁸ GILLIGAN, 1982, p. 27.

²¹⁹ BOFF, 2004, p. 144.

Tais empregos não capacitam a mulher a desenvolver nenhuma técnica em especial além daquela imediatamente envolvida na produção em massa de partes, um trabalho sem criatividade. As mulheres passam horas em ‘fabricas de fundo de quintal’. A terceirização leva a desregulamentação das relações de trabalho [...] Tornam-se, desse modo, uma comunidade vulnerável à exploração adicional.²²⁰

Esse espaço histórico de mulheres, classificado taxativamente como espaço ‘conservador’ é reflexo desses moldes com os quais as vidas das mulheres e dos homens vêm sendo fundidas. Aqui se apresenta uma primeira diferenciação: a ação, a reação – ou se quisermos: a movimentação dos entes femininos diante da complexidade das relações sócio-normativas – é caracterizada por movimentos silenciosos, igual a água de um pequeno córrego que, em sua constância, tem o caminho do rio como meta e deste ouvimos o silêncio do murmúrio de uma cachoeira. Assim, ouvindo o silêncio, estabelecemos a hipótese de que a OASE, em seus movimentos constitutivos permeados pela tradição, reage à complexidade dinâmica das construções sócio-históricas, que moldaram nossa cultura, com movimentos silenciosos e de adaptação, mas também de transformação e, especialmente, de sobrevivência.

4.2 Os ecos da memória identitária

“Se quiser conhecer uma cidade, vá ao seu mercado público”.²²¹ Assim, podemos afirmar: se quiser conhecer o perfil cotidiano da IECLB, sua forma, sua característica, vá ao espaço cotidiano de ação de um grupo de mulheres da OASE. Força motriz de muitas comunidades da IECLB, este grupo mulheres nasceu no empenho de auxiliar na preservação da identidade e continua sua ação no empenho de efetivar o testemunho do Evangelho no seu espaço de ação.

A identidade e a memória que se fazem no cotidiano destas mulheres espelham um conjunto de elementos que justificam o enunciado acima. A movimentação, as vozes e as imagens acerca da vivência, da experiência e do testemunho da fé produzido pelas protagonistas desta história são elementos essenciais na construção da identidade religiosa e confessional.

Não existe ciência do discurso considerado em si mesmo e por si mesmo; as propriedades formais das obras desvelam seu sentido somente quando referidas às condições sociais de sua produção – ou seja, às posições ocupadas por seus autores no campo de produção – e, por outro lado, ao mercado para o qual foram produzidas (não é outra coisa senão o próprio campo de produção) e, eventualmente, aos

²²⁰ SINGH, Priscila. **As igrejas dizem “não” à violência contra a mulher**. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 34.

²²¹ Esta frase é atribuída ao escritor Ernest Hemingway.

mercados sucessivos de recepção de tais obras.²²²

Interessante perceber como esses discursos ditos silenciosos vão tornar o espaço de ação das mulheres da OASE como um espaço de identificação e de memória. Apesar de toda a mobilidade – real ou virtual, em consequência dos avanços tecnológicos nas comunicações e transportes – as identidades sociais e religiosas são constituídas a partir de lugares identitários e relacionais. Ao “esmiuçar” o espaço cotidiano de um grupo de mulheres da OASE na injunção de construir em campo sua própria evidência empírica, encontramos o que invisivelmente é real. As mulheres da OASE são como multiformes “baús” que guardam em seu memorial a tradição de fé, legado familiar, conseqüentemente uma vivência eclesiológica com profundo arraigamento na religiosidade trazida nos baús dos imigrantes, seus antepassados.

A memória guardada pelas mulheres é aquela transmitida pelos vínculos familiares e de relações da comunidade a qual pertencem. São as tradições domésticas que dão continuidade e constroem vínculos de identificação eclesial. Essas lembranças permeiam os caminhos das pessoas e, em se tratando dessa memória transmitida, é visível que as “[...] tradições têm vida longa na memória das pessoas. Muitas vezes continuam mesmo quando a situação já não é mais a mesma de sua origem”.²²³ E esta memória constrói os alicerces comunitários, tornando-se assim importante prestar atenção ao que acontece ali. A memória encontrada nas experiências do cotidiano é mais subterrânea²²⁴ do que imaginamos. Assim que devemos ter em mente que o acesso nem sempre é fácil. Para alcançar este mundo subterrâneo da vida cotidiana é importante observar, mas mais do que isso, é preciso estar junto. Trata-se de um método de pesquisa, “que se convencionou chamar de observação participante”.²²⁵

Certo está de que a densidade da OASE manifesta nos testemunhos de suas protagonistas, seja em sua contribuição eclesial, seja na interferência (positiva ou limitadora) de seus conteúdos sócio-religiosos, traduz a vida cotidiana e anuncia a vivência da fé. A OASE é nosso referencial concreto para entender como a “pessoa de fé pensa a comunidade a

²²² BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 129.

²²³ FISCHER, Joachin. Identidade confessional. Lições da história. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003, p. 30.

²²⁴ BOBSIN, Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial: intuições a partir das ciências da religião. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 3, p. 261-80, 1997, p. 262.

²²⁵ BOBSIN, 1997, p. 263.

partir dela e para ela tomando o que julga ser o seu centro”.²²⁶

Somente quando se conhece a fundo uma realidade, poderemos entender suas dimensões e complexidades. Enfim, é só pelo conhecimento detalhado que podemos verificar as estruturas presentes em nosso universo e conhecer as implicações resultantes dos processos de nossa existência.²²⁷

Cuando uno no es capaz de comprender a los individuos reales, tampoco es capaz de comprender lo que es universal y general. [...] el saber no es una acumulación libresca. [...] ese error de confundir información con saber es propio de muchos intelectuales. Pero además hay que sentir, hay que apasionar-se. No se puede ser un intelectual separado del pueblo-nación, de los sentidos elementales de su pueblo.²²⁸

A presença feminina foi e é crucial na construção do espaço e da visibilidade da vida e da experiência comunitária. Assim como em Curitiba, e certamente também em outras tantas comunidades, a mulher participou de maneira eficiente e eficaz na construção das comunidades, tanto objetiva como subjetivamente. Mas a historiografia da eclesiologia comunitária, seguindo os critérios comuns da pesquisa, contribuiu notavelmente para deixar na sombra o papel da mulher.

Reconstruir hoje uma presença da mulher na história da Igreja, significa fazer uma leitura crítica do passado, modificando profundamente o modo costumeiro de se reportar à história. As mulheres devem ser analisadas em suas relações cotidianas. Só assim poderemos compreender a importância dos sistemas e das funções que desempenharam na sociedade e nas estruturas. É preciso entender a função da atribuição dos papéis e dos simbolismos e o seu significado para a manutenção de uma dada ordem social.²²⁹ Este proposital ou inconsciente silenciamento das mulheres tem origem, linguagem e papéis.

Não se trata de um silêncio por parte das mulheres da OASE em suas ações e seu cotidiano, mas de um processo de identificação com um sistema que produz esse ideal de silêncio. Ele dá o poder da palavra para agentes religiosos profissionais ou oficialmente

²²⁶ WESTHELLE, Vitor. Uma fé em busca de linguagem. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 68-82, 1992, p. 71.

²²⁷ CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. *Metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002. p. 6.

²²⁸ GRAMSCI, Antonio apud LEBEDINSKY, Mauricio. *Gramsci pensador político y militante revolucionario*. Buenos Aires: Cartago, 1987. p. 49.

²²⁹ VALÉRIO, Adriana. A mulher na história da Igreja. In: FIORENZA, Elisabeth Schüssler et al. *A mulher invisível na teologia e na Igreja*. Nijmegen: Stichting Concilium; Petrópolis: Vozes, 1970. p. 75.

nomeados pelos agentes religiosos profissionais.²³⁰ É um silêncio decorrente dos sistemas sociais, religiosos e comportamentais da sociedade e da Igreja.

A comunidade laica sempre se fez fortemente presente nas atividades desenvolvidas pela comunidade, especialmente nas promoções e nas atividades festivas, onde a participação das mulheres da OASE é intensa e determinante. As atividades de cunho religioso sempre estiveram mais centradas nas mãos de pastores, aos quais se delega e cobra a responsabilidade pela realização dos cerimoniais e ofícios religiosos. Estamos diante de um “tipo de comunidade”²³¹ religiosa que Bourdieu define como interacionista. **“Sinto-me feliz por poder usar as mãos para servir Jesus. O serviço das mãos não é um serviço de Deus, mas para construir um lugar melhor para a gente se reunir. Sou fundadora da OASE de Curitiba e sempre trabalhei muito”**.²³²

A inércia ritualística, de um lado, e a ação voltada a atividade prática, de outro, expressas na entrevista acima revelam nas entrelinhas a lógica das interações entre os agentes diretamente envolvidos. Ao revelar que “o serviço das mãos não é um serviço”, a entrevistada nos apresenta uma categoria laica que espera dos agentes instituídos a reprodução do *habitus* religioso. É o jogo de interesses que se estabeleceu no âmbito das relações dos campos religiosos. A especificidade das relações que se estabeleceram está muito aquém do projeto que sonhava construir o sacerdócio geral²³³ de todos os crentes.

As mulheres da OASE, com seu grupo secularmente constituído, são a presença viva e atual de um referencial comunitário que define tarefas e destingue papéis e funções. Este grupo é detentor de significativa representatividade e alcance dentro da vida religiosa cotidiana da IECLB.

²³⁰ A teoria religiosa de Max Weber, revisada por Bourdieu, é uma análise sociológica do sistema religioso. Esta análise define o interesse religioso e os papéis de ação dos protagonistas desta ação. A primeira ruptura com a metodologia de Weber se constrói na representação interacionista das relações entre os agentes religiosos. Uma segunda ruptura é a subordinação da análise da lógica das interações as estratégias que os opõem. Bourdieu foca para os interesses em jogo no campo religioso, diante das especificidades de funções de cada agente. Nestas relações, o jogo se constrói na relação objetiva de transação: serviço religioso e na relação objetiva de concorrência. Nestas relações estão postas as especificidades de cada agente e a experiência passa pelos *habitus* constituídos. BOURDIEU, 1992, p. 79-98.

²³¹ BOURDIEU, 1992, p. 81.

²³² ANEXO 27.

²³³ Sacerdócio geral de todos os crentes faz parte da diretriz política educacional da IECLB, tendo como princípio o desafio de sermos participantes efetivos do ensino e da aprendizagem, tornando-nos co-responsáveis na proclamação e na comunicação. A partir deste princípio, assume-se a tarefa teológico-pedagógica de convocar as pessoas para o exercício da cidadania cristã.

4.2.1 Ecos construtores de um testemunho reflexivo

Do universo da pesquisa do CNO, feita através de um questionário respondido por 481 mulheres da OASE de diferentes lugares do Brasil, as manifestações e intenções percebidas na pesquisa realizada com dez mulheres da OASE do Sínodo Norte Catarinense, publicado no caderno, elaborado pelo sínodo e as entrevistas e a pesquisa no grupo de OASE de Curitiba, feitas pela pesquisadora revelam fragmentos que compõem este universo de mulheres, cujas vivências e articulações cotidianas dão forma física à voz do silêncio.

Elas são reais, suas memórias iluminam e fecundam o cotidiano com suas razões, intenções, anseios, desejos, necessidades e interações. O resultado do questionário dessas 481²³⁴ mulheres de diferentes contextos, num universo de quase quarenta mil pode traduzir-se num pequeno percentual. Ainda assim, esta análise nos oferece dados significativos do entendimento destas mulheres no microcosmo de suas ações que compõem o macrocosmo da OASE. Se entendemos que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Cada lugar irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade”.²³⁵

Assim também o é com as mulheres da OASE. Neste pequeno universo de testemunhos, as mulheres revelam o vínculo da tradição familiar como construtor da pertença ao grupo da OASE. O convite e o incentivo para ingressarem no grupo vieram da mãe ou avó. Outras foram motivadas por amigas. Em menor número são as questões pessoais ou o convite do agente religioso oficial. São os laços de família e o vínculo de amizade os principais elos de edificação dos grupos.

Portanto, é a memória guardada pela mãe que as faz pertencer ao universo religioso de comunhão, de testemunho e de serviço. O perfil característico deste grupo tem na memória transmitida a construção do vínculo. Este também é o perfil característico da mobilização religiosa: a perpetuação da memória como construtora da continuidade religiosa.

Uma ‘religião’ é um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual é constituída, estabelecida, desenvolvida e controlada a consciência (individual e coletiva) de pertença de uma linha de crença particular; toda religião implica uma

²³⁴ Este número é a soma total das mulheres que responderam o questionário do CNO, das entrevistadas no caderno de memórias do SNC e das mulheres entrevistadas na comunidade de Curitiba. No universo das filiadas na OASE (segundo o livro *Retalhos no Tempo*) este número totaliza 1,249 % do total de integrantes.

²³⁵ SANTOS, apud SAUER, 2002, p. 78.

mobilização específica da memória coletiva.²³⁶

Segundo Danièle Hervieu-Léger, é a memória religiosa que conserva, reproduz e garante a permanência de um pensamento, de uma identidade confessional. “A religião se define por meio da transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundador original através de uma ‘linhagem religiosa’ ou linha de crença”.²³⁷

Sabemos que nossa identidade como Igreja permite mudanças. Não somos imutáveis. Estamos em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época em época dão corpo e vida à própria identidade. Identidade é sempre identificação em curso. Neste contexto de transformações, é importante ressaltar que temos no grupo da OASE um valorativo e comprovado potencial de guarda da memória da identidade religiosa e da continuidade da mesma.

Segundo Danièle Hervieu-Léger, é a memória religiosa que conserva, reproduz e garante a permanência de um pensamento, de uma identidade confessional. Ora, uma prática religiosa que se estabelece pelo vínculo do testemunho da mãe certamente aporta elementos constitutivos da identidade confessional e os faz refletir para dentro da identidade da Igreja.

A memória se faz pelo testemunho da ação religiosa prática que fala do desejo, das necessidades, dos interesses e das dores do cotidiano. A conexão e os laços que se estabelecem decorrem da comunhão dos processos da vida. São mulheres que encontram acolhimento e se constituem na comunhão. É cuidando da comunidade que elas, as mulheres da OASE, cuidam de si e de seu grupo identificador.

4.3 O sentido religioso expresso nessas interações cotidianas

A realidade religiosa hodierna, as novas especificidades decorrentes das interações lastreadas pela globalização, exige a análise das alterações e das percepções que decorrem deste processo, pois o “padrão de organização de qualquer sistema, vivo ou não, é a configuração das relações entre os componentes do sistema que determinam as características essenciais deste Sistema”.²³⁸ Os novos movimentos e dimensionamentos constroem mudanças e transformações no campo do sagrado, da religiosidade e, conseqüentemente, da Igreja.

²³⁶ A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger, conforme Marcelo Ayres Camurça. CAMURÇA, Marcelo A. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, 2003. p. 251.

²³⁷ HERVIEU-LÉGER apud CAMURÇA, 2003, p. 251.

²³⁸ CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 134.

Nossos ‘fios condutores’ estão em transformação. Estamos todos diante dos implacáveis desdobramentos da história. Também como espaço religioso experimentamos os movimentos de adaptação e reordenação.

Essa configuração de relações entre os componentes do sistema é aquilo que se pode denominar de interconexões, que por sua vez vai determinando as características do sistema. Não basta conceber como problema central o da manutenção das relações todo/partes, uno/diverso, há que ver também o caráter complexo destas relações todo/partes. As relações devem ser necessariamente mediadas pelo termo interações. Esse termo é tão importante, pois a maioria dos sistemas é constituído não de “partes” ou “constituintes”, mas de ações entre unidades complexas, constituídas de interações. Assim, tem-se que as interações que ocorrem produzem relações que constroem os mapas da religiosidade que se manifesta em nossa realidade.

O novo mapa da religiosidade vai se constituindo da configuração decorrente das mudanças de fronteiras e das concepções de vida decorrentes de uma sociedade globalizada. As comunidades tradicionais não estão isentas de experimentar as mudanças, nem tampouco de experimentar os frutos decorrentes dessas interações, pois suas experiências são compostas de vivências de pessoas reais. As informações circulam e afetam a vida das pessoas e estas são portadoras destas informações que se constituem como novidade mesmo em meio a espaços tradicionalmente conservadores.²³⁹

4.4 Interações concretas como chave de leitura no contexto da religiosidade na modernidade

Segundo Despland,²⁴⁰ são os simbolismos das ações e interações concretas no estudo das religiões uma chave de leitura mais pertinente para a análise da realidade do que a própria noção do sagrado. Isso tem levado os pesquisadores a darem uma maior atenção para o que fazem as mulheres. Em muitas religiões, elas sempre foram *experts* em rituais domésticos.²⁴¹

É na ação cotidiana que se experimenta a relação e a interação a partir da vivência da troca. A relação é a construtora da interação. Nos rituais domésticos, as relações abarcam as necessidades cotidianas, elas são os movimentos reais da necessidade da vida. Nelas, as

²³⁹ BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: PPL/CEBI/IEPG, 2002. p. 13.

²⁴⁰ DESPLAND, Michel. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 02 out. 2005.

²⁴¹ DESPLAND, 2005.

mulheres estão muito mais presentes. A ação é inerente à existência. Quem existe age. É na ação é que nos damos a conhecer.

Pois em toda a ação a intenção principal do agente, quer ele aja por necessidade natural ou vontade própria, é revelar sua própria imagem. Assim é que todo o agente, na medida em que age, sente prazer em agir; como tudo o que existe deseja a sua própria existência, e como, na ação, a existência do agente é, de certo modo, intensificada, resulta necessariamente o prazer. [...] Assim, ninguém age sem que agindo manifeste o seu eu latente.²⁴²

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano. A ação pode ser estimulada, mas nunca condicionada, pela presença de outros que nos fazem companhia. A vida sem discurso e ação está, literalmente, morta para o mundo.²⁴³ Quando falamos da palavra e da ação na OASE, somos alimentados pelos conceitos que foram construídos para a sua fala e sua ação. É um impulso que vem ao encontro das necessidades humanas. Impulso este que historicamente se pode perceber nas ações das mulheres da OASE. Ação que revela a intencionalidade das agentes cuidadoras dos contornos da vida do cotidiano e de sua história e de seus vínculos.

Quando se pressupõe a realidade, o contexto como elemento criador e renovador dos espaços, então se constrói a relação real. No espaço real, homens e mulheres falam e silenciam. Talvez as mulheres da OASE nem entendam a racionalidade, pressuposto da modernidade, no entanto, elas vão trabalhando e rompendo as barreiras, sem delas se dar conta. Barreiras que a construção racional impõe e coloca como se o progresso, a construção do mundo e a religiosidade dependesse de uma construção intelectual, racional. As mulheres vivem a mistura do cotidiano: ali se constrói a sabedoria que tem sabor e a fé que se relaciona com a vida.

4.5 A relação entre as protagonistas

A OASE encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ela vive. Nas ações do cotidiano, está revelada a expressão e a experiência de fé que buscam qualificar a formação para que a especificidade que recai sobre o ‘colo’ das mulheres possa dar maior consistência aos seus objetivos. A OASE também é um grande e importante espaço terapêutico dentro das comunidades e paróquias da IECLB. São mulheres cuidadoras e

²⁴² DANTE apud ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 188.

²⁴³ ARENDT, 2005, p. 189.

criativas construindo pontes de comunhão entre si e com o próximo. Em torno da mesa, elas vão tecendo, colorindo e ajudando a transformar este mundo que ainda é de Deus.

É uma questão de pele, de sentir e de sentido. Contra a corrente do desemprego e do desapego, as mulheres servem em redes de solidariedade as mesas que asseguram o encontro de fartura e de comunhão. Elas testemunham a viabilidade das mesas que podem auxiliar no combate às desvirtudes de uma sociedade patriarcal, excludente e individualizante.

No espaço da OASE, mesmo que subjetivamente, ensaia-se um espaço onde o serviço é de partilha e de participação coletiva. Não há como negar que este espaço é voltado para dentro, de vivências de exclusividade. Ali estão só mulheres identificadas com o cristianismo e, em sua grande maioria, com a Igreja Luterana.

É em volta da mesa que se constrói o testemunho e a comunhão das vivências cotidianas. Ali acontece o que muitos denominam de fofoca, e que neste contexto chamamos de rede de informação e de solidariedade.²⁴⁴ É em torno da mesa que se constrói a partilha do pão e a informação sobre a realidade da vida comunidade/sociedade, da qual elas fazem parte. E a fé tem sabor: sabor de cuca e do aconchego do se sentar em proximidade em torno da mesa, promovendo aconchego de calor em meio à esterilidade do pensamento moderno que abraçou a idéia da cientificidade e buscou ativamente romper com a tradição.²⁴⁵

Ali, em torno destas mesas brota uma teologia das entranhas. Etranhas da individualidade que sente o sabor dos alimentos da mesa e entranhas da vida comunitária que é refletida com o sabor do que foi posto a mesa. É a fé como destino da linguagem. É a prática religiosa expressa pela comunidade de fé. É a mística que continua a alimentar o mistério. É a descoberta através do testemunho e da ação religiosa, em torno da mesa posta que edifica.

Nas ações cotidianas da OASE, o servir à mesa é tarefa comum. Faz parte do existir da OASE o servir, especialmente o servir das mesas comunitárias. Mas ainda existe a presença da dualidade. A comunhão se faz em torno da mesa onde se sentam as iguais e o serviço se faz para fora, fazendo, portanto, falta a mesa comum. Ainda há caminho para ser construído, pois:

“Diante do único ‘hospedeiro’ e do critério comum da vida abundante, os e as

²⁴⁴ Conforme os resultados das pesquisas e das entrevistas em anexo, percebemos com força e clareza que os testemunhos falam dos laços familiares, do convívio, da solidariedade, da reciprocidade do dar e receber.

²⁴⁵ SAUER, Sérgio. Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo. **Fragments de Cultura**, Goiânia, v. 13, n. especial, p. 55-74, set. 2003, p. 58.

comensais, todos e todas criados à mesma imagem de Deus, sendo por isso, potencialmente vinculadoras e vinculadores do amor de Deus, convivem em respeito mútuo, no esforço da superação da inveja entre irmãos e irmãs, na consciência realista da tensão entre cumplicidade e traição, em espírito de alegria e festividade, de partilha, comunhão e solidariedade. A partir da mesa comum, todas as expressões religiosas e culturais, que reconhecem o Deus universal da vida, assumem a atitude missionária comum de testemunhar o projeto de Deus, de vida plena, umas às outras e também aos que dele se auto-excluem agredindo a vida e sua dignidade em nome da construção de projetos particularistas e exclusivistas”.²⁴⁶

A OASE se faz e refaz num cotidiano nem tão elaborado, nem tão científico e muito menos teológico reflexivo, mas imbricado do conteúdo da religiosidade da experimentação. Muito mais transversa do que conseguimos entender. Menos racional, mais vivencial, mais real. Costurando e tecendo conteúdo do dia-a-dia, misturando saberes e sabores de uma religiosidade cuidadora.

4.5.1 Desde o colo cuidadoso para o conforto do acolhimento

A pesquisa aponta para o acolhimento como elemento mais importante na experiência cotidiana da OASE. O apoio, a sustentação, a acolhida, o abrigo, o vínculo e o abraço são elementos centrais na vivência da comunhão entre as mulheres. É *cuidado* relativo às necessidades, aos desejos e aos sonhos. Essa experiência traz para o universo da cientificidade a sabedoria da percepção que vai sendo constituída nas misturas das comunhões em torno da mesa. Esta perspectiva, que reconhece na ação a transversalidade das diversas expressões culturais e religiosas, desafia a teologia a ressignificar conceitos e práticas.

O meio em que se desenvolve a religiosidade é interativo. A ação e a interação constroem os caminhos da experiência de fé, a fé que aterrissa na preservação do vínculo familiar e religioso da ordem das demandas de ordem empírica.

Este sabor tem lugar concreto. Ele se constrói em torno da mesa. Aliás, a mesa é o centro das ações interativas da religiosidade expressa nos grupos da OASE. Ali se vive o ritual doméstico, caseiro, conhecido e dominado pelas mulheres, agregado pelas novas idéias religiosas que atravessam fronteiras e circulam livremente, lastreadas pela globalização.²⁴⁷ A mesa é um espaço de mistura, onde o sagrado e o profano convivem em harmonia.

Em sua intuitividade, as mulheres vivem nas micro relações um mundo diferente,

²⁴⁶ GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural**: um estudo a partir das comunidades afro-brasileiras e comunhões de mesa de Jesus. 2002. 364f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002. p. 349.

²⁴⁷ BOBSIN, 2002, p. 15.

que se constrói no cotidiano. Na comunhão de mesa, a OASE proporciona uma forma de sociedade de partilha, onde o que se tem é comum e é partilhado. Uma sociedade de acolhida, que experimenta o gosto do que a outra faz. Em torno da mesa, as mulheres vivem a partilha e a sua religiosidade. Ali elas falam do cotidiano, das dores, da exclusão e das alegrias reais, e constroem a religiosidade da vivência e da sensibilidade.

Da sensibilidade, porque é ali que elas trocam informações. Informações da vida das dores que sofrem e sentem as pessoas reais desse mundo que se chama ou que é interpretado ao longo da história: como Antigüidade, Renascentista, Iluminista, Moderno, Pós-moderno. Não é a sociedade iluminista e nem a moderna que traz o que o indivíduo necessita. O que a pessoa necessita se faz muito forte em torno do que se sente, do ser, do viver e do acontecer.

Aliás, as estruturas sociais tiram a estabilidade tão necessária para a efetivação da vida com dignidade. A ciência desenvolve e cria novas formas de produção que resultam na aceleração do empobrecimento dos indivíduos. A modernidade fragmenta²⁴⁸ o mundo, tentando a tão almejada governabilidade. A solução de um problema cria outro e reproduz a ambivalência, o caos é gerado na atividade ordenadora, a ambivalência é o outro da ordem. Ou seja, o “outro” é a própria ambivalência, o refugio da modernidade, o caos desordeiro, o anverso do verso. A ambição consumista é “outro” do Estado planejador e responsável pela sua fatal calamidade. O Estado protetor é o responsável pelo infortúnio dos seus súditos e suas políticas são transformadas na causa óbvia do sofrimento

A Igreja precisa perceber, deixando de se fazer palco, e construir a comunhão nos pequenos grupos, essa é a forma de que a própria Igreja Cristã nasceu. No pequeno grupo, onde as pessoas podem se apoiar e assim possibilitar a construção da pessoa, do indivíduo a partir de dentro. O nascimento do ser a partir do desafio dele mesmo traz para fora o que ele possui e pode ser “melhorado”, deixando de lado a essa proposta de um coletivo que se constrói a partir do milagre de fora e deixa o que é de dentro sem desenvolvimento.

De acordo com Michael Foucault, a modernidade deve ser entendida como uma atitude em vez de um período. Essa atitude significa um modo de relacionamento com a realidade, ou seja. “[...] uma escolha voluntária feita por certas pessoas; no final, uma forma de pensar e sentir; uma forma também de agir e comportar-se que ao mesmo tempo, marca

²⁴⁸ BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 20.

uma relação de pertença e se apresenta como uma tarefa”.²⁴⁹ A pessoa moderna é aquela que constantemente inventa a si própria.

A OASE no meio religioso da IECLB é a que costura um equilíbrio em torno das mesas, entre a tradição e a novidade, mantendo o princípio institucional e experimentando as novidades sem romper os vínculos. Elas vivem uma simbiose organizacional, construindo a guarda da memória institucional e o desafio de assumir as novidades, saborear as novas receitas, marcando a relação de pertença a cada nova tarefa e a cada novo desafio que a sociedade, em sua dinamicidade, apresenta. São os imperativos de mudança que se assumem, dentro de uma estrutura que mantém sua forma.

Na questão da fragmentação da identidade do sujeito, premissa fortemente presente em nossa realidade moderna, a OASE assegura à IECLB uma forma identitária, confirmando a tese de que elas são as guardadoras da memória e da história da Igreja. Pois elas mantêm um lugar de identificação que tem seu específico, sua forma de ser, que burla ou vive a modernidade, não se desligando daquilo que as reúne. Elas construíram uma identidade eclesial forte, mantida nos encontros, nas reuniões e na sua proposta de formação, que não as desvincula do seu cotidiano, do seu ser e fazer. Quando fazem seus trabalhos manuais, elas ligam seus fios com os espaços vivências da casa e da família.

Os fios que elas tecem na OASE são os que estão nas suas mãos no trabalho cotidiano quando secam a louça, preparam a comida ou agasalham filhos ou companheiros de seu núcleo individual. O pão e a cuca que partilham traz a farinha que a família comprou para sua sustentação. Sua economia doméstica está no espaço coletivo, isto é, na forma tradicional do *habitus* das representações sociais da mulher que aqui se afirma e se estabelece. É a tribo que se estende e assegura o processo da vida, do ser comunidade, do ser Igreja, onde o processo do coletivo é construído pelo individual e o coletivo dá retorno para o individual.

Na OASE, as mulheres construíram um espaço alternativo de cuidado e de encontro, onde conseguem de forma simples ou complexa encontrar um espaço de articulação, nem sempre reconhecido ou então entendido de forma desprezada. É interessante que as mulheres não buscam processo de poder e liderança na IECLB: continuam no processo de produção e de construção de constituição e especialmente de manutenção das comunidades.

É a OASE que sofre as conseqüências da modernização, mas mantém gancho das

²⁴⁹ FOUCAULT apud SAUER, 2003, p. 82.

vivências das relações, não deixando se afetar pela relativização das relações que a influência do global acaba construindo. Mas mantém naquele tranco cotidiano as questões que fazem parte do legado da tradição à qual elas pertencem como grupo religioso.

Em seu propósito de comunhão, a OASE acaba sendo um espaço de interação e de oposição e alternativa ao modelo de globalização individual – individualizante. Assim, diante de processos de individualização, de empobrecimento e de fragmentação que a sociedade moderna produz, as práticas resultantes da comunhão entre as agentes da OASE são sinais do cuidado da vida. São testemunhas da religiosidade que está comprometida com as relações e em suas interações práticas simples e cotidianas. Interações e ações que se movem pelo anseio de acolher, de dar ouvidos, de amparar, de encontrar e de reencontrar, enfim, de experienciar o amor. “A maior fissura do universo ao amor não resistiria. A mais dolorosa ferida da terra. Deus haverá de curar, um dia”.²⁵⁰

4.6 Uma analogia do serviço

Essas mulheres da história são referências do fundamento e do fermento das comunidades. Elas são uma presença que vai mais além das tarefas domésticas, nas múltiplas formas de lutas pela conservação da memória da fé e das lutas da vida cotidiana, elas são as protagonistas do cuidado da vida, transcendendo a excepcionalidade de experiências particulares, e destacando os gestos do viver cotidiano marcando os esforço de perfilar a vida através dos simples trejeitos que a cultura lhes relegou. “[...] Elas tecem suas teologias no avesso do ritual, na mesa das flores, toalhas, comidas que alimentam a divindade e a comunidade [...]”.²⁵¹ É no ritual desmistificado no simples servir que se faz fartura a entrega das mãos para mudar o cenário do desejo, do sonho da realidade que habita a memória de suas histórias. É o serviço refletido no fazer cotidiano de mulheres que articulam o seu espaço em micro-espacos eclesiais, trazidos como elemento de análise comparativo com o servir proposto por Jesus.

A hipótese de interpretação parte da premissa de que é necessário estabelecer uma ligação entre o anúncio evangélico e o fazer real, ou seja, uma reflexão sobre a proposta pedagógica assinalada na experiência a caminho (Mc 10.35-45) e a efetiva prática

²⁵⁰ KESHAVJEE, Shafique. **O rei, o sábio e o bufão**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. p. 170.

²⁵¹ PERREIRA, Nancy Cardoso. Malditas, gozosas e devotas: mulher e religião. **Mandrágora**, São Paulo, v. 3, n. 3, 1996, p. 13.

consecutada no cotidiano das protagonistas da OASE. Trata-se, pois, de analisar os métodos de ação, de contrapor o jeito de Jesus e o jeito da OASE, o que significa analisar o serviço diaconal exercido pela OASE – nossa chave referencial – mediante a interpretação de dois métodos: o real da própria OASE e o teórico propositivo expresso na proposta de Jesus e na interpretação do horizonte religioso-confessional.

Na pedagogia de ação de Jesus (na proposta de trabalho do Evangelho cristão) está colocado como primazia a condição da humildade, a renúncia total ao lugar de destaque de uns em relação aos outros, a inexistência de hierarquia, o ensino feito sutilmente ao longo do caminho no sentido de proporcionar a aprendizagem pela experiência. Em Jesus, a aprendizagem se dá no processo, a partir do cotidiano, do experimentar permitido a cada sujeito caminhante. Neste processo, denota-se a secundaridade (não primazia) da palavra como discurso. Não é a palavra que é relevante. É a ação que se estabelece no caminho que revela o real. E neste caminho os lugares silenciosos tomam centralidade como importantes estações (posturas). Se analisarmos os ensinamentos de Jesus extraídos da experiência efetuada com os discípulos a caminho de Jerusalém, perceberemos, mais uma vez, uma postura metodológica: Jesus caminha com algumas premissas. Jesus tem roteiro.

Juntas, estas premissas podem ser buscadas a partir da leitura do texto de Mc 10.35-45, com as seguintes ênfases: **Jesus mantém proximidade com os discípulos.** Eles caminham juntos. As mulheres da OASE também caminham juntas e constroem parcerias de solidariedade entre elas. Parcerias, que no protagonismo silencioso, revelam funções e tensões. Nesse silêncio institucional, as falas cotidianas falam para si e falam para a comunidade.

É uma alegria participar da OASE. Sinto falta da OASE quando entramos de férias. Fico feliz quando nosso grupo o nosso grupo participa das atividades. Sinto-me feliz por ter realizado tudo o que temos. Foi um trabalho em conjunto com amigas e amigos. Mas acho que em termos de dar as mãos no grupo isso já está acontecendo. Que as pessoas procurem se ajudar. Nem que seja só de uma forma mais amistosa, de dar um apoio moral mesmo que não financeiro, de compartilhar os problemas e alegrias. De compartilhar mais os problemas na OASE isso já acontece.²⁵²

Jesus é aberto a perguntas, cujo valor ele questiona. Será que as mulheres da OASE têm abertura para ouvir aquilo que elas não concordam? Talvez a fala de algumas integrantes denuncie que nem sempre a OASE está disposta a abrir para outros horizontes que

²⁵² ANEXO 32.

não são os seus. Que valores a OASE resguarda ou protege?

Na nossa OASE as pessoas se reúnem e o servir é talvez voltado mais para dentro e não para fora, pra dentro da própria igreja. Considerando a OASE como sendo um braço da igreja na comunidade. Que procura ajudar na construção da igreja, no trabalho de ajudar para colocar as coisas materiais. O mais forte talvez esteja no equipar o salão, a igreja para se poder fazer um trabalho lá dentro.²⁵³

Elementos presentes na construção do perfil das protagonistas nos conduzem à confirmação da característica do grupo que se volta para dentro das atividades comunitárias.

Na ação de Jesus, ele ouve as petições dos discípulos, mesmo que elas estejam contra sua forma de pensar e agir. Na questão do ouvir, surgem enormes dificuldades, na experiência do cotidiano. O grupo é mais falante do que ouvinte. Mas na prática da visitação a pessoas doentes ou em dificuldades, este exercício tem se realizado de maneira eficiente. Na vida real, eis o confronto e conflito dado pelo desafio pedagógico do ouvir. “A visita é para ouvir as pessoas, **é possibilidade de desabafar**. Com uma pessoa de fora da família sempre é bom ter com quem falar. A pessoas estranhas dá maior oportunidade de desabafo”.²⁵⁴

Jesus questiona o desejo dos discípulos, confrontado-os com a sua missão. A missão de Jesus inclui renúncia e comprometimento com a cruz. Os discípulos estão desejosos de estar ao lado do Jesus glorioso, mas eles não conseguem acompanhar o Cristo na sua *via crucis*. Talvez a OASE também se identifique mais com os discípulos, do que com o próprio Cristo.

Sempre me emociono muito nas visitas que fizemos à APAE. Ver a realidade dessas pessoas tão necessitadas de carinho e outras tantas coisas. Às vezes nem gosto de ir lá, pois me emociono muito. O dever da OASE, junto com as demais companheiras é mais forte, por isso eu vou. Pois indo, estamos proporcionando algo de bom e útil para a vida do nosso próximo. Muitas vezes a gente deixa de fazer algo mais, porque a saúde já não é mais sempre assim.²⁵⁵

Jesus não aponta para si, aponta para Deus. Eis uma tarefa muito importante do discipulado cristão. Apontar para o objetivo maior do nosso servir. Jesus é servo para a glorificação de Deus. Esta é uma trajetória árdua para se cumprir. As atividades de meu serviço não podem apontar para mim. É provável que esta seja uma das tarefas mais difíceis de ser entendida e assimilada na OASE. Especialmente porque o servir na OASE tem também

²⁵³ ANEXO 02.

²⁵⁴ ANEXO 29.

²⁵⁵ ANEXO 34: Entrevista com Erna Matzembacher Gerhardt.

a conotação de busca do espaço do reconhecimento daquelas que não são tão reconhecidas socialmente.

Sou fundadora da OASE de Curitiba e sempre trabalhei muito. Fico feliz de ver a Igreja bonita que nós conseguimos construir com o trabalho das nossas mãos. Eu e a [...] somos as únicas fundadoras que ainda vivem. Não tem mais nenhum homem vivo. Nós ainda estamos trabalhando. Até quando não sei. No início não tinha OASE formada aqui, mas desde que cheguei em Curitiba, trabalhamos para a comunidade. A OASE já existia em Piratuba, de lá que a gente trouxe a experiência desse trabalho. Quando a OASE foi fundada aqui em Curitiba, participaram muitas mulheres católicas. Elas ajudaram muito com seus trabalhos manuais. Esses trabalhos foram importantes para a arrecadação do dinheiro para a construção da nossa comunidade. Tudo o que existe na cozinha da comunidade foi a OASE que fez. Não vi a comunidade fazer nada para manter a igreja. Acho que é porque a comunidade sempre tinha outros compromissos para pagar.²⁵⁶

Jesus acalma o conflito e reúne seus discípulos para reorientá-los. O conflito que se estabeleceu entre os discípulos denuncia que existia entre eles uma relação de inveja. O pedido dos dois irmãos no texto deixa os demais discípulos indignados. Na verdade, eles também desejam um lugar privilegiado, o que também os torna ambiciosos de poder.

Sempre fui a cabeça de fazer os bolos na igreja. Eu era a cabeça desse trabalho. Minha função era comandar. Eu mesma cuidava dos fornos a lenha, porque ninguém sabia lidar com esses fornos direito. Sempre tive ajudante, mas ninguém sabia fazer em grandes quantidades. Essa sempre foi a minha tarefa: comandar para dar certo.²⁵⁷

A relação de poder se faz em tramas. O texto denuncia que o poder não é só um problema de um ou de outro indivíduo, mas ele está presente em toda a comunidade²⁵⁸. Também na OASE estas tramas se manifestam na ambição e na sutileza de uma querer ter mais espaço e influência do que a outra. É ainda mais problemático, quando a OASE reivindica para si a posição de superioridade no corpo comunitário. Vejamos em palavras:

Sempre digo que a OASE é elo entre a comunidade e a igreja, porque a gente poderia fazer um trabalho maior ainda se todas se comprometessem. Dentro da nossa Igreja tem tantos problemas e conflitos, que acho que a OASE poderia se dispor mais ainda para resolver esses problemas.²⁵⁹

Jesus analisa o contexto socioeconômico-cultural e religioso. O referencial para a ação diaconal de Jesus é analisar a conjuntura e perceber que esta forma de sociedade não

²⁵⁶ ANEXO 27.

²⁵⁷ ANEXO 01.

²⁵⁸ GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001. p. 68.

²⁵⁹ ANEXO 29.

condiz com a proposta do discipulado. Nesta questão, há que se dizer que existe um grande desafio para a OASE. No decorrer da história, a OASE sempre teve envolvimento para sanar as necessidades das pessoas. A reação das mulheres diante da fome, da doença, da falta de escola e da falta de espaço de identificação religiosa sempre foi grande. Mas o que se percebe é muito mais uma reação de sobrevivência do que a busca da transformação a realidade que produz as exclusões.

A OASE não é só um trabalho para dentro das quatro paredes. O trabalho de diaconia também é parte fundamental deste trabalho. Eu às vezes acho que a gente poderia fazer isso e até talvez melhor do que se faz, mas também um trabalho que buscasse as pessoas. Até não aquelas que estão muito longe, mas aquelas que estão em torno da comunidade, talvez os bairros mais próximos. Que fosse um trabalho cristão. Que não fosse objetivo chamar só para a religião, mas para chamar e prestar algum serviço. Isso não é muito fácil, pois as pessoas não estão acostumadas a fazer um trabalho mais social, um trabalho de resgate das pessoas da cidadania pessoas que tem menos condições financeiras em nossa cidade. As pessoas estão mais acostumadas a fazer caridade.²⁶⁰

Jesus exorta e desafia para a tarefa de sua missão: servir, dando testemunho de que Ele veio para servir. Na questão do servir, está a chave das atividades da OASE. Mas é importante também lembrar da exortação de que a diaconia para a qual Jesus nos desafia deve ser desinteressada e aberta a horizontes maiores que os que estão no cotidiano. O discipulado chama para que deixemos aquilo que sabemos fazer bem, para aprender a fazer outras e novas tarefas. A vocação dos discípulos é um testemunho vivo deste desafio. Jesus os chama de seus trabalhos cotidianos para serem seus seguidores. O discipulado, portanto, pressupõe que se deixe de fazer aquilo que é o natural, o convencional da experiência cotidiana, na busca a realização de algo inovador. Este é um caminho novo para a OASE. É o caminho escolhido por Maria e duramente criticado por Marta (Lc 10.38-42).²⁶¹

As confrontações (contraposições) acima são os passos de nosso referente de interpretação. São as balizas metodológicas, ou, o ponto de vista a partir do qual Jesus age em meio ao povo. Cabe assim também estabelecer uma “vista do ponto”, sobre a ação das mulheres da OASE no seu espaço de ação junto à comunidade. Assim, propôs-se, também no plano da interpretação da ação cotidiana das mulheres, remeter à analogia para as linguagens e

²⁶⁰ ANEXO 02.

²⁶¹ Trata-se aqui de lançar o desafio da superação do cotidiano. Tarefa nada simples, mas que tem força transformadora das relações pessoais e comunitárias. Quiçá deixar-se desafiar pelo testemunho da ressurreição dado por Maria Madalena e a outra Maria. Ela que foi realizar a tarefa cotidiana de embalsamar o corpo de Jesus e deixou-se desafiar pelo desafio da nova mensagem que precisava ser divulgada (conforme Mt 281-10).

conteúdos expressos por intermédio de entrevistas realizadas junto a um grupo de mulheres da OASE ROSA.²⁶² A linguagem destas mulheres é a expressão de suas ações, verificadas a partir dos referenciais constitutivos, organizacionais e expressões de suas palavras ditas ou não ditas.

Na tese, está implícito que a linguagem expressa forma e revela a ação. A OASE é o espaço que em que é possível perceber o movimento da fé, visto por intermédio da práxis. Como diz Gramsci: “la teoría que não puede traducirse en hechos no es mas que abstracción inútil. Y que las acciones que no son seguidas de hechos no son más que impulsos estériles”.²⁶³ Mais do que se ocupar com a ação, é preciso desvelar (retirar o véu) do que está por detrás das palavras. Neste ponto, consta central a contraposição da prática diaconal de Jesus e a ação diaconal das mulheres. Em se comparando os passos da ação de Jesus com as falas das mulheres da OASE, percebemos as afinidades e distanciamentos das ações cotidianas deste grupo. São pontos de comparação e análise.

No âmbito das ações do cotidiano, ouvimos mulheres que participam do grupo de OASE Rosa.²⁶⁴ É um grupo de anciãs: a média de idade destas mulheres ultrapassa o patamar dos cinquenta e nove anos.²⁶⁵ É, porém, impressionante perceber a dinamicidade deste grupo, especialmente considerando a idade, que não propõe óbice para que estas mulheres resistam as dores, limites e dificuldades para prestarem seus serviços à coletividade à qual pertencem. Não se curvam a seus limites. Nada as impede da ação. A expressão que mais apareceu na resposta ao questionário²⁶⁶ foi: alegria, felicidade e realização.

Neste ponto, cabe colocar no contexto a questão do *locus* das mulheres da OASE em âmbito da IECLB, especialmente em face de sua histórica retratação como espaço conservador e pouco dado a ‘avanços’ do ponto de vista da ação social. Em algum ponto e de algum contexto, surge que a ação contida na OASE é conservadora, isto significa: mantenedora de uma determinada ordem das coisas. Neste ponto, deseja-se analisar a questão a partir da necessidade de re-colocar a própria OASE como sujeito de um processo que

²⁶² OASE ROSA, da cidade de Curitiba, SC, ligada à Paróquia do Planalto Central Catarinense.

²⁶³ LEBEDINSKY, 1987, p. 50.

²⁶⁴ Rosa Luersen foi uma das fundadoras. Em homenagem a sua dedicação e trabalho o grupo decidiu usar seu nome, que também é nome de flor, para o grupo.

²⁶⁵ Tabela 10, página 65 deste trabalho.

²⁶⁶ A questão apresentada para as mulheres da OASE de Curitiba: Na OASE a senhora tem servido durante anos. Através da OASE a senhora serve a Deus e ao próximo. Queremos ouvir da senhora, qual é o sentimento que brota em seu coração quando a senhora vê o resultado do serviço que pode prestar através de suas mãos, através de seus dons?

contém, internamente, a valia de uma ação, portanto, de um papel conquistado mediante muito esforço, muita paciência histórica e muita sabedoria.

A OASE é vista aqui como um espaço de poder surgido mediante e diante de um processo de rejeição social. As mulheres protagonistas da OASE são marginalizadas economicamente, são secundarizadas socialmente, são relegadas religiosamente. Com serenidade e tranqüilidade, uma integrante da OASE diz: “Eu fazia orações de agradecimento em silêncio, só para mim. Na Igreja quem fazia as orações era o pastor, quando ele vinha. Também meu marido realizava celebrações e orações na Igreja”.²⁶⁷ E, mesmo assim, a partir de papéis secundários na sociedade e na Igreja, estas mulheres constituem um espaço de articulação de poder, a partir da sua condição e determinação.

Estas mulheres advêm de uma condição de ‘não poder’ que se constitui em poder. De alguma forma, o rebaixamento socioeconômico-cultural-religioso não é aceito e, portanto, combatido com ação silenciosa, com articulação pacientemente, com serviço. Neste sentido, poder-se-ia afirmar que a ousadia expressa nesta ação é o fato de que a OASE se dirige metodologicamente ao meio que a relega com uma contraposição ousada, expressa no serviço que presta para dentro dos espaços que se lhe delegam um papel funcional e social de menor valia.

A razão de ser, a alegria e a realização (a satisfação) são manifestadas de forma diversa e plurais na linguagem das mulheres. Para algumas, só o fato de participar da OASE é motivo de alegria; outras já entendem que a alegria de servir através da OASE lhes abre a porta da realização pessoal e responde à necessidade do engajamento cristão como resposta ao desafio ministerial feito por Jesus. Mas, o mais elementar deve ser frisado: a alegria das mulheres se faz realidade (concretude) na ação. É através das mãos que as mulheres realizam coisas bonitas e qualificadas. Isto representa, em primeiro lugar, realização pessoal, arte de sentidos a serem apresentados ao seu meio social (necessidade de visibilidade). Portanto, importa no conjunto perceber que ‘trabalhar na comunidade’ é tornar público aquilo que se sabe fazer bem. Neste ponto, cabe a reflexão sobre a centralidade da palavra práxis: aqui se estabelece um estamento do cotidiano das mulheres, da OASE:

A terminologia marxista designa o conjunto de relações de produção e trabalho, que constituem a estrutura social, e a ação transformadora [...] Marx dizia que é preciso explicar a formação das idéias a partir da ‘práxis material’ e que, por conseguinte,

²⁶⁷ ANEXO 01.

formas e produtos da consciência só podem ser eliminados por meio das revelações sociais existentes e não por meio da crítica intelectual. [...] Por inversão da Práxis, Engels entende a reação do homem às condições materiais da existência, sua capacidade de inserir-se nas relações de produção e trabalho e de transformá-las ativamente [...].²⁶⁸

A ação da OASE, além de sabor e saber, também é ação portadora de potencialidades valiosas e determinantes da ação social, na paralisia da mesma e também no controle de poder que existe. A experiência revelada na ação designa o que se percebe, sente, pensa nas relações com o mundo que a cerca e consigo mesma. Este sentido é, frequentemente, precisado como experiência vivida e revela a reação e a adaptação ao meio em que se age ou reage. O meio de ação e reação das mulheres passa pela cozinha, passa pelas mãos.´

A realidade manifesta nas palavras das mulheres da OASE revela a forma hodierna e humana da simplicidade e da sabedoria, mostrando a complexidade das ações. O serviço que caracteriza a vida das mulheres na comunidade expressa a vida e suas articulações. A facilidade que as mulheres têm em realizar atividades manuais é potencializada na ação diaconal, mas isso ainda não significa que o verdadeiro ministério diaconal de Jesus está sendo desenvolvido. No entanto, é no cotidiano real que as ações têm poder de fazer diferencial na vida de pessoas e comunidades. Certamente, nunca alcançaremos o estado da pureza nas ações diaconais. Ainda assim, a alegria se constrói com as mulheres da OASE, especialmente por saber que na ação o ministério de Deus se revela e que a perfeição das ações são conseguidas não pelo que a OASE pode realizar, mas pela liberdade que Cristo concedeu para a ação de discípulas e discípulos.

Como muito bem expressou o sábio romancista Guimarães Rosa, viagens e travessias implicam em planos, desvios, percalços, retomadas, processos de elaboração e de execução com resultados ou “pontos de chegada” frequentemente distintos dos previamente estabelecidos. [...] Não há segundo ele uma “verdade absoluta”, mas apenas uma caminhada metodológica que busca conhecer, pois conforme o poeta, “o real” se dispõe para a gente é no meio da travessia.²⁶⁹

Em síntese, a ação da OASE poderia ser analisada como uma grande rede de interligações. Esta rede de fusões e interdependências contém, em si, muitos desdobramentos ou tramas. Nos hábitos do campo, a ‘trama’ é um procedimento utilizado à construção de cercas: a trama é uma travessa de madeira ou fios transversais que entrecruzam os fios de cerca com o objetivo de uni-los, sedimentando assim a resistência da cerca. É neste sentido

²⁶⁸ ABBAGNANO, 2000, p. 78.

²⁶⁹ SAUER, 2002, p. 284.

também que a palavra ‘trama’ empresta função quando usado pelos artesãos na arte de tear. Na produção de tecidos, a ‘trama’ é formada pelos fios passados transversalmente pelo tear, dando ‘liga’ (adição) ao conjunto. Nas tramas e teias, os fios se enrolam e desenrolam. Nas ações da cozinha e nos trabalhos manuais, as mulheres desenrolam e enrolam as suas vidas numa dinamicidade encantadora. Este encanto só será possível de ser visto se houver disposição de olhar e capacidade de valorizar aquilo que faz parte da centralidade da diaconia de Jesus: o servir. Servir em silêncio é muito mais do que um emudecido proceder. Pois:

Há silêncios, porém, e silêncios: silêncio de cemitério e silêncio de amor, agressão da mordaza e emoção diante do mistério, mutismo e cumplicidade, paciência e germinação. Tempo de falar e tempo de calar. O tempo – de silêncio – que Maria viveu depois da visita do anjo foi tempo fecundo de meditação e compromisso, tempo de plenitude. A visita a Isabel, expressão de solidariedade e serviço, deu contexto apropriado a sua explosão de gratidão e louvor, porque o silêncio é plenitude quando é presença ativa a cada um dos demais e a Deus; a palavra que o prepara serve outras vezes para fazê-lo desabrochar em comunicação jubilosa.

A liturgia do Natal nos recorda que quando um profundo silêncio reinava em toda a terra, a palavra eterna de Deus se fez ouvir, como um anúncio de salvação. Graças à palavra feita carne, o Deus que chega se faz proximidade e nos surpreende. Aproximar-nos da vida, do Deus que nos dá sua graça, ser ouvinte de sua palavra e deixar que dê frutos em nossa vida, implica também fazer calar os ruídos alienantes, construir espaços de encontro com o nosso ser sem dispersões mutiladoras, espaços de liberdade onde silêncio e palavra mantenham essa tensão que gera maturidade e produz comunhão.²⁷⁰

²⁷⁰ PRADO, Consuelo. Eu sinto Deus de Outro modo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, 1986, p. 25.

CONCLUSÃO

Embora haja intensa investigação científica promovida em âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e seus institutos, há que se acentuar uma demanda carente: a investigação das práticas comunitárias, a análise dos processos religiosos tendo por primazia a práxis das comunidades. Estes elementos ainda padecem de investimento. Nada mais evidente, justificável e necessário do que o fato de a instituição eclesial se munir de instrumentais analíticos acerca de um dos seus mais vigorosos e influentes grupos de atuação.

Por intermédio desta proposta de pesquisa, damos um significativo passo no entendimento das mulheres da OASE. Esse fato poderá auxiliar substancialmente a Igreja na compreensão de suas dinâmicas comunitárias e, por conseguinte, de suas faces religiosas - seja no sentido de manutenção das características históricas, seja no sentido de adequação às modernas dinâmicas sociais. Além disso, estabelecemos mais um ponto de reflexão que parte e pressupõe as ações cotidianas como instrumental de construção comunitária.

A OASE possui um potencial enorme, que confere identidade aos seus membros, auxilia na construção do ser sujeito e do ser comunidade, do ser Igreja. A pesquisa é uma contribuição para que este trabalho se torne ainda mais visível e seja analisado como lugar potencial a ser percorrido quando se busca referenciais do ser Igreja. A análise mais sistemática de sua prática silenciosa é parte do entendimento do movimento constitutivo do grupo, mas, como o silêncio não fala, não é possível traduzi-lo em palavras. Desse modo, no trabalho, são os próprios mecanismos de funcionamento dos diferentes processos de significação que mostram o silêncio que os constitui que procuramos explicar. Vale dizer que o silêncio a que nos referimos não é visto apenas na sua “negatividade”. O silêncio *é*. No silêncio, o sentido *é*. Há história no silêncio porque há sentido no silêncio. Estamos diante da perspectiva de um silêncio fundador. Este possui significado em si. E é ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que “não dizer” faz sentido e revela

um sentido determinado. É o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política.

Cada organização busca meios de passar adiante os elementos importantes para a sua vida social. Isso acontece através das suas manifestações. Entre muitos elementos presentes na OASE, a categoria do silêncio que empregamos como fio de costura dos movimentos deste grupo centenário é linguagem alternativa. Esse silêncio trabalha os limites das formações discursivas, determinando, conseqüentemente, as margens do dizer. O silêncio anuncia e denuncia posturas de posicionamento e ordenamentos sociais e eclesiológicos. Falamos do lugar que as mulheres ocupam nos espaços em que elas circulam. De acordo com os fragmentos históricos, a ocupação dos espaços e as experiências comunitárias, é possível construir um perfil de identidade destas mulheres. São entes de profundo conhecimento e arraigamento no cotidiano doméstico. Lugar onde desenvolvem suas atividades de vida, transmitindo valores recebidos de sua grei sanguínea e/ou relacional.

Esse universo de relações faz dessas mulheres testemunhos de uma identidade religiosa em suas ações ditas silenciosas. É o silêncio da religiosidade institucionalizada. Não é um silêncio da compreensão de fé e religiosidade. O silêncio anunciado tem o conteúdo da fé cotidiana e da sabedoria da construção das relações de vínculo e continuidade. Ele também denuncia a dicotomia religiosa que se faz presente nos espaço da comunidade institucionalizada. As mulheres circulam e testemunham seus conhecimentos nas famílias, nos bairros e no grupo, através do testemunho das mãos e da comunhão experimentada pela partilha e solidariedade. Elas vivem a religiosidade que preserva a identidade sem os fechamentos rígidos da identidade confessional. Elas circulam entre as fronteiras e acolhem pessoas de outras confessionalidades, convivendo tranquilamente com as diferenças.

A cidadania destas mulheres passa pelo construto do cuidado. Este cuidado confronta os resultados das demandas organizacionais de uma sociedade que se organiza em torno da razão e da construção do capital em detrimento do cuidado para com o ser humano. As pessoas são reais e sofrem as conseqüências das políticas de governabilidade que vão se estabelecendo. Os fenômenos de deslocamento e migração, contexto do início do trabalho das mulheres da OASE no Brasil, são decorrentes dos reordenamentos produzidos pelos avanços científicos, frutos da modernidade. A ciência desenvolve e cria novas formas de produção e produz que resultam na aceleração do empobrecimento dos indivíduos. A modernidade fragmenta o mundo tentando a tão almejada governabilidade. A solução de um problema cria outro e reproduz a ambivalência, o caos é gerado na atividade ordenadora, a ambivalência é o

outro da ordem. Ou seja, o “outro” é a própria ambivalência, o refugio da modernidade, o caos desordeiro, o anverso do verso. A ambição consumista é “outro” do Estado planejador e responsável pela sua fatal calamidade. O Estado protetor é o responsável pelo infortúnio dos seus súditos e suas políticas são transformadas na causa óbvia do sofrimento. Aos indivíduos empobrecidos não resta alternativa a não ser o deslocamento geográfico na busca de ocupação e renda. Assim chegam muitos imigrantes europeus ao Brasil, onde encontram um espaço desprovido de organização e estrutura: não há comunidade, igrejas, escolas, hospitais.

Neste contexto desestruturado, as mulheres se organizam em prol de construir uma condição mínima de atendimento as situações de risco em que a essência da vida humana está colocada. Elas, com suas redes de solidariedade e sua intuição de sobrevivência identitária, organizam-se para combater os desafetos destes deslocamentos. A fragmentação social produzida pelo mercado da modernidade fragiliza as pessoas. As mulheres da OASE, numa ação reativa de sobrevivência e de entendimento religioso, cuidam dos feridos deste caminho. Suas lutas não são de transformação dessa ordem, mas de reação para possibilitar o cuidado dos que ficam no caminho.

No decorrer dos anos, as comunidades se organizam, a sociedade se estrutura e as mulheres se fortalecem em sua organização. Os vínculos gregários da identidade étnica, cultural e religiosa conservam a unidade e promovem a organização. Esta organização e a pertença à comunidade representam elemento fundamental que permite representar estes espaços como um lugar identitário, relacional e histórico. A unidade de princípios, as práticas comuns e a educação e os valores do cristianismo comunitário representam a coesão social destes grupos que se formaram nas necessidades dos primórdios da colonização. É a transcendência da necessidade da sobrevivência. O grupo da OASE se transforma em “lugar-existência” capaz de promover sentimentos de pertencimento e de familiaridade.

De acordo com os relatos e falas das mulheres entrevistadas, a participação no grupo da OASE representa um bálsamo. A comunhão que se estabelece, não sem conflitos, é demonstração do cuidado tão necessário para a sustentação da vida. Neste grupo, é possível vivenciar o toque, o tato, ou seja, a relação com a realidade concreta. É a mão que toca, que afaga, faz e refaz o conteúdo dos quesitos fundamentais da sobrevivência humana, que, segundo Boff, é o cuidado, o resgate da essência humana. Este, por ser essencial “irrompe sempre em algumas brechas da vida”. No caso da ação das mulheres da OASE, estabelece-se na junção e injunção dos retalhos.

Há muitos retalhos nesta experiência centenária que ainda continuam silenciados e

em silêncio. É preciso ouvir mais o que os ecos deste cotidiano histórico têm a dizer. Os retalhos reunidos até aqui sinalizam que há mais subterrâneo nas ações e testemunhos deste grupo. Estamos diante de uma Ordem que em sua organização transmite sua memória religiosa, que apenas mencionamos, é necessário investir mais, pesquisando o que contém esse subterrâneo como anúncio e denúncia das posturas religiosas de nossa eclesiologia. Há que decompor a proposição de ser Auxiliadora diante da abrangência que esta ênfase carrega nas suas mais de 39 mil integrantes que, em sua aparente invisibilidade, articulam-se numa ordem prática, abrangente e alimentadora. É o alimento do cotidiano produzido pelas mãos, é o alimento afetivo produzido pelo empenho cuidadoso em transformar a solidão em solidariedade, a doença em espaço de presença, a limitação em abrangência, a negação em poder. Poder que as Senhoras exercem em suas múltiplas formas de conduzir os processos. Essa senhoras, cuja política do silêncio também as fortalece em sua participação sorrateira nos eventos eclesiais, ali onde sua presença estrutural não precisa ser manifestada em palavras para que a direção, o objetivo seja alcançado. E ainda e não por último, mas como referência de objetivos, há que se embrenhar na busca do entendimento desse proceder evangélico. É transparente que há muito mais Evangelho na ação do que visivelmente é mostrado.

Ao concluir este trabalho, fica uma sensação de expectativa, inquietude e entusiasmo. São muitos retalhos de multiformes texturas. Há muito o que recortar e costurar e, acima de tudo, refletir sobre a tessitura da não palavra e da textura destes fragmentos panos, cuja origem está nos tecidos que foram recortados na modelagem de outras peças. É a proposição de projetos de conhecimento que pressupõe a formação que se constrói em simultaneidade com as reflexões da ciência e as histórias de vida. As ações do mundo da vida estão em todos os lugares, admirá-los e tomá-los como objetos de produção de conhecimento.

Os espaços estão abertos para ampliarmos nosso olhar para as criações, existentes num mundo produzido e pouco investigado: o cotidiano

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Martin Claret, 1998.
- ALVES, Rubem. **Concerto para corpo e alma**. 3. ed. Campinas: Papirus/Speculum, 1999.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BAESKE, Sibyla (Org.). **Retalhos no tempo: 100 anos da OASE**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- BAUMANN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUTISTA, Esperanza. **La mujer en la iglesia primitiva**. Estela: Verbo Divino, 1993.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo: PPL/CEBI/IEPG, 2002.
- _____. O subterrâneo religioso da vida eclesial: intuições a partir das ciências da religião. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 37, n. 3, p. 261-80, 1997.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BRAKEMEIER, Gottfried (Ed.). **Presença Luterana 1990**. São Leopoldo: Sinodal 1989.
- BRAKEMEIER, Ruthild. Há que se mudar. Mas sem perder a essência. **Revista da OASE – IECLB**. São Leopoldo, mai. 2002.
- BRASIL. Presidência da República Federativa do Brasil. **Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002**. Brasília: Diário Oficial da União, 11 jan. 2002. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/11/2002/10406.htm>>. Último acesso em: 24 fev. 2009.

- BRAUN, Gudrun. **OASE em foco**. Blumenau: Otto Kuhr, ano 1, n. 1, dez. 1998.
- _____. **OASE**. Rio de Janeiro, mai. 2003. Entrevista concedida a Sisi Blind.
- BUTZKE, Ires. **Roteiro da OASE: damos graças ao Senhor**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- _____. **Roteiro da OASE: livres para servir**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
- _____. **Símbolos e ações conjuntas**. In: BAESKE, Sibyla (Org.). **Retalhos no tempo: 100 anos da OASE**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. BAESKE, 1999.
- CABEZAS, Omar. **La montaña es algo más que una inmensa estepa verde**. 4 ed. Nicarágua: Nueva Nicarágua, 1987.
- CAMURÇA, Marcelo A. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CERVO, Amado; BERVIAN, Pedro. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
- CONSELHO NACIONAL DA OASE (Ed.). **OASE: festa dos 100 anos: 1899 a 1999**. Blumenau: Otto Kuhr, 1999.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DESPLAND, Michel. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, 02 out. 2005.
- DREHER, Martin N. A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. In: BRAKEMEIER, Gottfried (Ed.). **Presença Luterana 1990**. São Leopoldo: Sinodal 1989.
- _____. Apresentação. In: KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro, 1994.
- _____. **Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- _____. OASE e sua história na IECLB. In: CONSELHO NACIONAL DA OASE (Ed.). **OASE: festa dos 100 anos: 1899 a 1999**. Blumenau: Otto Kuhr, 1999.
- EISENSTEIN, Zillah. **Patriarcado capitalista y feminismo socialista**. Madrid: Siglo XXI, 1978.
- FERREIRA, Aurélio. **Dicionário Aurélio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIGENBAUM, Ricardo. OASE muito mais que demais. **Revista da OASE - IECLB**, São Leopoldo, mai. 2002.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler et al. **A mulher invisível na teologia e na Igreja**. Nijmegen: Stichting Concilium; Petrópolis: Vozes, 1970.
- FISCHER, Joachin. Identidade confessional. Lições da história. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1974**. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A diaconia de Jesus**: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina. São Leopoldo: Sinodal/CEBI; São Paulo: Paulus, 2001.

_____. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural**: um estudo a partir das comunidades afro-brasileiras e comunhões de mesa de Jesus. 2002. 364f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002.

GAIARSA, José A. **Como enfrentar a velhice**. 3 ed. São Paulo: Ícone, 1993.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia do mal. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIERIUS, Renate. Confessionalidade luterana e mulheres. In: HASENACK, Johannes F.; BOCK, Carlos G. (Orgs.) **Unidade**: contexto e identidade da IECLB. Blumenau: Otto Kuhr, 2006.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GROSSI, Miriam Pillar. **Gênero, violência e sofrimento**: antropologia em primeira mão. 2. ed. Ilha de Santa Catarina: UFSC-Coletânea, 1998.

HASENACK, Johannes F.; BOCK, Carlos G. (Orgs.) **Unidade**: contexto e identidade da IECLB. Blumenau: Otto Kuhr, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Boletim Informativo do Conselho Diretor**, n. 155, 31 mar. 1997.

JOEKES, Susan P. **La mujer y la economia mundial**. México: Siglo XXI, 1987.

KESHAVJEE, Shafique. **O rei, o sábio e o bufão**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-livro, 1994.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEBEDINSKY, Mauricio. **Gramsci pensador político y militante revolucionario**. Buenos Aires: Cartago, 1987.

LIMA, Mayumi S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

MORAES, Maria L.Q. Cidadania no feminismo. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

MÜLLER, Telmo L. **Amor ao próximo**: história da Casa Matriz de Diaconisas na IECLB. São Leopoldo: Rotermund, 1990.

MURARO, Rose M. Mulher Cultura e Igreja. In: SUES, Paulo (Org.). **Culturas e evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991.

NERING, Edeltraud F. et al (Org.). **Retrato das mulheres da OASE**: Quem foram e quem são. Blumenau: Otto Kuhr, 2006.

NERING, Edeltraud F. **Jornal O Líder**, Rio Negrinho, 11 jun. 2006.

NERING, Edeltraud F.; ULRICH, Claudete B.; FANZLAU, Sandra H (Orgs.). **Retratos das mulheres da OASE**: quem foram e quem são. Caderno de memórias. Blumenau: Otto Kuhr, 2006.

- OASE Rosa de Curitiba. **Ata n. 01.** Ata de reunião Diretoria da OASE, Curitiba, 1987.
- OASE Sínodo Norte Catarinense. **Ata n. 01.** Ata da constituição da nova diretoria, Joinville, 1998.
- _____. **Ata n. 02.** Ata reunião ordinária, Joinville, 1998.
- _____. **Ata n. 03.** Ata de Reunião Extraordinária, 1998, Joinville.
- OASE. **Por quê? Como? Para quê?** Guia de comunhão, testemunho e serviço. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- OASE. **Regimento Interno da OASE:** Ordem Auxiliadora de Senhoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Lajeado: Cometa, 1999.
- PALANGANA, Isilda. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky:** a relevância do social. São Paulo: Plexus, 1994.
- PERREIRA, Nancy C. Malditas, gozosas e devotas: mulher e religião. **Mandrágora**, São Paulo, v. 3, n. 3, 1996.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Org.). **História da cidadania.** São Paulo: Contexto, 2003.
- PISKE, Meinrad (Org.). **Centenário Sociedade Evangélica de Senhoras de Blumenau: 1907 a 2007.** Blumenau: Otto Kuhr, 2007.
- PLETSCH, Rosane. Reflexões sobre a diaconia de mulheres no Novo Testamento. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). **Práticas diaconais:** subsídios bíblicos. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2004.
- POTENTE, Antonieta. **Um tecido de mil cores:** diferencia de gênero, de cultura, de religião. Uruguay: Doble Clic, 2001.
- PRADO, Consuelo. Eu sinto Deus de Outro modo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, 1986.
- REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil.** São Paulo: ASTE, 1984.
- ROTH, Vera. Por que existe pouca liderança feminina na IECLB? **Jornal Evangélico Luterano – IECLB**, ano 36, n. 697, jul. 2007.
- SANTOS, Milton. **Espaço & método.** São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- SAUER, Sérgio. Religião e pós-modernidade: anotações esparsas de um debate contemporâneo. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 13, n. especial, p. 55-74, set. 2003.
- _____. **Terra e modernidade:** a dimensão do espaço na aventura pela luta pela terra. 2002. 305f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Brasília, 2002.
- SCHALLENBERGER, Erneldo; COLLOGNESE, Sílvia Antônio. **Migrações e comunidades cristãs:** o modo de ser evangélico luterano no oeste do Paraná. Toledo: EdT, 1994.
- SEABRA, Zelita; MUSZKAT, Malvina. **Identidade feminina.** Petrópolis: Vozes, 1987.

- SINGH, Priscila. **As igrejas dizem “não” à violência contra a mulher**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- SOETHE, José R. **Conexões para uma nova civilização**. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- SOUZA, Marcos A.P. **As cores de Acaraí: uma favela Carioca**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- STARK, Rodney. **O crescimento do cristianismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SUES, Paulo (Org.). **Culturas e evangelização**. São Paulo: Loyola, 1991.
- TAMEZ, Elsa. **As mulheres no movimento de Jesus Cristo**. São Leopoldo: CLAI/Sinodal, 2004.
- VALÉRIO, Adriana. A mulher na história da Igreja. In: FIORENZA, Elisabeth Schüssler et al. **A mulher invisível na teologia e na Igreja**. Nijmegen: Stichting Concilium; Petrópolis: Vozes, 1970.
- WESTHELLE, Vitor. Uma fé em busca de linguagem. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 68-82, 1992.
- ZAHAR, Jorge (Ed.). **Dicionário do pensamento Social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ANEXO 1: Entrevista com a senhora Elma Muller Matzembacher

(Senhora Elma Muller Matzembacher B é natural de Montenegro –RS, de onde saiu ainda criança e fixou residência com seus pais em Piratuba-SC, tem 80 anos, viúva há 34 anos. Desde a morte do marido teve que buscar a sua sustentação. Trabalhou como doceira de um a rede de mercados em Curitiba e cozinheira oficial da Comissão Municipal de Esportes de Curitiba. Atualmente se encontra bastante frágil devido aos problemas de saúde (pulmão e coração). Mora há mais de 40 anos em Curitiba).

Questão:

Na OASE a senhora tem servido durante anos. Através da OASE a senhora serve a Deus e ao próximo. Queremos ouvir da senhora, qual é o sentimento que brota em seu coração quando a senhora vê o resultado do serviço que podes prestar através de suas mãos, através de seus dons?

- Meu sentimento é de felicidade. Gosto de fazer trabalhos. Estou contente por estar na OASE a mais de 50 anos, já participava em Piratuba. A OASE representa muita coisa boa, especialmente é o lugar onde a gente pode ajudar as pessoas. Através das visitas da OASE, da ajuda aos carentes, com sempre realizei com minhas próprias mãos.
- Sou membro da igreja luterana a mais de 62 anos e já ajudei muito nas festas, na igreja e ajudei muito aos pobres.
- Trabalhei muito de boa vontade. Esse trabalho me fez feliz. Sempre fiz tudo o que estava ao meu alcance para fazer e fazer bem. Sempre trabalhei para a igreja porque fazia parte dela. Muitas vezes deixei de fazer minhas tarefas em casa para trabalhar de boa vontade na igreja. Cheguei a dormir no salão da igreja para cuidar dos fornos e da massa da cuca. Valeu à pena. Vale à pena a gente trabalhar para que a igreja venha para frente. É importante ver a igreja crescendo. Porque é um orgulho para a gente ver o progresso do que a gente faz se refletir no fato da igreja ir para frente.
- Também trabalhei muito para a igreja católica. Fiz muito bolo para eles, nas suas festas.
- Sempre fui à cabeça de fazer os bolos na igreja. Eu era a cabeça desse trabalho. Minha função era comandar. Eu mesma cuidava dos fornos a lenha, porque ninguém sabia lidar com esses fornos direito. Sempre tive ajudante, mas ninguém sabia fazer em grandes quantidades. Essa sempre foi a minha tarefa: comandar para dar certo.
- Hoje fico feliz de ver que outros aprenderam a fazer o que eu fazia e que eu posso entregar o meu cargo para os outros.
- No início eu fazia os bolos em casa e levava pronto para a igreja. Assim eu levava o que eu tinha em casa para a igreja.
- Tudo isso só foi possível fazer com Deus. É ele quem a gente podia servir. Tudo que eu fazia colocava nas mãos de Deus e no final agradecia por poder ter realizado. Eu fazia orações de agradecimento em silêncio, só para mim. Na Igreja quem fazia as orações era o pastor, quando ele vinha. Também o meu marido realizava celebrações e orações na igreja. Ele era pregador leigo. Até enterro ele fazia. Ele realizava os cultos na igreja, porque o pastor só vinha uma vez por mês.

ANEXO 2: Entrevista com a senhora Rosemary das Graças Kern

(Senhora Rosemary das Graças Kern tem 62 anos, viúva há 20 anos. É funcionária pública aposentada. Sua formação superior é Letras e sua pós-graduação é em educação especial. Trabalhou muitos anos no magistério e também foi diretora da APAE (Associação de Pais e Amigos de Excepcionais) de Curitiba. É natural de Marcelino Ramos. Mudou-se para Curitiba há 29 anos, sendo que 10 deste trabalhou em Florianópolis na Federação Catarinense das APAES. Antes de se aposentar era membro contribuinte da OASE, participando esporadicamente. Há 3 anos está freqüentando a OASE de Curitiba regularmente).

Questão:

Na OASE a senhora tem servido durante anos. Através da OASE a senhora serve a Deus e ao próximo. Queremos ouvir da senhora, qual é o sentimento que brota em seu coração quando a senhora vê o resultado do serviço que pode prestar através de suas mãos, através de seus dons?

- Servir faz parte da minha história de vida, eu sempre trabalhei em obras sociais. Sempre estive envolvida com questões que fizesse um trabalho por outras pessoas, como é o caso dos PPD's, depois de associações de pensionistas, onde buscamos realizar um trabalho em prol de outras pessoas.
- No caso da OASE eu acho que o nosso grupo faz um trabalho pequeno. Talvez eu olhe para um objetivo que nem seja o objetivo da OASE.
- Na nossa OASE as pessoas se reúnem e o servir é talvez voltado mais para dentro e não para fora, pra dentro da própria igreja. Considerando a OASE como sendo um braço da igreja na comunidade. Que procura ajudar na construção da igreja, no trabalho de ajudar para colocar as coisas materiais. O mais forte talvez esteja no equipar o salão, a igreja para se poder fazer um trabalho lá dentro.
- A OASE não é só um trabalho para dentro das quatro paredes. O trabalho de diaconia também é parte fundamental deste trabalho. Eu às vezes acho que a gente poderia fazer isso e até talvez melhor do que se faz, mas também um trabalho que buscasse as pessoas. Até não aquelas que estão muito longe, mas aquelas que estão em torno da comunidade, talvez os bairros mais próximos. Que fosse um trabalho cristão. Que não fosse objetivo chamar só para a religião, mas para chamar e prestar algum serviço. Isso não é muito fácil, pois as pessoas não estão acostumadas a fazer um trabalho mais social, um trabalho de resgate das pessoas da cidadania pessoas que tem menos condições financeiras em nossa cidade. As pessoas estão mais acostumadas a fazer caridade. Não coloco como culpa das pessoas que estão no grupo, eu é que sou mais ansiosa. Eu é que gostaria de fazer algo maior. Não maior em termo de grandiosidade, mas maior em termo de abrangência.
- Mesmo em se tratando da pessoa portadora de deficiência, o que a gente poderia fazer? Mesmo dentro da igreja, uma idéia que a gente colocou e agora já tem eco é que a OASE tem que dar condições financeiras para manter o culto infantil, como uma forma de incentivar essas crianças a participarem da igreja no futuro. Talvez eu tenha muitas direções que eu gostaria de correr e isso nós ainda não está fazendo.
- Mas acho que em termos que dar as mãos no grupo isso já está acontecendo. Que as pessoas procuram se ajudar. Nem que seja só de uma forma mais amistosa, de dar um apoio moral mesmo que não financeiro, de compartilhar os problemas e alegrias. De compartilhar mais os problemas na OASE isso já acontece.
- Não sou uma pessoa que conheça muita teologia e um conhecimento da igreja. Sou uma cidadã comum que acha que ser cristão é uma questão mais de doação e de melhorar mais a vida dos outros, essa vida aqui. Nisso poderia se encaixar mais a questão da religiosidade.
- O trabalhar com as mãos é uma coisa boa. Porque sempre que você usa as mãos você põe amor no que você faz. Um crochê bem feito, um bordado, até mesmo o fuxico (trabalho manual) ele precisa ser bem feito. Tanto é que esses dias me disseram que já existe uma máquina para fazer fuxico, mas eu disse: a máquina vai fazer perder exatamente a dedicação de fazer de arrumar.
- Tudo que é feito à mão tem contido a dedicação do fazer. Isso é uma coisa importante que tem dentro da OASE. O usar as mãos para demonstrar amor de se fazer às coisas. Tudo o que é feito ali, por exemplo. Uma pessoa com 82 anos fazendo um crochê, é um testemunho de amor, de paciência e de dedicação. Ou então aquela que não sabe fazer o crochê, mas faz o tricô, mas que usa as mãos para fazer um bolo ou no dia em que vai fazer um café. Eu acho que é uma união do físico com o espiritual nessa atitude de realizar as coisas manuais. As mãos são utilizadas para oferecer um benefício ou até alegria para as pessoas.